

INTRODUÇÃO

O atual paradigma do sistema educacional tem sido colocado em discussão no contexto da revolução da informação reforçado, sobretudo, com o advento da internet e de outras tecnológicas que caracterizam o processo de informação. Entretanto este paradigma já teria sido objeto de debate, principalmente com a emergência da TV, suscitando inúmeros questionamentos quer a favor, quer contra. Assim, da mesma maneira que a internet representa hoje um avanço no poder da informação, a TV, ao surgir, permitiu que esta evolução viesse a acontecer.

É mister lembrarmos que anteriormente as pessoas recebiam uma educação na qual ainda não poderia ser pensado o uso do computador como instrumento de ensino, ou, até mesmo, imaginar, por exemplo, cursar o ensino médio pela TV. Até que ponto as pessoas então seriam capazes de impedir tal desenvolvimento ou mudança na estrutura atual?

No que concerne a Mídia TV, percebe-se que comparados à programação atual da tevê brasileira, os filmes e desenhos dos anos 70 parecem tão inocentes quanto os livros de Monteiro Lobato. Que efeitos provocarão, então, os trejeitos que acompanham músicas como a *Eguinha Pocotó*, ou as pegadinhas que povoam as tardes de domingo e a pancadaria dos desenhos de luta japoneses na mente de crianças ainda em formação? Some-se ainda o fato, de hoje, os heróis infantis terem quase sempre suas imagens ligadas a dezenas de produtos. O imaginário e a comunicação são capazes de intensificar a influência sobre as crianças. Elas não estão apenas envolvidas com a história enquanto assistem ao desenho. Os personagens estão nos cadernos e nas mochilas e um universo às vezes violento, invade o dia-a-dia da criança.

Adorno(1995) indica uma das problemáticas a serem apresentadas neste trabalho. Como

realmente acontece o movimento entre formação e informação no processo da divulgação da mídia. “.. *como ver tevê sem ser iludido, ou seja, sem subordinar à televisão como ideologia..*” (Adorno. 1995:79).

Assim vamos percebendo que como adverte Maurício Ferreira da Silva(2005) em seu artigo “*Mídia e Educação: Paradigmas da cidadania*”, “... *parece simples classificá-lo como um sujeito que não trabalha de maneira adequada as informações necessárias...*” impregnar determinados julgamentos e culpabilidades de rumos tomados em função da perda do controle sobre a informação, não é com certeza uma estratégia feliz.

Informação e formação, sem dúvida, constitui um ponto a ser determinado e refutado em vista a realidade e ao seu desenvolvimento desenfreado diariamente. Todos os dias, especialmente através da TV, várias são as informações que invadem nossas vidas e contribuem para uma atitude no dia de amanhã, ou no próximo segundo.

Numa situação *sui generis*, por ela transitam a legitimam-se todos os “aparelhos ideológicos”, acontecendo uma “re-produção” não só do econômico, como das demais instâncias, as quais perpassadas pelos temas citados, impõem-nos uma multiplicidade de abordagens no que tange aos processos de recepção. Com base nisto, coloco a seguinte questão: “a TV, como aparelho ideológico, pode colaborar na formação dos indivíduos críticos”? Para responder, é essencial pensar sobre esta era. Sem sombra de dúvida, a conformidade, a esterilidade e a banalidade são os traços característicos da crítica a este veículo, neste momento.

Ao trabalhar com a ideologia do espetáculo, a TV legitima valores e ideais dominantes, e assim mantém/reproduz a conformidade dos indivíduos ao lugar social em que se encontram, que para a maioria é de exclusão desde o início. Transforma as consciências num campo cujas significações são indistinguíveis das imagens, espetáculos e mensagens, uma consciência sem autonomia, é ingênua em seu olhar (recepção acrítica),

e suas possíveis revoltas tem apenas uma consequência, o conformismo generalizado desvio ao domínio do espetacular que nega ao sujeito qualquer posição narrativa.

A superexposição do mundo, e o avanço superintenso do mesmo sobre o indivíduo, trazem consigo réplicas seriais e repetitivas de identidade as quais, geralmente, não possuem contato verificável com o mundo real. Na tela da TV, as imagens são empilhadas de uma forma que as imitações passam a ser reais e o real assume muitas qualidades de uma imitação privilegiando-se, implicitamente, a esterilidade que incita à cópia e ao trabalho de superfície no lugar da criação autêntica.

Ao estetizar, espetacularizar e simular a realidade, a TV mascara a complexidade dos fatos/idéias, apresentando as coisas com alto grau de simplificação, legitima a banalidade pós-moderna em todos os sentidos, desde o conhecimento à própria vida, estetizada inclusive em suas desgraças.

Cada gesto/imagem/fala apresentados na tela, são movidos por estes elementos. Porém, aqui entra o papel da escola. O uso da TV como recurso pedagógico deveria munir os indivíduos com uma “capacidade analítica” para que pudessem discernir as ideologias subjacentes em cada ato televisivo, e suas consequências.

Há também em cada gesto/imagem/fala (implícita/explicitamente), um viés político econômico, e/ou sócio-cultural para uma análise leve, que desperta interesse, e que colocaria a escola na linha da resistência da teoria crítica da pós-modernidade.

Questiona-se então, até que ponto, a imagem da televisão – sendo a televisão o objeto definitivo e perfeito desta era, nosso próprio corpo e todo o universo circundante transformam-se numa tela de controle?

Será que a estetização, espetáculo, informação e comunicação numa proliferação

desenfreada (“excrecência”), perda de interioridade, e inúmeros outros temas, colocam a televisão como peça fundamental na formação da condição sócio-cultural pós-moderna?

A leitura ideológica propiciada pela TV, e desenvolvida pela escola, seria um excelente exercício para a construção da autonomia/cidadania, uma das formas de se neutralizar a conformidade, a esterilidade e a banalidade desta era. Do contrário a TV poderá continuar deseducando, desinformando e deformando. E a escola também, por falta de uma ação renovada e inteligente como nos indica Debord (2000) citado por Borges e Martins (2005). Sobre o papel da mídia nas “sociedades da informação”, nossos autores advertem para uma profunda reflexão, ao afirmar:

“Podemos também pensar a mídia como parte de um sistema muito complexo – as sociedades industriais altamente tecnificadas – e como tal, desempenhando funções específicas, econômicas, políticas, ideológicas educativas. E então teremos que estudar os resultados, buscando verificar a eficácia da mídia no desempenho daquelas funções”. (p. 49)

Como buscar amenizar tal impacto? Como perceber na escola uma aliada perfeita em vista a esta problemática? Esta responsabilidade a quem pertence? Erramos enquanto sociedade? Erramos enquanto profissionais da comunicação e da educação? Como preparar o cidadão para o desenvolvimento e crescimento da informação na mídia televisiva hoje? São muitas as questões a serem tematizadas. Como já aborda Leite(2000) em seu artigo *“A influência da mídia educação”*.

“...Sabemos que o conhecimento não é uma condição inata do ser humano, nem algo pronto e externo a si próprio. Tampouco nos contentamos em considerá-lo como uma construção ordenada e linear. Entendemos o conhecimento como o resultado de uma rede de relações sociais, culturais, físicas e simbólicas, onde diferentes influências e fatores constituem os objetos de conhecimento e os sujeitos cognoscentes. Assim, o homem é criador e criatura da sociedade, produto de suas próprias produções e de suas instituições. E o conhecimento acontece em uma rede, com muitos fios e diferentes tramas”(p. 01).

CASTELLS (1999) vê na Internet “o fundamento tecnológico da forma de organização social apropriada à era da informação: a rede”. Suas referências às comunidades virtuais da rede são a da aceitação do novo modelo de comunicação. As comunicações em

rede são o antídoto ou contrapeso ao individualismo que, com razão, ele nota ser uma das forças impulsionadas da era da informação. “A grande mutação da sociabilidade nas sociedades complexas está portanto, passando por uma mudança, na forma do seu principal laço social: as redes estão substituindo as comunidades territoriais”.

Dessa forma pode-se considerar, que é o homem em sua sapiência que enreda todos os outros para que o acompanhem, que se apropriem do saber que ele mesmo construiu e o qual transforma com a aquisição de novos conhecimentos ou com a cópia de outros em torno da cultura que se adquire ao longo da existência.

O objetivo do estudo é observar a influência da mídia no aprendizado. Se a Televisão, em especial, tem realmente o peso que se atribui a ela no contexto da escola. Seria a Televisão somente um meio de comunicação, ou a informação por ela passada chega à criança e ao adolescente de forma a fazer com que eles se instruam, que eles aprendam. Isso pode ser comprovado pela escola? Os formandos para o magistério têm contato com a mídia de forma a poder utilizar esse instrumento com eficácia, quando estiverem em sala de aula?

Não podemos negar, portanto, que está lançado um dos grandes desafios da escola moderna, pois a ela, cabe também, no processo de formação dos indivíduos, como nos diz Ruberti em seu artigo Mídia, Educação e Cidadania: a alfabetização tecnológica audiovisual dos indivíduos para a sua própria sobrevivência na sociedade da Informação. Encontramos respaldo também em Bacegga: “a tecnologia chegou para ficar. No campo da educação, o desafio maior é a busca da incorporação dessa tecnologia na dimensão sócio cultural.”

Daí então, buscamos identificar, no processo ensino-aprendizagem, qual a contribuição da mídia TV para a prática pedagógica? Como o profissional tem relacionado à mídia com a sala de aula? Como o aluno-professor vê o papel da mídia na educação? Como a

televisão pode contribuir na formação crítica do cidadão? Qual a importância do uso da TV como recurso na formação de professores?

Observa-se, que as crianças passam hoje mais tempo aprendendo sobre a vida na mídia do que em qualquer outra forma. A mídia eletrônica é um professor notável para a juventude de hoje, bem possui uma forte atração. A combinação de informações visuais com auditivas torna a televisão, muito mais atraente do que outros meios de comunicação de massa, tais como os livros.

Tradicionalmente a família, a religião e a escola exerciam a principal influência sobre o desenvolvimento intelectual, emocional e moral de uma criança. Os meios pelo quais essas influências continuam a se efetivarem se alteraram. Assim é que através do televisor percebemos uma grande influência e impacto crescente sobre outros meios.

Diz D'Ambrósio 2003,

“As novas tecnologias da informação e comunicação afetam profundamente os processos de geração, organização e difusão do conhecimento o que tem grandes conseqüências nos sistemas de propriedade material e intelectual, de produção de economia e por tanto, no cotidiano”. (p. 01)

As razões que conduzem o interesse por esse objeto de estudo, a Mídia Televisiva e a Educação, decorrem de minhas observações como professor de ensino fundamental e como profissional da comunicação, onde tive a oportunidade de constatar que, a cada dia, fica mais evidente a interferência da mídia, especialmente a televisão, na formação do sujeito. Entendo, portanto, que as instituições educativas, sejam escolas ou universidades, precisam discutir essa questão – a influência dos meios de comunicação, sobretudo a tv, na educação.

Isso se torna fundamental na formação do cidadão crítico. “Dominar a linguagem da televisão para não ser dominado por ela. Perceber os truques da telinha, compreender

sua técnicas de persuasão, demonstrar sua magia para ver como funciona”. (Belloni, 2001, pág 68)

Infelizmente nem todos os cidadãos brasileiros têm acesso a todas as instituições que eles mesmos produzem. A televisão é uma exceção. Ela entra em todos os lares, confundindo o público e o privado; a realidade e a ficção; o próximo e distante; o passado, o presente e o futuro. Já que a criança, ou a maioria daqueles que vêm TV, recriam aquilo que vêm conforme seu interesse. É importante observarmos quais os intertextos que a criança percebe ao ver TV. Ela é uma representação simbólica do mundo real, mas ela também é um meio de transmissão de informações claras e diretas, como no caso dos telejornais e dos documentários. É necessário que a criança perceba claramente a diferença entre a informação que a TV transmite e a diversão e a fantasia que a TV proporciona. O professor pode e deve ser um instrumento real na formação de um ser humano reflexivo.

Diz Belloni 2001,

As mensagens da telinha, porém, também agem por impregnação, de modo quase subliminar, pois o “conteúdo” é mascarado pela forma, por apelos comunicacionais muito eficazes, tais como alusões arquetípicas, situações humorísticas ou de grande dramaticidade, personagens vividos por galãs ou atrizes muito apreciadas. (pág 40)

Isto quer dizer que, a utilização das novas tecnologias como recurso pedagógico atribui a escola uma grande responsabilidade. Assumir de forma criativa a dinâmica seu papel primordial de educar, buscando através do uso dos meios de comunicação o cuidado em não permitir a substituição da formação pela informação compreendendo a necessidade de textos e livros didáticos sobre outras formas de linguagem, seja priorizando a formação do senso crítico e apurado ou buscando a suspensão de estereótipos que ainda cerceiam esta relação.

Eis o grande desafio: perceber em todo esse processo mecanismos que possam auxiliar no processo de formação crítico do cidadão da *“Idade da Mídia”*.

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA

A MÍDIA

Não são restritas as pesquisas e análises sobre a influência da mídia na educação. Uma prova disso está na 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada entre 19 e 23 de abril de 2004, no Rio de Janeiro, que reuniu, pela primeira vez na América Latina, os mais importantes profissionais da indústria de mídia e pesquisadores da área. Organizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Multirio, o evento contou com o Fórum dos Adolescentes, que teve a participação de 150 jovens de 12 a 19 anos, vindos de vários países com o compromisso de traçar ações conjuntas por uma mídia de qualidade. Participaram ainda 2.600 pessoas de 70 países e 300 jornalistas de todo o mundo cobriram o evento.

A formação e a informação se misturam de tal forma que dificultam a visualização dos recursos de diferenciação entre uma e outra. O problema tomou proporções que mereceu a atenção especial de Rubem Alves (2003).

Minha paixão pela educação tem também suas paisagens. E as paisagens que me comovem agora que já sou velho, não são as mesmas que me pareciam quando era jovem. O problema está nas coisas que são possuídas por serem amadas, a despeito de sua inutilidade. (p. 07)

Assim, nos percebemos comprometidos com a necessidade de pensar este indivíduo nesta formação e em meio a tantas informações em tão considerável velocidade constatada nesta “Era da Mídia”. Em seu livro *Sapiência e Ciência*, Rubem Alves (2003) escreve uma carta a Roberto Marinho. Nesta carta algumas partes nos fazem entrar nossas expectativas em relação à comunicação e à educação, por isso aqui retratamos determinadas partes que merecem ressaltadas:

o anjo trouxera o pássaro, O pássaro era a semente engravidante. E, como é sabido nos poemas sagrados o Pássaro é o Espírito. Maria foi engravidada pelo Pássaro divino. Acredito que muitas gravidezes acontecem pelo ouvido, ora o que era no ouvido era palavra. (p. 16)

As informações por mais que nos policiemos no sentido de buscar interpretações pouco comprometidas com questões ideológicas, infelizmente, ainda nos vemos comprometidos com tais questões. Os ouvidos são engravidantes, as palavras nos fazem gerar idéias que criamos especialmente a partir da germinação do espírito – a mídia.

O Senhor (o autor aqui faz referência direta a RobertoMarinho) já notou que os ipês florescem no inverno? Sabe por quê? No inverno é frio e seco. As árvores ficam com medo de morrer. Por isso produzem flores e ejaculam sementes ao vento. Antes de morrer, um grande orgasmo de cor e beleza. Querem plantar suas semente são ventre da mãe-terra(idem: 17)

Rubem Alves propõe o inseminar de palavras e imagens nos ouvidos e nos olhos de todo o mundo, não é uma proposta que envolva os programas educativos que ele ainda cita como “inteligentes belos e inúteis” (Idem: 17. e sim de coisas belas capazes de encher os olhos de águas. Coisas verdadeiras . que não seduzem pela imagem da beleza através da comunicação, mas pela verdade das questões.

A tarefa de tornar belo um povo e um país, assim é superior à tarefa (maravilhosa!) de restauração, preservação e celebração da beleza! e é esse o desafio que lhe lanço: o de ser mais que um simples mecenas, protetor das artes: o Senhor pode ser um artista que arranca da pedra bruta um povo e um país. (Idem: 21)

Debord (2000) alerta que a leitura ideológica propiciada pela TV, e desenvolvida pela escola, seria um excelente exercício para a construção da autonomia/cidadania, única forma de se neutralizar a conformidade.

Podemos também pensar a mídia como parte de um sistema muito complexo – as sociedades industriais altamente tecnificadas – e como tal, desempenhando funções específicas, econômicas, políticas, ideológicas educativas. E então teremos que estudar os resultados, buscando verificar a eficácia da mídia no desempenho daquelas funções (p. 49).

A imprensa é um fenômeno recente com mais ou menos 300 anos de existência, e no principio a serviço da sociedade burguesa e suas atividades lucrativas.

Até o século XV, vários tipos de matérias foram utilizados para a transmissão de informações, tais como o papiro, linho, algodão e o pergaminho, porém somente após o séc XV que a melhoria do papel fez a diferença na transmissão das informações.

A partir de 1438 o Alemão Gutemberg, utiliza-se de um invento chinês a tipografia, e transforma os tipos de madeira para chumbo, oportunidade em que torna as composições mais convincentes.

Esta primeira fase da imprensa foi marcada principalmente por dois fatores decisivos para a sua evolução, a escolaridade (grande parte da população era analfabeta) e o poder aquisitivo (papel impresso era muito caro).

Neste período as Gazetas estavam divididas em duas partes as gazetas manuais (totalmente manuscritas e de maior credibilidade) e as impressas. Esta foi a forma como deu-se início ao intercambio mundial (1400 a 1600) e pode ser considerado a primeira fase da globalização, pois ligou-se o comercio entre as Cidades Italianas e o Oriente, divulgou-se as Grandes Descobertas e até mesmo as novas formas do Mundo.

As centrais de correspondências estavam nos centro de atenção (Veneza, Áustria, etc.), e divulgava somente os interesses pelo comércio, pelas técnicas e curiosidade sobre as viagens.

Como as Gazetas impressas eram pagas por assinatura, e a um alto custo, havia alguns problemas, tais como o conflito de informações, o que tornou lenta a sua expansão.

Este período também pode ser considerado o período heróico do jornalismo.

No século 17 tem início a contra reforma, e com ela a reestruturação das sociedades, inclusive com um grande significativo aumento do poder aquisitivo, além da liberdade de expressão o que levou a um avanço no consumo de jornais.

Segundo Borin (2001) este período ficou marcado principalmente pelo artigo 11 da Constituição francesa (26/08/1789). A livre comunicação, e neste período de liberdade de imprensa, os meios de informação escritos aumentam em um curto período o que não havia acontecido nos últimos 200 anos. Em apenas 2 anos e 6 meses surgem nas cidades francesas 680 jornais. O que levou a condições básicas para o surgimento da imprensa moderna.

A transformação da Imprensa em mercadoria foi um processo que levou a materialização de produtos como forma de ganhar dinheiro, principalmente nos Estados Unidos da América que teve um processo de urbanização rápido e com a transformação dos centros comerciais (Baltimore, Nova York) e foi uma forma de gerar lucros nunca vistos antes.

O Rádio trouxe uma nova fase ao papel do jornalismo, pois foi um grande instrumento revolucionário, já que este novo instrumento de comunicação inseriu os não escolarizados nos meios de comunicação. Então com o advento do rádio o jornal falado torna-se uma aldeia global.

Hoje estamos em fase de uma nova revolução, onde o necessário não é a reflexão, mas sim os meios tecnológicos e tornou a Internet uma nova base comunitária.

O desafio para um futuro próximo é a televisão digital que deverá romper com o formato atual, trazendo até os indivíduos centros computadorizados, a criação de novas referências e arquivos de interesses e sem dependência de editores e ainda com baixo custo, levando a uma nova forma de alfabetização mundial.

No Brasil a Colônia portuguesa era decadente e não tinha qualquer tipo de imprensa, os jornais que vinham para o Brasil eram produzidos na Inglaterra e chegavam com pelo menos 30 dias de atraso, pois vinham de navio.

O primeiro jornal brasileiro foi o Correio Brasiliense (Armazém Literário, 1808) com uma

tiragem de 200 a 800 exemplares e tinha reflexões sobre a política brasileira. Surge também a Gazeta do Rio de Janeiro (trabalhando para o governo).

Somente após a segunda década do Século XX temos o advento dos jornais que hoje são conhecidos do nosso dia-a-dia em 1921 nasce a Folha de São Paulo, 1925 O Globo e o Diário de São Paulo, grande parte desse impulso se deu com o processo de modernização e renovação cultural através da semana de arte moderna (1922).

O Brasil conta hoje com 400 diários (jornais) com cerca de 8.000.000 exemplares diários durante a semana e 12.000.000 aos domingos que é um número bastante pequeno, como dado comparativo a Argentina que tem um quinto da nossa população tem a mesma tiragem do Brasil. As agências de informação são fechadas e formam verdadeiros monopólios, vinculados aos veículos de comunicação arrendados a terceiros. As televisões estão fundamentadas em verdadeiros oligopólios.

A Rede Globo com cerca de 45% da audiência, 200 emissoras e 75% do faturamento publicitário está em 1º lugar neste patamar.

No setor de jornais escritos, o domínio é de família, sendo que a maioria dos diários brasileiros tem uma tiragem entre 15.000 e 45.000 exemplares e vivem principalmente as custas de publicidades oficiais dos governos municipais, estaduais e federais.

As revistas estão centradas na Editora Abril e Globo com 90% do mercado de revista no Brasil.

Para que possamos entender o significado real da palavra mídia, encontramos no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa(2002), a seguinte definição no item relacionado à comunicação.

Mídia é todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens; meios de comunicação social de massas não diretamente interpessoais (como p.ex. as conversas, diálogos públicos e privados) [Abrangem esses meios o rádio, o cinema, a televisão, a escrita impressa (ou manuscrita, no passado) em livros, revistas, boletins, jornais, o computador, o videocassete, os satélites de comunicações e, de um modo geral, os meios eletrônicos e telemáticos de comunicação em que se incluem também as diversas telefonias].

Sendo assim estamos cercados por todos os lados, pois todos esses meios de comunicação são hoje, as fontes de comunicação com as quais convivemos cotidianamente. E se pensarmos um pouco, estamos muitas vezes mais em contato com eles, que com os nossos familiares.

Senão vejamos, acordamos ao som do despertador do nosso rádio-relógio, fazemos nossas refeições muitas das vezes vendo TV, quer seja em casa ou no escritório, ficamos ao telefone repetidamente ou usamos o computador para realizarmos as nossas atividades funcionais, ao chegarmos em casa ligamos a TV e ficamos em frente a ela e até, a deixamos ligada enquanto dormimos.

Isso não poderia ser de outra forma com nossos filhos, pois somos os exemplos que eles seguem. Se a educação começa em casa, será que os estamos educando devidamente?

Analisemos então o poder que a mídia tem exercido na vida cotidiana das pessoas em suas especificidades.

A televisão, por sua vez, tem assim, uma presença marcante na vida das pessoas. É quase, se não se pode dizer, “um membro da família”.

Lima (1982) diz que,

A televisão, se não pode ser considerada a maior invenção do século XX, foi sem dúvida a mais polêmica. Seu alcance e poder de penetração causaram grande temor entre aqueles que a viam como um instrumento de manipulação e controle social. Alguns idealistas, no entanto, chegaram a acreditar que, se

utilizada pelas massas, ela poderia revelar um enorme potencial emancipador. Ao mesmo tempo em que a TV triplicou o volume e a velocidade de circulação de informações nos quatro cantos do planeta, o ritmo frenético das imagens na tela inviabilizou qualquer possibilidade de contemplação e reflexão. O discurso televisivo foi duramente taxado de superficial e alienante. Muitos também denunciaram a passividade do telespectador, inerte em seu sofá e sem direito de resposta frente a unilateralidade do novo veículo. (p. 67).

O autor nos coloca diante do dia-a-dia das pessoas em geral, contudo necessitamos saber que efeito esse meio de comunicação provoca em crianças e adolescentes.

Fischer (2001) diz que, “esse meio de comunicação se tornou para nós, *especialmente para nós, brasileiros*, absolutamente imprescindível, em termos de lazer e informação.”(p.51-52)(grifo do autor)

Essa observação nos diz toda a verdade, e quando falamos que é imprescindível, é um fato, pois é a partir dela que tomamos contato com o mundo, qualquer que seja a classe social, uns mais outros menos. A televisão tornou-se o elo com o mundo, mas ao mesmo tempo provocou o afastamento entre as pessoas. Ela tem sido ao mesmo tempo maléfica e benéfica. Pois ao mesmo tempo que faz com as informações cheguem com mais rapidez aos lares, afasta as pessoas do convívio com os demais.

Na realidade, com o advento da televisão e sua rápida popularização, a maneira de ver o mundo se ampliou drasticamente. Diante da constante evolução tecnológica deste veículo de comunicação de massa, e do futuro da informação cada vez mais real e interativa, se faz necessário que as instituições socializadoras, ou seja: família, igreja e escola, promovam reflexões sobre os impactos que a tecnologia informativa está causando em crianças e adolescentes e o que pode ser feito para promover uma educação contínua para a mídia.

É fato que a geração pós-TV experimentou mudanças sociais profundas, causadas em grande parte pela influência dos programas de TV. Ao mesmo tempo que a televisão é considerada um instrumento socializador (porque ensina a olhar o mundo e o

telespectador aprende por meio de suas informações), a TV também é considerada um instrumento alienante. Todavia, essa alienação não está no aparelho em si, mas na atitude de quem assiste sem o mínimo de visão crítica.

Esse fato também tem influência na educação das crianças e adolescentes, uma vez que, embora haja uma censura prévia nos programas apresentados, essa censura acaba sendo liberal demais, à proporção que os pais não limitam os horários para seus filhos diante da TV.

Muitas são as opiniões e nem todos concordam que esse meio de comunicação esteja trazendo bons resultados à educação, pois não há um crivo real para as apresentações da televisão, além do que, a exploração dos meios de publicidade são muito direcionadas as crianças e adolescentes, que por isso tornam-se a cada dia os maiores consumidores de tudo o que é apresentado na 'telinha'.

Consoni (2005):

O imaginário infantil numa sociedade dependente da mídia, está sujeito a manipulações que transformam os seus estágios naturais de formação e crescimento e os direciona para uma existência servil e utilitária no interesse agressivo da perpetuação do 'modus vivendi' até então estabelecido. (www.aliancapelainfancia.org.br)

É essa a impressão que todos, sejam pais ou educadores e a sociedade de modo geral têm sentido nos últimos tempos, pois a criança tem se comportado conforme o que vê na televisão, principalmente se ela não tem uma assistência devida, isto é, se seus pais ou responsáveis, pelos mais diversos motivos os deixam entregues completamente à televisão sem que tenham outras atividades físicas, por exemplo.

Além disso, os pais não percebem que, agindo dessa maneira, estão contribuindo para que as crianças acabem acreditando que seu valor está depositado nos bens materiais que possuem. E isso pode acarretar frustrações tanto para aqueles que têm

seus desejos de consumo satisfeitos, por proporcionarem grandes chances de transformá-las em adultos neuróticos e incapazes de enfrentar a sociedade que as cerca, quanto para as crianças cujas famílias não podem atender aos seus apelos, pois diminuirão a sua auto-estima.

Porém as escolas podem também usar a televisão como meio educativo, uma vez que o Ministério da Educação disponibiliza o canal da TV educativa como meio de educação e conhecimento. Além disso, a Globo também disponibiliza o Canal Futura que está totalmente voltado para a educação. Falta a escola cuidar da programação desses canais e através deles iniciar a educação através da mídia.

Como todos sabem, já os jornais e revistas não são a mídia presente em todos os lares, pois não são bens comuns e nem interessam a todos. Mas, contudo uma boa parte da população os lêem e mesmo essa parte que é considerada a letrada, a intelectual é manipulada por ela. São matérias muitas vezes tendenciosas que deseducam e levam a população e nela estão incluídos os adolescentes e universitários que algumas vezes não possuem o devido conhecimento ou sabedoria para separar o 'joio do trigo'.

Faria(2002) afirma que “o jornal é também uma fonte primária de informação, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional”(pág.11)

Ela considera que o jornal é um formador da cidadão, contribui na formação do estudante e que ainda pode ser influir no correto uso da língua padrão, pois se a leitura do jornal for bem conduzida, ela prepara leitores experientes e críticos para desempenhar bem seu papel na sociedade; a leitura crítica do jornal aumenta a cultura e desenvolve suas capacidades intelectuais; além disso os bons jornais oferecem uma norma padrão escrita que serve de ponto de referência para a correção na produção de textos.

Há no entanto que haver um planejamento pedagógico para que possa ser possível uma troca de idéias e um diálogo através dos textos e de relatos de experiências.

O jornal e as revistas na sala de aula são hoje uma realidade em grande parte das escolas, haja vista grandes jornais em circulação como o 'Estado de São Paulo' que proporcionam aos estudantes do estado de São Paulo um estudo mais profundo das matérias que ali circulam. Esse tipo de atividade jornalística é utilizado especialmente nas grandes capitais, isso porque nas pequenas cidades a imprensa local não tem muita projeção nem conteúdo que possa ser passado à escola como referência.

Nos últimos anos, editores de jornais do Brasil, organizados na Associação Nacional de Jornais - ANJ, conscientizaram-se de que a imprensa não se encontra diante de uma implacável marcha para a obsolescência e para a extinção. Os jornais têm um futuro, e esse depende muito de movimentos estratégicos das próprias empresas como a preparação do leitor do futuro, o que pressupõe não apenas a melhoria dos índices nacionais de instrução, mas também a formação do hábito da leitura de jornais, adquirido, em geral, em certos momentos críticos da vida das pessoas. Esses momentos variam de sociedade para sociedade, embora tenham algumas semelhanças. (Jornal Diário do Nordeste/CE – 01/07/2005).

Como revista podemos exemplificar 'Veja na Sala de aula' que é hoje utilizada em quase todas as escolas do país. Apresentada da mesma forma que a Veja que é distribuída para as bancas de jornais leva para a escola o 'guia do professor' que facilita o trabalho do professor direcionando-a para os mais diversos assuntos em todas as disciplinas. Como se pode ver a mídia não está voltada apenas para o entretenimento, para a diversão e para a exploração de temas mil, ela também está ligada à educação.

Os autores discutidos nesse capítulo nos falam sobre a mídia na educação, apontado para novos conhecimentos a serem processados a partir de sua utilização na sala de

aula. Nos mostram como a mídia se desenvolveu através dos tempos, quer seja por meio do advento do rádio, da televisão, do desenvolvimento cada vez mais crescente dos jornais e das revistas. O que nos leva a discutir, procurar saber como esses meios de comunicação de massa podem chegar a educação promovendo o crescimento do indivíduo.

CAPÍTULO II

MÍDIA E EDUCAÇÃO

Neste capítulo sintetizamos algumas contribuições de alguns teóricos, instituições e pesquisadores engolfados nas questões educacionais que atravessam o uso da mídia e seus efeitos na perspectiva de formatar o objeto do estudo.

Segundo Silva(2005),

no mundo moderno a escola ganhou um auxílio no processo de formação: os meios de comunicação. Resultado das transformações tecnológicas surgidas no século XX, a mídia exerce um papel determinante na formação do sujeito coletivo. Todo este aparato técnico desenvolvido principalmente nas últimas décadas deflagra a importância do sistema de comunicação eletrônica na organização e controle da sociedade. Além de diversos fatores relacionados à mídia – que trabalharemos em outra oportunidade – um deve aqui ser ressaltado: a função de transmissor de valores. Esta capacidade de fazer parte do processo de formação faz com que a ausência dos veículos de comunicação seja inconcebível na complexa organização das sociedades modernas. Exemplo disso é que atualmente o mundo pode se comunicar de uma maneira bastante ágil e fácil, mostrando que a vida social tem nestes veículos um suporte necessário. (www.sociologia.org.br)

Silva (2005) nos mostra que não há hoje políticas públicas como prescindir da mídia na educação, ela já está se enraizando nos meios acadêmicos, a ponto de algumas Secretarias de Educação voltarem seus programas para o trabalho com ela como é caso da SEE¹ do Estado de Minas, que procurando renovar o conhecimento e a qualidade de ensino, tem procurado dar ao corpo docente de todo o estado, subsídios para que ela seja trabalhada de forma mais contundente permitindo aos alunos do sistema educativo entender o que ela representa em suas vidas, entender o que ela repassa como conteúdo de vida e de conhecimento².

¹ Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais

² Escola Referência 2004

As empresas e corporações também são alvo de preocupação educacional dado ao que Steinberg chama o “tecnopoder”.

Steinberg (1997),

partindo do pressuposto da “infância como uma construção cultural moldada”, Shirley Steinberg aponta a necessidade de estudos no campo do “tecnopoder exercido pela mídia”, a ponto de considerar uma responsabilidade cívica dos profissionais em educação deterem-se no que se pode denominar “currículo das grandes corporações”, assim como “seus efeitos sociais e políticos”. Estas corporações criam e veiculam seus próprios mitos, seus ídolos e suas crenças, que representam verdades inquestionáveis para fãs e adoradores, consumidores em potencial, não apenas de seus produtos como também da mitologia propagada pela empresa. Verdades mitificadas são saberes em evidência, discursos tidos como “certos”, aceitos sem inquietações, dificilmente questionados pelo senso-comum. (www.cedes.unicamp.br)

Gomes(2001) nos alerta para o fato de que se deve observar a influência exercida pela mídia na educação das crianças, pois não se pode dar como verdadeiras todas as informações nela veiculada, distorcendo assim o poder de criticidade que essas crianças poderiam adquirir se não estivessem tão ligadas nesses meios de comunicação, e consideramos nesse caso em especial a Televisão.

Alguns estudos referem-se a fabricação pela mídia de mitos, símbolos e imagens de verdades que afetam a formação de identidades.

Fischer(1996) observa que não apenas no Brasil, mas também em âmbito mundial, os meios de comunicação constituem-se como lugares de circulação e legitimação de saberes dos mais variados campos, de modo que, ao abordar a “condição da mídia como produtora de verdade”, e que para ela há

a necessidade de uma análise que possa situar-nos nesse presente em que a imagem, o fato de “ter aparecido na TV” ou ter merecido qualquer espaço nos jornais e revistas configura poder, produz efeitos nas pessoas, constrói um tipo especial de verdade. (p. 126)

Ainda segundo Gomes(2001), a “verdade” presente nos saberes estabelecidos pela mídia,

tecida nas redes simbólicas das quais emergem discursos dos mais variados campos, produz modos de ser que contribuem na formação de subjetividades. Na medida em que é também construtora e propagadora de imaginários, a mídia serve de referencial para a produção das identidades.

Sabe-se que não há como hoje tantas crianças grudadas na telinha, pois o medo do mundo exterior força as famílias a deixar seus filhos a mercê da televisão, quando se procura dar a elas a segurança do lar. No entanto essa segurança muitas vezes termina por mostrar um lado do mundo que não se quer adiantar a vida dos filhos, tal como a agressividade, a violência e o mundo das drogas, da marginalidade e da fantasia que é transmitida pela TV.

Trabalhando com o pressuposto de que a aprendizagem profunda muda nossa identidade, vemos o processo pedagógico como processo que envolve nosso desejo (nossa ânsia por algo além de nós mesmos, uma ânsia moldada pelo contexto social no qual atuamos, por nosso investimento afetivo naquilo que nos rodeia), captura nossa imaginação e constrói nossa consciência. (p. 102)

Isso é o que nos mostra Steinberg, isto é, a afetividade e o encantamento na aprendizagem que recebemos constróem de nosso consciente, e se o que o nós recebemos, apreendemos esse processo como verdadeiro e com certeza o externaremos quando for necessário.

Os estudos de Belloni (2001) destacam o encanto com os artefatos midiáticos, como observa:

o fascínio que estas máquinas (televisão-vídeo games) exercem sobre crianças e adolescentes pode levar a situação de mania e/ou dependência, na medida em que as pessoas se desligam facilmente da realidade física e socioafetiva circundante para se ligarem em alguma dessas realidades virtuais, propiciadas por uma dessas máquinas maravilhosas (p. 7).

É exatamente isso que se teme nos dias de hoje, e além disso existem hoje as Lan House⁴ que viciam ainda mais esse segmento da sociedade que são as crianças e são

⁴ O conceito de LAN HOUSE é uma novidade nas alternativas de entretenimento que foi inicialmente introduzida e difundida na Coréia em 1996. Utilizando a moderna tecnologia como meio, as LAN HOUSES estão iniciando uma revolução nas opções de entretenimento, permitindo a interação entre dezenas de jogadores através de uma rede local de computadores.

adolescentes. Educar é um processo de formação contínua e permanente para o exercício da cidadania. Acontece nos mais diversos espaços: escola, família, comunidade, trabalho, entre outros. Prepara o cidadão para pensar, refletir e analisar o mundo de forma crítica, reconhecendo as diversidades e contribuindo para superar as desigualdades sociais. A informação é um fator fundamental para a educação e ela é um veículo para a formação do cidadão. Se ela não existe, existem lacunas nessa educação.

Duarte (2006)⁵ observa: ‘Acredito não restarem mais dúvidas de que a informação e a formação são os elementos mais estratégicos para uma nação — ao contrário do que se acreditava bem pouco tempo atrás, quando havia a crença de que recursos naturais ou industriais eram os pontos estratégicos’.

E acrescenta “sem o fator ‘formação’, a informação não tem valor algum, pois a capacidade de análise dos dados é imprescindível para a manutenção de uma organização e de um país em longo prazo”.

Para Rivoltella⁶ (2006),

antigamente, o binômio mídia-educação era entendido apenas como um movimento que incentivava o uso dos aparatos tecnológicos (da mídia) no cotidiano escolar. Hoje, o conceito é outro, evoluiu. Mídia-educação é muito mais do que isso: é um campo de pesquisa e de ação que ultrapassa os muros da escola e que, portanto, merece estudo e atenção. Na Itália, estas duas áreas (comunicação e educação), infelizmente, não dialogam entre si. Os educadores não estabelecem nenhuma ligação com a mídia. Já os comunicadores acreditam que as questões educacionais não lhes dizem respeito - são problemas dos educadores. É muito difícil convencer os educadores de que a mídia é parte do processo de suas ações. Eles entendem a mídia apenas como ferramentas opcionais do seu trabalho diário na escola. (<http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia>)

⁵ Roberto Dias Duarte, é administrador de empresas, comMBA pelo IBMEC BH, e diretor de produtos e novos negócios da Mastermaq Informática. Atua, desde 1988, na área de tecnologia da informação. Trabalhou em empresas como Mannesmann, ATT/PS e Datasul.

⁶ Pier Cesare Rivoltella Professor da Universidade Católica de Milão e vice-presidente da *Associazione Italiana per l'educazione ai media e alla comunicazione* (MED), Pier Cesare Rivoltella, esteve recentemente no Brasil ministrando um seminário para educadores no Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), onde atua como pesquisador associado ao Grupem - Grupo de Pesquisa Educação e Mídia, em 2006.

Rivoltella (2006) há que haver um profissional par trabalhar com esse setor e não apenas o educador que seria, o mídia-educador que deve saber trabalhar com a comunicação e deve ter também conhecimentos da área educacional.

Outra referência a pesquisa na formação de professores que contribui para o nosso objeto são as observações de Kenski (2003) sobre a informação inadequada. Ela afirma:

os cursos de formação de professores não abrem espaços para o estudo crítico dessas tecnologias como materiais importantes para o desenvolvimento de processos didáticos diferenciados. A prescrição governamental para a utilização de computadores e internet em educação, tecnologias digitais avançadas, apresenta também esses mesmos problemas de formação inadequada dos docentes, além de outras dificuldades que vão do acesso das escolas e dos professores a estes equipamentos à ausência de manutenção e atualização, à obsolescência rápida dessas tecnologias e à inadequação da estrutura curricular para a utilização plena em projetos interdisciplinares e articulados com outras realidades fora da escola, possíveis de serem realizadas a partir do uso pedagógico pleno e consciente dessas máquinas e seus periféricos. (p. 51)

Kenski nos coloca diante de fatos já percebidos dentro da realidade escolar, os professores não estão devidamente preparados para dar a seus alunos uma formação com a aquisição de conhecimentos da mídia, quaisquer que sejam. A informação não faz parte do dia-a-dia da escola que coloca o conteúdo do livro didático em primeiro lugar, mesmo que algumas vezes ele esteja já defasado em relação a realidade que se modifica continuamente no mundo de hoje onde a TV leva a todos as informações, sejam elas relativas a entretenimentos, quer sejam relativas ao conhecimento científico, histórico ou geográfico em si.

Ao professor, nesta proposta do uso de tecnologia na informação em sala de aula, cabe racionalizar o contato dos alunos (controle do tempo destacado) com os “materiais instrucionais”, dos livros didáticos aos multimidiáticos (Barreto, 2000), prossegue citando Labarca.

Os docentes deixam de ser os principais depositários do conhecimento e passam a ser consultores metodológicos e animadores de grupos de trabalho. Esta estratégia obriga a reformular os objetivos da educação. O desenvolvimento de

competências-chave (...) substitui a sólida formação disciplinar até então visada. O uso de novas tecnologias educativas leva ao apagamento dos limites entre as disciplinas, redefinindo ao mesmo tempo a função, a formação e o aperfeiçoamento dos docentes. (p. 175-176)

A autora (Belloni-2003) aborda o uso das TIC para combate às desigualdades socioculturais, ou seja, como uma ferramenta para auxiliar a formação do cidadão:

o uso pedagógico e, mais especificamente, educacional, de qualquer meio técnico de comunicação envolve não apenas uma reflexão sobre as concepções de educação que fundamentam as práticas e as políticas pedagógicas, mas, sobretudo, a consideração das concepções e representações sobre o meio em questão, sua função social e suas características técnicas e estéticas. A integração dos meios de comunicação mais contemporâneos, que chamaremos provisoriamente de TIC (tecnologias de informação e comunicação), aos processos educacionais é tarefa urgente e necessária pois tais técnicas já estão presentes em todas as esferas da vida social, em muitos casos gerando ou agravando desigualdades socioculturais. Cabe à instituição escolar democratizar o acesso a esses meios, do mesmo modo que lhe cabe alfabetizar a criança, para formar o cidadão livre e emancipado. (p. 71)

Como se vê, do ponto de vista de Belloni, a tecnologia já está aí e por isso deve ser utilizada, uma vez que ela já se estende a todos os níveis sociais; restando a escola dar providências a práticas do uso pedagógica das mesmas favorecendo aos seus educandos uma igualdade de oportunidades, pois possibilitaria a emancipação e liberdade de que carece no mundo globalizado.

Belloni diz ainda que,

O uso simplesmente instrumental das TIC (apenas como ferramentas) corresponde a uma concepção tecnicista e redutora do processo de aprendizagem, enquanto a reflexão pura sobre os conteúdos das mídias pode conduzir a um moralismo ineficaz que afasta os estudantes da escola. A concepção de dupla dimensão do uso pedagógico das TIC pretende dar conta dessas questões apontando para o caráter complexo dos processos cognitivos envolvidos no uso de tais tecnologias, cujas características técnicas e estéticas (formais) devem ser postas em evidência no processo de aprendizagem, para assegurar a apropriação criativa e desenvolver competências específicas, de uso e de produção, nos estudantes e professores (p. 121).

O que nos leva a reflexão. O processo de aprendizagem não deve ficar estagnado apenas no que a mídia apresenta, sem que haja um fim pedagógico que leve a um aprendizado

eficaz, ele deve favorecer a produção criativa e o conhecimento que a informação transforma em formação, pois caso contrário o uso da tecnologia não terá nenhum sentido. Por outro lado, para Certau(1994) as táticas utilizadas pelos meios de comunicação são o retrato do poder, pois têm como finalidade tirar partido, a partir do momento que impõem a maneira como se deve viver, qualquer que seja o país ou língua de uso.

Certau questiona qual o destino de tudo que se recebe da TV, pois nela nada se escreve e a criança mesmo vendo televisão ainda cria sua garatujas no papel. A TV impõe modos de fazer, tendo em vista que ela própria não possui produtos próprios, ela repassa ao consumidor aqueles que também lhe são impostos por seus patrocinadores, intensificando assim a 'gula' dos consumidores por qualquer coisa que lhes é apresentada por ela. Isto se faz através dos usos e costumes de quaisquer pessoas em quaisquer áreas. Dessa forma a TV modifica a rede de relações entre os indivíduos, quando produz língua e transforma o dinamismo das relações. Essa rede de relações contudo não é homogênea, pois ela se trabalha de forma planejada para interesses diversos dos consumidores que a apreciam.

Visto por esse, prisma quem nos pode garantir que o conteúdo educativo de informações que está sendo divulgado pela TV leva ao real aprendizado, a formação que se espera das crianças e adolescentes ou mesmo universitários nos dias atuais, quem nos garante que essas informações não estarão apenas formando futuros consumidores de um capitalismo selvagem, cujos interesses de certa forma se tornarão incomensuráveis pelo fato da manipulação constante de suas idéias.

Certeau aborda os conceitos de estratégias e táticas e assim os define:

As estratégias que têm por finalidade: "um uso específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio" [...] "as táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação

favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um 'golpe', aos cruzamentos possíveis de duração e ritmos heterogêneos, etc"(p. 101/103).

Mais uma vez Certeau fala da manipulação, cujos fins justificam os meios.

Se a própria mídia tem se encarregado de proporcionar ao professor qualificação nesse setor, isso há que se refletir numa prática mais imediata dos instrumentos em sala de aula para a facilitação do conhecimento dos docentes e do posterior repasse de informações de que necessita hoje o educando, para que possa se tornar um cidadão crítico e cômico dos problemas que tem em seu entorno e por conseguinte de soluções que abrangam seus interesses primordiais.

Segundo Vieira (2000)⁷ multiplicaram-se as ações educativas das empresas de comunicação. A Rede Globo celebra os 500 anos do país com ênfase jornalística para as experiências bem sucedidas de ingresso e sucesso escolar e com a campanha de voluntariados Amigos da Escola. Os grandes veículos impressos estimulam a utilização de jornais e revistas em sala de aula. O grupo Abril / Fundação Victor Civita edita a Nova Escola - Revista dedicada a instrumentalizar professores e a discutir a Educação. A Fundação Demócrito Rocha (jornal O Povo, Ceará) investe em material de qualificação do professor.

Schaun(2000)⁸ aborda o posicionamento dos veículos e suas formulações críticas em direção dos anseios sociais, constrói também um espaço educativo na compreensão do mundo contemporâneo.

Enquanto espaço educativo podemos também compreender a mídia como formadora de opinião e principal emissora dos contratos de leitura, na análise discursiva do mundo contemporâneo. Assim, o espaço mediático é ,por

⁷ Geraldinho Vieira. Diretor Executivo da ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância.

⁸ Ângela Schaun Doutoranda em Comunicação da ECO UFRJ, professora da UNIFACS - BA, pesquisadora NCE/ECA/USP e SEPLANTEC/ CADCT - BA e coordenadora do NCEC/UNIFACS/BA.

excelência, um espaço educativo, e, portanto, a sua leitura crítica e cidadã pressupõe refletir e sistematizar informações que possibilitem um maior esclarecimento sobre as demandas da sociedade, conseqüentemente, constituindo-se no espaço público e político privilegiado da atualidade (www.andi.org.br).

Na primeira gestão do ministro Paulo Renato Souza, segundo Viegas(2000)⁹, foi dada à comunicação uma tarefa desafiadora: colocar a discussão do tema educação tão presente no dia-a-dia das pessoas como as novelas e o futebol. Para que ele se tornasse pauta cotidiana, foi necessário estruturar a Assessoria de Comunicação do Ministério e construir uma relação de confiança com os veículos.

Os esforços oficiais com a TV educativa amplia até nossos dias. A TV Escola não só nos grandes centros, mas especialmente nas cidades interioranas é vastamente contactada e passada para as salas de aula, sendo utilizada como fonte de conhecimento e também de capacitação para professores dos mais diversos cantos do Brasil¹⁰.

Essa informação tem seu fundo de verdade, embora nos dias atuais se observe um número de consultas pedagógicas muito grande de professores das mais longínquos cantos do nosso país, que participam do programa de forma interativa, através de fax, e-mail e por telefone.

Contudo é necessário que se leve em conta que com a lei que estabeleceu o Ensino Normal Superior, o número de professores que possuem apenas o curso de magistério está diminuindo, o que pode ser uma esperança para que todos venham a estar em consonância com o conhecimento e as informações que o programa Salto para o futuro

⁹ Tânia Mara Viegas. Jornalista. Coordenadora de Comunicação Social do Ministério da Educação.

¹⁰ O programa Salto para o Futuro, utiliza diferentes mídias - tv, internet, fax, telefone e material impresso - no debate de questões relacionadas à prática pedagógica e à pesquisa no campo da educação. O programa conta com orientadores educacionais, que coordenam os trabalhos em aproximadamente 800 telepostos, distribuídos em todo o território brasileiro e tem momentos interativos que possibilitam aos professores, reunidos nesses espaços, um contato "ao vivo" com os debatedores dos temas em análise. (Ministério da Educação e Cultura, 2006)

proporciona e que por isso, a aquisição de tecnologias e métodos de ensino inovadores se multiplique.

Abicalil (2000)¹¹ comenta uma pesquisa Datafolha, endereçada a crianças e adolescentes, perguntava quais eram a os veículos de comunicação mais importantes para suas vidas. A tv apareceu em primeiro lugar, o jornal, em segundo, e a revista, em terceiro. Apenas 13% dos brasileiros lêem jornais. Entretanto, sua influência na vida das pessoas é fundamental.

Acrescenta ainda que, a educação pública básica como tema é relevante até mesmo pelo seu alcance na oferta e pela demanda social e econômica que representa: são 57 milhões de brasileiros matriculados no ensino público. Mesmo que a imensa maioria deles (e de seus professores) não comprem jornais ou revistas é irrefutável o fato de que demandam notícia.

O que se vê nessa fala é que falta informação na educação, mesmo os professores não estão em contato com a mídia e por conseqüência não formam seus alunos com o conhecimento e com o conhecimento crítico que se pressupõe deveriam ter.

2.1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Quando falamos de Mídia e Educação, esquecemos da qualificação que os professores atuais devem possuir para direcionar suas aulas, seus alunos de forma a fazer com que a mídia seja trabalhada de forma a também educar.

¹¹ Carlos Augusto Abicalil. Professor. Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE

Se considerarmos que ela só deseduca, estaríamos faltando com a verdade, pois se sabe, que há múltiplos destinos dados a ela, tanto por revistas, jornais, rádio, TV e internet. As crianças e adolescentes necessitam, contudo de uma orientação nesse sentido, um hábito contínuo para escolher o melhor, o que lhes acrescenta e não o que lhes agride, prostitui e violenta formando maus hábitos e atitudes.

Está na escola a direção desse processo, no entanto não se vê ainda, qualquer ação nesse sentido. Quase todas as escolas do Ensino Fundamental e Médio do Brasil possuem pelo menos uma televisão e um vídeo que podem ser utilizados com esse fim. Contudo nem sempre há um preparo para esse direcionamento. Os professores parecem não perceber a utilidade desse meio de comunicação.

Em entrevista ao Jornal do Brasil através de *Eliane Bardanachvili*, em 2001, Nilda Alves pesquisadora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) apresenta uma crítica ao processo de formação de professores e a necessidade de domínio da tecnologia.

Hoje, utiliza-se largamente a televisão na formação do professor, na sua ação pedagógica, com programas especialmente criados para isso, como o do Ministério da Educação (TV Escola). Mas como fazer isso sem que se saiba como cada professor recebe e lida com esse instrumento? É preciso ouvir o professor e verificar a memória que ele tem das múltiplas experiências que já viveu com televisão.

Acrescenta ainda essa pesquisadora:

Hoje, oferece-se à escola a televisão, o vídeo pronto, mas não se dá aos professores uma máquina de fazer vídeos. É preciso fazer o professor se descobrir capaz de criar um vídeo. A TV Pínel, por exemplo, tem feito isso. Torna pessoas produtoras de conhecimento. O professor não pode se restringir a olhar o que outros produziram. Ele e também os alunos têm histórias para contar. A produção local capta da realidade aspectos que grandes produções não captariam. Quando você domina a tecnologia, tem condições de melhor compreender aquela linguagem, aquela formulação.

Essa resposta nos dá conta de que não existem pesquisas que determinem o quanto é utilizada a tecnologia na escola, ou como ela é utilizada, faltam dados que comprovem a utilização devida desse instrumento tão importante nos dias atuais, a televisão.

Élson Rezende¹² entrevistado pela Mediativa (2003) revela algumas carências no preparo dos professores para uso da TV.

Falta preparar professores para serem eficazes mediações na relação de seus estudantes com a televisão. Essa mediação na prática se dá, mas de uma maneira espontânea, não como parte de uma programação da escola, como parte do currículo. A escola já está embebida da mesma cultura da televisão, mas contraditoriamente está de costas para a televisão, não a toma em conta, o que tem que fazer de uma maneira crítica, abrindo espaço para a convivência com ela. Falta integrar a televisão ao currículo da escola e em consequência preparar os professores para seu uso como linguagem em sala de aula, como linguagem de conhecimento, para não ficar só como apoio ilustrativo de determinadas matérias.

Embora essas entrevistas tenham sido realizadas em 2001 e 2003, a escola, especialmente a pública ainda vivencia essa mesma realidade, por isso não há um aproveitamento devido da televisão em sala de aula.

As inovações tecnológicas provocam mudanças no cotidiano escolar. Porém a rapidez da demanda tecnológica nem sempre corresponde à agilidade na capacitação dos professores o que muitas vezes resulta na utilização inadequada ou na falta de uso dos recursos tecnológicos disponíveis.

Juan Duval (2001)¹³ em entrevista realizada por Priscila Ramalho para o Portal do Governo do Estado de São Paulo apresenta uma crítica à necessidade de uso crítico-reflexivo da TV.

A TV é um meio muito poderoso que provoca uma “aparência de aprendizagem”. Ela passa valores e informações, mas não ajuda no processo de análise de problemas, porque isso tem de ser feito com base em problemas reais. Uma das coisas que a criança tem de aprender na escola é justamente a analisar esse meio e refletir sobre ele.

¹² Jornalista, webdesigner, publicitário, quadrinista e diagramador, o mineiro Elson Rezende de 52 anos estendeu seus múltiplos interesses também à educação. Em sua tese de mestrado pela Universidade Federal de Minas Gerais, “Encontros e Desencontros: Relações da Escola com a Televisão”, disponível para consulta no MEDIATECA. Rezende criou uma reflexão bastante lúcida sobre o abismo cultural que separa as duas instâncias.

¹³ Professor da Cátedra de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Madri.

Percebe-se que os mestres, pesquisadores e outros depositam muita confiança na televisão, no entanto é necessário que haja uma formação de professores direcionada para esse veículo da comunicação.

Essa mesma literatura crítica aponta com ênfase persistente para a importância da devida preparação dos professores, já que parece evidente a dificuldade de transformar as tecnologias em oportunidades de aprendizagem sem a mediação do professor. Qualquer artefato técnico implantado na escola só frutifica sob a mediação do professor. Caso contrário, permanece enfeito ou expressão de projetos escusos.

Kenski (2003) aborda como grande desafio para a educação a exclusão tecnológica e esclarece:

na realidade brasileira o maior desafio é a formação de professores, não só para dar conta da questão tecnológica, mas principalmente para saber lidar “com alunos e situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos tecnologicamente avançados e acesso pleno ao universo de informações disponíveis nos múltiplos espaços virtuais aos que se encontram em plena exclusão tecnológica, sem oportunidade para vivenciar e aprender nesta nova realidade; das instituições de ensino equipadas com as mais modernas tecnologias digitais aos espaços educacionais precários e com recursos mínimos para se trabalhar” (p. 740).

Acrescenta ainda que, não basta capacitar os alunos para lidar com as novas exigências do mundo do trabalho, cabe sobretudo formar alunos críticos perante o universo das tecnologias, sem falar na oportunidade de trazer para a escola motivação maior e mais atualizada. É fundamental chegar à “tecnologia crítica”, porque o computador, no ambiente digital, se, de um lado, oferece apoios importantes como transmissão e armazenamento de informação, por outro, isto não define formação. Informação é insumo. O aluno precisa chegar a produzir conhecimento próprio e com isto desenvolver sua cidadania.

Toschi (2003) e Magalhães (2003), analisando o programa TV Escola, apresentam crítica similar, porque os professores recebem apenas possíveis apoios instrumentais, não

redundando esses em perspectivas realmente de formação docente. Cysneiros (2003), avaliando o programa de informática do governo Fernando Henrique Cardoso, ao lado de reconhecer que teve méritos por ter pensado mais seriamente na formação dos professores, aponta que não teve, nem de longe, os resultados esperados.

Segundo Diniz e Maia (1997),

toda inovação técnica engendra novas formas de organização social. Ao longo da história, percebemos que o surgimento de novos dispositivos de comunicação produz simultaneamente modificações na estrutura do pensamento, nos modos de apreensão do conhecimento e nas interações sociais em geral. (p. 37)

Isso acontece, porque o avanço da tecnologia produziu uma velocidade que não podemos comensurar, pois quando menos esperamos cria-se um novo aparelho tecnológico que nos surpreende, mas que logo nos acostumamos a ele e o utilizamos até que novos aparelhos sejam criados. A tecnologia vive com o sabor das mentes criadoras e das nossas ânsias pela novidade.

Na escola, contudo, esse instrumento não está ainda de todo utilizado, pois os professores da escola pública especialmente, não possuem capacitação para usá-lo devidamente, isso sem falar que alguns professores o consideram com o substituo de sua prática educativa e por isso têm medo de trabalhar com eles. Com isso esses professores têm conseguido permanecer isolados de tudo o que se relaciona a tecnologia e em especial a mídia.

Sendo assim todas as mídias possuem seu lado bom e ruim, necessitam portanto serem exploradas com vistas à educação.

Como se pode observar não é só uma preocupação dos educadores no Brasil, o conhecimento. Lá como aqui a preocupação é a mesma assim como as dificuldades encontradas para que exista esse entrosamento, que pode proporcionar maior ganho no processo ensino-aprendizagem.

A influência e a contribuição que pode dar a mídia, em especial a TV na educação é o tema de importância para os estudiosos do tema, todos têm procurado mostrar como esse meio de comunicação vem modificando o processo ensino-aprendizado e como ela tem influenciado no espírito crítico dos indivíduos. Apesar de chamar atenção para o fato de que ainda não há uma formação, capacitação dos professores nos diversos níveis educacionais para tanto, isto é, os professores ainda não estão devidamente preparados para desenvolver em sala de aula o aprendizado através da TV.

As novas tecnologias estão aí também em evidência provocando mudanças, em especial com a internet, que é ainda um desafio a ser enfrentado.

No Brasil, como em outros países, o uso do computador na educação teve início com algumas experiências em universidades, no princípio da década de 70. Na UFRJ, em 1973, o Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde e o Centro Latino-Americano de Tecnologia Educacional (NUTES/CLATES) usou o computador no ensino de Química, através de simulações. Na UFRGS, nesse mesmo ano, realizaram-se algumas experiências usando simulação de fenômenos de física com alunos de graduação. O Centro de Processamento de Dados desenvolveu o software SISCAL para avaliação de alunos de pós-graduação em Educação. Na UNICAMP, em 1974, foi desenvolvido um software, tipo CAI, para o ensino dos fundamentos de programação da linguagem BASIC, usado com os alunos de pós-graduação em Educação, produzido pelo Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação, coordenado pelo Prof. Ubiratan D'Ambrósio e financiado pela Organização dos Estados Americanos. Em 1975, foi produzido o documento "Introdução de Computadores no Ensino do 2º Grau", financiado pelo Programa de Reformulação do Ensino (PREMEN/MEC) e, nesse mesmo ano, aconteceu a primeira visita de Seymour Papert e Marvin Minsky ao país, os quais lançaram as primeiras sementes das idéias do Logo.

Entretanto, a implantação do programa de informática na educação no Brasil inicia-se com o primeiro e segundo Seminário Nacional de Informática em Educação, realizados

respectivamente na Universidade de Brasília em 1981 e na Universidade Federal da Bahia em 1982. Esses seminários estabeleceram um programa de atuação que originou o EDUCOM e uma sistemática de trabalho diferente de quaisquer outros programas educacionais iniciados pelo MEC. No caso da Informática na Educação as decisões e as propostas nunca foram totalmente centralizadas no MEC. Eram fruto de discussões e propostas feitas pela comunidade de técnicos e pesquisadores da área. A função do MEC era a de acompanhar, viabilizar e implementar essas decisões. Portanto, a primeira grande diferença do programa brasileiro em relação aos outros países, como França e Estados Unidos, é a questão da descentralização das políticas. No Brasil as políticas de implantação e desenvolvimento não são produto somente de decisões governamentais, como na França, nem consequência direta do mercado como nos Estados Unidos.

A segunda diferença entre o programa brasileiro e o da França e dos Estados Unidos é a questão da fundamentação das políticas e propostas pedagógicas da informática na educação. Desde o início do programa, a decisão da comunidade de pesquisadores foi a de que as políticas a serem implantadas deveriam ser sempre fundamentadas em pesquisas pautadas em experiências concretas, usando a escola pública, prioritariamente, o ensino de 2º grau. Essas foram as bases do projeto EDUCOM, realizado em cinco universidades: UFPe, UFMG, UFRJ, UFRGS e UNICAMP. Esse projeto contemplou ainda a diversidade de abordagens pedagógicas, como desenvolvimento de software educativo e uso do computador como recurso para resolução de problemas. Do ponto de vista metodológico, o trabalho deveria ser realizado por uma equipe interdisciplinar formada pelos professores das escolas escolhidas e por um grupo de profissionais da universidade. Os professores das escolas deveriam ser os responsáveis pelo desenvolvimento do projeto na escola, e esse trabalho deveria ter o suporte e o acompanhamento do grupo de pesquisa da universidade, formado por pedagogos, psicólogos, sociólogos e cientistas da computação.

A terceira diferença é a proposta pedagógica e o papel que o computador deve desempenhar no processo educacional. Nesse aspecto o programa brasileiro de informática na educação é bastante peculiar e diferente do que foi proposto em outros países. No nosso programa, o papel do computador é o de provocar mudanças pedagógicas profundas ao invés de “automatizar o ensino” ou preparar o aluno para ser capaz de trabalhar com o computador. Todos os centros de pesquisa do projeto EDUCOM atuaram na perspectiva de criar ambientes educacionais usando o computador como recurso facilitador do processo de aprendizagem. O grande desafio era a mudança da abordagem educacional: transformar uma educação centrada no ensino, na transmissão da informação, para uma educação em que o aluno pudesse realizar atividades através do computador e, assim, aprender. A formação dos pesquisadores dos centros, os cursos de formação ministrados e mesmo os software educativos desenvolvidos por alguns centros foram elaborados tendo em mente a possibilidade desse tipo de mudança pedagógica.

Embora a mudança pedagógica tenha sido o objetivo de todas as ações dos projetos de informática na educação, os resultados obtidos não foram suficientes para sensibilizar ou alterar o sistema educacional como um todo. Os trabalhos realizados nos centros do EDUCOM tiveram o mérito de elevar a informática na educação do estado zero para o estado atual, possibilitando-nos entender e discutir as grandes questões da área. Mais ainda, temos diversas experiências instaladas no Brasil que apresentam mudanças pedagógicas fortemente enraizadas e produzindo frutos. No entanto, essas idéias não se alastraram e isso aconteceu, principalmente, pelo fato de termos subestimado as implicações das mudanças pedagógicas propostas no sistema educacional como um todo: a mudança na organização da escola e da sala de aula, no papel do professor e dos alunos, e na relação aluno versus conhecimento.

Somente através das análises das experiências realizadas é que torna-se claro que a promoção dessas mudanças pedagógicas não depende simplesmente da instalação dos computadores nas escolas.

É necessário repensar a questão da dimensão do espaço e do tempo da escola. A sala de aula deve deixar de ser o lugar das carteiras enfileiradas para se tornar um local em que professor e alunos podem realizar um trabalho diversificado em relação a conhecimento e interesse. O papel do professor deixa de ser o de “entregador” de informação para ser o de facilitador do processo de aprendizagem. O aluno deixa de ser passivo, de ser o receptáculo das informações para ser ativo aprendiz, construtor do seu conhecimento. Portanto, a ênfase da educação deixa de ser a memorização da informação transmitida pelo professor e passa a ser a construção do conhecimento realizada pelo aluno de maneira significativa sendo o professor o facilitador desse processo de construção.

O processo de repensar a escola e preparar o professor para atuar nessa escola transformada está acontecendo de maneira mais marcante nos sistemas públicos de educação, principalmente os sistemas municipais. Nessas escolas a informática está sendo implantada nos mesmos moldes do sistema educacional dos Estados Unidos no qual o computador é usado para minimizar o analfabetismo computacional dos alunos ou automatizar os processos de transmissão da informação.

Embora as questões envolvidas na implantação da informática na escola estejam mais claras hoje, as nossas ações no passado não foram voltadas para o grande desafio dessas mudanças. Mesmo hoje, as ações são incipientes e não contemplam essas mudanças. Isso pode ser notadamente observado nos programas de formação de professores para atuarem na área da informática.

Segundo Garcia (2002), a Internet já considerada é a maior rede do mundo de computadores. São mais de 50 milhões de usuários que estão conectados a ela, usando e tirando proveito de uma ampla e enorme variedade de serviços e recursos. Surgiu na metade da década de 60 quando os pesquisadores dos Estados Unidos iniciaram experiências com a idéia de redes de comunicação de computadores. E assim, a partir destes primeiros testes, começou a nascer a idéia de redes de comunicação subdivididas em pacotes.

De acordo com Ferreira (1994), “a Internet - maior rede de computadores do mundo - é freqüentemente descrita como a rede das redes, pois abrange todas as espécies de redes possíveis, tornando-se a verdadeira rede global, contando com mais de 13.170 redes regionais, nacionais e internacionais.”(p. 261).

Em seu livro “A Estrada do Futuro”, Bill Gates coloca-nos a importância das Redes no processo educacional. A estrada, segundo Gates, permitirá a exploração interativa de estudantes e professores aumentando e disseminando as oportunidades educacionais e pessoais, inclusive daqueles estudantes que não puderam estudar nas melhores universidades e escolas. Porém, o autor adverte que para extraírmos os benefícios do uso das redes, precisamos encarar o uso dos computadores nas escolas e nas salas de aula de forma diferente.

As escolas estão caminhando de forma muito lenta quando comparadas aos outros setores sociais. A idéia é que com a exploração desta “estrada”, alunos conectados de suas residências possam fazer suas tarefas de casa ou trabalhos em grupo de forma interativa e os professores possam atuar mais como mediadores do conhecimento. Os trabalhos, tanto de alunos quanto de professores, serão transformados em documentos eletrônicos para futuras consultas e o compartilhamento com outras culturas.

Assim como Gates nos fala sobre as oportunidades e perspectivas da Internet, diz Garcia citando ROSS and BAILEY (1996) nos advertem que existem, sim, imensas oportunidades, porém existem também muitos perigos com que os administradores, diretores, professores e pais deveriam estar preocupados e debatendo, como, por exemplo, o livre acesso a “sites” com problemas étnicos ou pornográficos.

Com a perspectiva acima colocada, sobre o uso das redes, precisamos aumentar as necessidades de instrumentalização, preparação e atualização dos professores para enfrentar os novos desafios da era da telemática. Os benefícios do uso das redes

eletrônicas estão diretamente relacionados as novas formas de aprendizado em que a interação, o acesso ilimitado às informações que podem-se transformar em conhecimento, a questão interdisciplinar e colaborativa, somam-se na tentativa de redimensionar os modelos educacionais.

Os professores estão sendo convocados para entrar neste novo processo de ensino e aprendizagem, nesta nova cultura educacional, onde os meios eletrônicos de comunicação são a base para o compartilhamento de idéias e ideais em projetos colaborativos.

A utilização pedagógica da Internet é um desafio que os professores e as escolas estarão enfrentando neste final de século, pois ela apresenta uma concepção socializadora da informação.

A Internet tem cada vez mais atingido o sistema educacional e as escolas. As redes são utilizadas no processo pedagógico para romper as paredes da escola, bem como para que aluno e professor possam conhecer o mundo, novas realidades, culturas diferentes, desenvolvendo a aprendizagem através do intercâmbio e aprendizado colaborativo.

Litto(2002) diz:

Acredito que estamos caminhando para o cenário educacional pluralista, que oferecerá um leque grande de abordagens ao processo de aquisição de conhecimento e de habilidades. Escolas e universidades com características tradicionais, do mesmo jeito que são hoje em 2002, para alegria de pais e alunos nostálgicos, vão sempre existir. Mas está ficando cada vez mais claro que o futuro pode trazer, para a maioria dos aprendizes, os benefícios de uma nova forma de atuação educacional, uma que aproveita inteligentemente as novas tecnologias e os novos conceitos de aprendizagem. (www.futuro.usp.br)

É nesse sentido que apostam alguns hoje, acreditando que o mundo irá cada vez mais se firmar em torno da tecnologia, promovendo cada vez mais uma globalização tecnológica que envolverá não só a sociedade mas também todas as escolas, embora ela ainda não tenha encontrado sua direção nesse sentido.

Novas tecnologias são apresentadas e discutidas, contudo foi necessário que se estabelecesse um parâmetro para que pudesse esclarecer se isso já vem sendo trabalhado em sala de aula, para que se possa embasar a pesquisa e isso será apresentado através da metodologia utilizada conforme poderá ser visto a seguir.

2.2. A HISTÓRIA DA TELEVISÃO

2.2.1. A DESCOBERTA DA TECNOLOGIA DA TELEVISÃO

A televisão é nasceu da junção de uma série dos fenômenos e de investigações simultâneas, mas desenvolvidas em separado. A descoberta original do “fototelegrafia” no meio do século XIX (a palavra TELEVISÃO não seria usada senão em 1900), na obrigação a seus avanços e no desenvolvimento a diversos pesquisadores que experimentaram com a transmissão das imagens através das ondas eletromagnéticas.

Do todos aqueles que contribuíram com seus estudos do fototelegrafia, sem uma dúvida a mais importante são o coordenador alemão PAUL NIPKOW, que, em 1884 patenteou seu disco da exploração da *lumínica*, mais conhecido como o Disco Nipkow; BAIRD de JOHN LOGIE, Scot foi quem em 1923 desenvolve e aperfeiçoa o disco de Nipkow com pilhas do selênio; Os americanos nortes IVES e JENKINS, que basearam-se em Nipkow; e a imigrante Russian nos EUA, VLADIMIR SWORYKIN foi o gestor do tubo ICONOSCOPIO.

As primeiras transmissões experimentais foram trazidas à vida nos EUA. Em julho de 1928 em que da estação experimental W3XK de Washington, JENKINS começou a transmitir principalmente imagens exploradas das películas com determinado regularidade e uma definição de 48 linhas.

Em 1929, o BBC (British Broadcast Co) de Londres mostrou interesse nas investigações de BAIRD de LOGIE depois deste em 1928 ter logrado transmitir imagens de Londres a

New York, além de para demonstrar também a tevê na cor, a tevê exterior com luz natural e a tevê no estereo, naturalmente, numa forma muito primitiva. Não obstante, em 1929, o BBC assegura um serviço regular da transmissão das imagens sem contudo muito empenho, porque não via na nova invenção nenhuma utilidade prática. Apesar disso, as transmissões do oficial começaram a 30 de setembro de 1929.

A definição do equipamento era de 30 linhas, usando um canal normal de transmissão. A totalidade do canal foi ocupada pelo sinal de video, razão porque o primeiros vídeos e transmissão simultâneos de audio e vídeo não ocorreram senão em 31 de dezembro de 1930. Para fins de 1932 tinham sido vendidos já mais de 10.000 receptores.

Esta televisão era da ordem mecânica. A verdadeira revolução so aconteceu com a chegada da tevê eletrônica, iniciada com as experiências de Sworykin. Que se unindo a WESTINGHOUSE e começou suas investigações no começo da década dos 20, usando um tubo de raio de cátodo para o receptor e um sistema da exploração mecânica para a transmissão. Sua descoberta baptizada como o TUBO ICONOSCOPIO, teve sua primeira patente em 1923. No final dos anos 40 do ano, a tevê eletrônica de Sworykin havia desprezado completamente a mecânica.

Nesse ano começou a guerra pela tevê a cor. Já antes desta, Sworykin tinha sugerido a idéia standardizar os sistemas da tevê que eram desenvolvidos paralelamente em todo lugar no mundo. Graças a essa preocupação, no começo de 1940, os Estados Unidos criaram o **National Television System Comitee** (NTSC) que velava para que as normas da manufatura dos aparelhos de tevê fossem compatíveis entre as diferentes companhias americanas dedicadas a sua manufatura. Assim, em julho de 1941 o sistema, válido foi standardizado para todos os estados de EUA, de 325 linhas.

No fim da guerra, a indústria da tevê tomou um ímpeto novo. A Europa adotou um sistema de 625 linhas, a França um de 819. Inglaterra manteve o seu de 405 e os EUA

estandardizaram seu sistema de 525 linhas. Os diferentes estudos feitos a fim desenvolver a tevê a cores, voltava a pôr em cheque a compatibilidade que o público requeria dos aparelhos. Os interesses econômicos das grandes companhias pressionaram fortemente de modo que fosse adotado um sistema de cor não compatível a todos os aparelhos. Embora, certamente fosse grande a quantidade de aparelhos de televisão vendidos naquele tempo (em 10 milhões), o fato motivou o acordo de desenvolver uma tevê a cor plenamente compatível.

Um outro problema que fosse provocado era a dupla compatibilidade direta e inversa, que é dizer, que um sinal na cor seria visto em uma tevê em B/N e em um sinal B/N seria visto em uma tevê a cor. Na final, o sistema da compatibilidade foi obtido, adotando de 1953 o nome do comitê regulador, sabido como o sistema NTSC.

Mas, este desenvolvimento chegou também nos países europeus que não quiseram comprometer seu orgulho nacional.. France simplesmente não quis estandardizar seu sistema ao americano e criou seu próprio sistema da tevê a cores: SECAM (SEquentiel Couleur um Memorie), desenvolvido em 1967 com uma definição de 625 linhas. A Alemanha faz a mesma coisa e bo mesmo ano '67 ele criou o sistema PAL (linha da alternção da fase), também de 625 linhas desenvolvidas por companhia TELEFUNKEN. De acordo com as opiniões dos engenheiros, este é o melhor dos três.(<http://html.rincondelvago.com>)

2.2.2. A TELEVISÃO NO BRASIL

Antes que se inicie a história da Televisão no Brasil não há como deixar de lado o perfil de dois grandes idealizadores da Televisão no Brasil: Assis Chateaubriand e Roquete Pinto.

Assis Chateaubriand

Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello nasceu a 5 de outubro de 1892, em Umbuzeiro, na Paraíba, divisa com Pernambuco. Filho de Francisco Chateaubriand Bandeira de Melo e Carmem Chateaubriand Bandeira de Melo, o prenome Chateaubriand teve origem na admiração do avô do jornalista pelo escritor homônimo francês.

Ingressou na Faculdade de Direito, em Recife, aos 15 anos de idade, quando já escrevia para o jornal “Pernambuco”.

Colaborou para vários jornais pernambucanos, inclusive o “Diário de Pernambuco”, onde chegou ao cargo de redator-chefe.

Em 1917, abriu uma banca de advocacia no Rio de Janeiro. Mas logo encaminhou-se para o jornalismo.

Escreveu para o “Jornal do Comércio”, para o “Correio da Manhã” e para o “Jornal do Brasil”, onde foi chefe de redação. Visitou vários países da Europa como comentarista internacional e, em 1921, publicou o livro “Alemanha”.

Também em 1921 pediu demissão do “Jornal do Brasil” e do “Correio da Manhã”, e passou a se dedicar à aquisição da sua primeira publicação, “O Jornal”, comprado por 5.800 contos de réis.

Em 1924, comprou o “Diário da Noite”, em São Paulo. Começava o que viria a ser os “Diários Associados”.

Em 1928, fundou a empresa gráfica “O Cruzeiro” e, em 1934, adquiriu a revista “A Cigarra”.

Em Minas, desde 12 de maio de 1929, juntou-se ao grupo o jornal “Estado de Minas”. Pouco tempo depois, em 1931, nasceu o “Diário da Tarde”, e posteriormente, as rádios Guarani e Mineira e, na década de 50, às tevês Itacolomi e Alterosa.

Chatô fundou ainda a Agência Meridional e a Rádio Tupi. A ela se juntariam a Rádio Tupi, de São Paulo, e a Rádio Educadora, que se tornou a Rádio Tamoio, no Rio.

Em 1950 foi fundada por Chatô a primeira emissora de tevê da América Latina: a TV Tupi de São Paulo.

Foi senador pela Paraíba e pelo Maranhão, na década de 50.

Chatô ainda foi membro da Academia Brasileira de Letras e embaixador do Brasil na Inglaterra. Criou também o Museu de Arte de São Paulo (MASP), um dos mais importantes do mundo.

Assis Chateaubriand morreu no dia 4 de abril de 1960, em São Paulo, depois de uma pertinaz doença a que ele resistiu por longos anos, continuando, mesmo paraplégico e impossibilitado de falar, a escrever seus artigos(www.microfone.jor.br).

Edgar Roquette Pinto

Edgar Roquette Pinto nasceu no Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, em 25 de setembro de 1884. Passou a infância ao lado dos avós, em uma fazenda próxima a Juiz de Fora.

Aos 21 anos se formou em Medicina. Teve uma carreira vitoriosa como médico, mas logo partiu para a Antropologia. Foi professor de Antropologia do Museu Nacional, sendo designado Delegado do Brasil no Congresso de Raças, em Londres.

Aos 28 anos voltou ao Brasil e seguiu para o interior de Mato Grosso, integrando uma das comissões do sertanista Marechal Cândido Rondon. Edgar Roquette Pinto era um apaixonado pela natureza desde os tempos da infância na fazenda dos avós e nesse período de trabalho no Mato Grosso manteve contato direto com os índios Nhambiquaras. O encontro com os índios levou-o a lançar sua maior obra literária, intitulada “Rondônia”, uma das mais notáveis contribuições à Etnologia Brasileira.

Foi membro da Academia Brasileira de Ciências, da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira de número 17.

Fundou o Instituto Nacional de Cinema Educativo, a Revista Nacional da Educação, a **Sociedade Rádio do Rio de Janeiro** e a **Rádio Escola do Distrito Federal**, atualmente Rádio Roquette Pinto.

Edgar Roquette Pinto faleceu no Rio de Janeiro a 18 de outubro de 1954, aos 70 anos.

É considerado o “pai da radiofusão” no Brasil. Um dos episódios que justificam esse título se deu por ocasião da inauguração da Exposição Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil, a 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro, quando o rádio foi apresentado ao Brasil. Edgar Roquette Pinto se interessou de imediato pelos equipamentos e, sobretudo, pela “estação radiofônica” instalada no Corcovado.

Já no começo de 1923, convicto de que era primordial fazer rádio no Brasil, conseguiu sensibilizar com suas idéias o presidente da Academia Brasileira de Ciências, Dr. Henrique Morize e outros companheiros, nascendo assim, no dia 20 de abril daquele mesmo ano, a primeira estação de rádio do país, a SPE, posteriormente PRA-2, Sociedade Rádio do Rio de Janeiro, atualmente Rádio MEC(www.microfone.jor.br).

2.2.3. A HISTÓRIA DA TV NO BRASIL

Assis Chateaubriand queria aumentar seu conglomerado de mídia Diários Associados, e para isso, resolveu trazer a televisão para o Brasil. Como na época o equipamento não era produzido no país, toda a aparelhagem teve de ser trazida dos Estados Unidos.

Junto de seus funcionários, foi buscar todos os equipamentos que chegaram por navio no porto de Santos no dia 25 de março de 1950, no litoral do estado de São Paulo. Os equipamentos eram todos encomendados da Radio Corporation of America (RCA). Antes disso, já havia realizado uma pré-estréia com uma apresentação do Frei José Mojica, um padre cantor mexicano. As imagens geradas não passaram do saguão do prédio dos seus Diários Associados, que possuía alguns aparelhos de televisão instalados.

No dia 10 de setembro foi transmitido um filme onde Getúlio Vargas falava sobre seu retorno à vida política.

Finalmente no dia 18 de setembro a TV Tupi de São Paulo, PRF-3 TV, canal 3, foi inaugurada. Era a concretização do sonho de um pioneiro da comunicação no Brasil: Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que já controlava uma cadeia de jornais e emissoras de rádio chamada Diários Associados.

Chateaubriand havia encomendado à RCA equipamento para duas emissoras de televisão. A antena foi instalada no edifício do Banco do Estado de São Paulo. “**TV na Taba**”, apresentado por Homero Silva, foi o primeiro programa transmitido. Teve a participação de Lima Duarte, Hebe Camargo, Mazzaropi, Ciccilo, Lia Aguiar, Vadeco, Ivon Cury, Lolita Rodrigues, Wilma Bentivegna, Aurélio Campos, do jogador Baltazar e da orquestra de George Henri.

Logo na estréia a TV Brasileira teve de mostrar seu poder de improviso. Eram apenas duas câmeras e horas antes do começo da transmissão uma pifou. Os técnicos americanos aconselharam que a “festa” fosse adiada, mas lá estava o diretor Cassiano Gabus Mendes, outro pioneiro da TV brasileira, que decidiu ir ao ar mesmo só com uma câmera. A transmissão foi assistida através de 200 aparelhos importados por Chateaubriand e espalhados pela cidade.

Com ajuda dos profissionais do rádio, jornal e do teatro, as transmissões aconteciam das 18 às 23h e foi colocado no ar o primeiro telejornal: “**Imagens do Dia**”. Os primeiros anunciantes da TV Brasileira foram : Sul América Seguros, Antártica, Moinho Santista e empresas Pignatari (Prata Wolf).

Já no ano seguinte(1951) a inauguração existiam, aproximadamente, 7 mil aparelhos de televisão entre São Paulo e Rio de Janeiro. No dia 20 de Janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, a TV Tupi da “Cidade Maravilhosa” inicia suas operações. Começam também a fabricar no Brasil aparelhos receptores de TV. Os primeiros foram da marca “Invictus”, de Bernardo Kocubej. “**Sua vida me pertence**”, a primeira telenovela brasileira, vai ao ar. Escrita por Walter Foster e estrelada pelo próprio Foster, Lia de Aguiar, Vida Alves, José Parisi e Dionísio de Azevedo. Eram dois capítulos por semana transmitidos pela Tupi.

No dia 14 de Março de 1952 a TV Paulista, canal 5 de São Paulo, pertencente as Organizações Victor Costa, é inaugurada. Na Tupi já estavam no ar os seguintes programas: “**TV de Vanguarda**”, o primeiro e mais importante teleteatro da TV brasileira, “**Clube dos Artistas**”, único dos programas pioneiros a ficar no ar até 1980 e a primeira adaptação do “**Sítio do Pica-Pau Amarelo**” de Monteiro Lobato, escrita por Tatiana Belinky e dirigida por Júlio Gouveia.

Um sucesso do rádio encanta e faz sucesso na TV: “**Repórter Esso**”. Foi ao ar pela primeira vez no dia 17 de junho de 1953. Em 27 de Setembro de 1953 foi inaugurada a

TV Record de São Paulo. Na TV Paulista vai ao ar o primeiro “circo” na TV: “**Circo do Arrelia**”, que depois foi apresentado pela TV Record; e “**A Praça da Alegria**”, apresentada por Manoel de Nóbrega.

Em 18 de Setembro de 1955 acontece outro marco importante para a TV Brasileira. esta é a data da primeira transmissão externa direta com a transmissão do jogo **Santos X Palmeiras**, na Vila Belmiro, pela TV Record.. Na Tupi faz sucesso “**O Céu é o Limite**”, de J. Silvestre, precursor de todos os programas de perguntas e respostas da TV brasileira.

Para a criançada tinha na TV Record a “**Grande Gincana Kibon**”, iniciado em 17 de Abril daquele ano, ficando no ar por 16 anos. A Tv no Brasil crescia a passos largos. No dia 15 de julho foi inaugurada mais uma emissora: a TV Rio, de João Batista do Amaral e Paulo Machado. Em 8 de setembro é inaugurada a TV Itacolomy de Belo Horizonte. O sucesso da TV é tanto que o mercado publicitário investiu pesado. Já em 1956 as três emissoras de TV de São Paulo arrecadavam mais que as treze emissoras de rádio. A essa altura a TV atingia a cerca de um milhão e meio de telespectadores em todo o Brasil.

Mais nove estações da Rede dos Diários Associados (Assis Chateaubriand) são inauguradas: Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Campina Grande, Fortaleza, São Luís, Belém e Goiânia. “**Poliana**”, a primeira telenovela infantil vai ao ar pela Tupi, com adaptação de Tatiana Belinky e direção de Júlio Gouveia. Também a Tupi realiza neste ano a primeira transmissão interestadual. Foi o jogo **Brasil x Itália**, direto do Maracanã no Rio de Janeiro para São Paulo. Para realizar a transmissão o técnico da Tupi, Reinaldo Paim, construiu três antenas, utilizando tela de galinheiro.

Em 1958 pela primeira vez no Brasil é usado o videoteipe. Foi no “**TV de Vanguarda**”, da TV Tupi de São Paulo, com a apresentação de “**O Duelo**”, de Guimarães Rosa.

Ainda não havia a possibilidade de montagem/edição do VT. Em 1959 é inaugurada a TV Excelsior de São Paulo. “**Paulistas e Cariocas**”, da TV Tupi, foi o primeiro programa exibido simultaneamente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Naquele ano, em 21 de setembro, Assis Chateaubriand assina uma escritura doando 49% de suas ações e cotas das empresas Associadas a 22 funcionários de sua total confiança. Nesse ano foi assinada em Outubro, pelo então Ministro da Justiça, Armando Falcão, a primeira legislação regulamentando a censura de TV no Brasil.

Em 1960 já existiam 200 mil aparelhos receptores de televisão. O primeiro teleteatro a usar o VT foi “**Hamlet**”, de William Shakespeare, adaptado e dirigido por Dionísio de Azevedo, da TV Tupi. A TV Cultura junto com a Secretaria de Educação de São Paulo colocam no ar o primeiro **Telecurso**, preparando candidatos para o exame de admissão ao ginásio.

A Copa do Mundo de 1970, no México, chegou em cores no Brasil em transmissão experimental para as estações da Embratel, que retransmitia para os raros possuidores de televisão colorida no Brasil. A Embratel reuniu convidados na sua sede no Rio de Janeiro, em São Paulo (no Edifício Itália) e em Brasília. O sinal, recebido em NTSC (padrão americano), era convertido para PAL-M e captado por aparelhos de TV instalados nas três cidades. Poucos puderam assistir aos jogos em cores. Conforme relato no livro “Jornal Nacional - 15 Anos de História” (1984, Rio Gráfica Editora - atual Editora Globo), na TV Globo havia, na época, apenas um aparelho de TV em cores.

Em 1978 O **Telecurso 2º grau**, produzido pela Fundação Roberto Marinho e Fundação Padre Anchieta, vai ao ar e torna-se o programa educativo de maior sucesso na TV brasileira. Durante a década de 1990, junto do crescimento da violência nas grandes cidades brasileiras, a programação da TV no fim da tarde começou a ser tomada pelos programas de jornalismo sensacionalista. O primeiro foi o *Aqui Agora*. Inspirado neste,

surgiram *Cidade Alerta* (Record), *Brasil Urgente* (Band) e *Repórter Cidadão* (Rede TV!). De lá para cá muito progresso foi realizado na televisão brasileira, a ela foram incorporados novos canais de TV, a programação vem se ampliando para todas as faixas de idade, são realizados programas independentes, TV por assinatura, TV aberta.

2.2.4. A TV EDUCATIVA NO BRASIL

A televisão educativa foi implantada, no Brasil, sem obedecer a um planejamento que decorresse de uma política setorial de Governo. Algumas emissoras tiveram como raiz de sua criação razões de ordem política, outras deveram sua existência à tenacidade individual de idealistas, e poucas foram as que surgiram com objetivos explicitamente definidos.

No início da década de 60, os educadores brasileiros começaram a conscientizar-se do valor da TV para a educação e iniciaram a criação de uma televisão educativa brasileira. Assim é que, em 1961, a Fundação João Baptista do Amaral (TV Rio) instituída em 18/04/61, registrada como personalidade jurídica em 21/11/61 e reconhecida pelo MEC em 21/11/61, produziu um curso destinado à alfabetização de adultos sob a direção da Professora Alfredina de Paiva e Souza. Esse curso permaneceu no ar até 1965 e foi a primeira iniciativa em favor de uma TV voltada para a educação e a cultura.

A primeira emissora educativa a entrar no ar foi a TV Universitária de Pernambuco, em 1967. Entre 1967 e 1974, surgiram nove emissoras educativas cujas razão social e vinculação eram as mais diversas, ora vinculadas ao Ministério da Educação e Cultura, ora vinculadas as Secretarias de Educação e cultura dos estados.

Em 1972, o MEC criou o Programa Nacional de Teleducação – PRONTEL com o objetivo de coordenar as atividades de teleducação no País.

Em 1982 as emissoras priorizavam a veiculação de programas de caráter essencialmente educativo. Entre as experiências mais significativas podemos citar as seguintes: a TVE do Ceará, a TVE do Maranhão e a TVU do Rio Grande do Norte concentravam em suas programações a produção e a veiculação de programas didáticos destinados ao Ensino de 5ª a 8ª séries do 1º Grau (as duas primeiras) e ao Ensino de 1ª a 4ª séries do 1º Grau (a última). A TV Cultura de São Paulo tornou-se a pioneira na produção e veiculação de programas didáticos voltados para o Ensino Supletivo ao lançar, em 1969, o Curso de Madureza Ginásial. Em 1978, produziu e veiculou o Telecurso de 2º Grau que, posteriormente, viria a receber a parceria da Fundação Roberto Marinho. Por sua vez, a FCBTVE, entidade implantada graças ao idealismo do Prof. Gilson Amado, produziu, em 1973 a primeira novela pedagógica destinada ao Ensino de 1º Grau denominada “João da Silva” que foi inicialmente veiculada pelas emissoras comerciais TV Globo e TV Rio e que, a partir de 1976, passou a ser veiculada também pela sua própria emissora, a TVE do Rio de Janeiro. Em 1977, a TVE do Rio de Janeiro iniciou a produção do Projeto Conquista, um curso sob o formato de novela-aula, destinado ao Ensino Supletivo de 1º Grau.

Vieram se desenvolvendo sem uma programação própria através de retransmissoras. A ausência de uma legislação balizadora fez com que as primeiras autorizações para o funcionamento deste tipo de retransmissora fossem dadas principalmente a políticos e a grandes empresários cujas intenções nada tinham a ver com os reais objetivos da legislação referente à programação de caráter comunitário. Até que em 1990, de acordo com o disposto na Lei nº 8.029, a FUNTEVÊ passou a denominar-se Fundação Roquette Pinto – FRP.

A TV Pública Educativa tem se desenvolvido ao longo dos tempos e tendo diversificado sua programação tem conseguido chegar não só as escolas como também aos lares de famílias interessadas em educação.

2.2.5. A EXPANSÃO DAS REDES TELEVISIVAS NO BRASIL

Listamos abaixo os canais de TV que funcionam hoje no Brasil e mesmo alguns já extintos para que se verifique o quanto a televisão evoluiu no Brasil desde 1950.

Redes nacionais de TV aberta - VHF: Rede Globo | Rede Record | SBT | Band | RedeTV! | TV Cultura | TVE Brasil | TV Gazeta | TV Esporte Interativo

Redes nacionais de TV aberta - UHF: Rede Mulher | RBN | Rede Família | Rede Super | Rede Vida | PlayTV | CNT | NGT | MIX TV | RBI | Canção Nova | RIT | TV Aparecida

Sintonizadas pela Internet: AllTV | TV Terra | TV UOL

TV por assinatura: A&E | Animal Planet | Animax | AXN | BandNews | BandSports | Bloomberg | Boomerang | Canal Brasil | Canal Rural | Cartoon Network | Cinemax | Discovery Channel | Discovery Kids | Discovery Home & Health | Discovery Travel & Living | Disney Channel | ESPN | ESPN Brasil | E! | For Man | FOX Brasil | Fox Life | Futura | FX | GNT | Globo News | HBO | Jetix | Logo | Max Prime | MGM | MTV Brasil | MTV Hits | Multishow | National Geographic | Nickelodeon | People+Arts | Playboy TV | Premiere | Rede Gospel | Rede Telecine | Sexy Hot | Shoptime.com | Sony Entertainment Television | SPEED Channel | SporTV | SESC TV | TCM Classic Hollywood | Terra Viva | The History Channel | TNT | TV Climatempo | Universal Channel | VH1 Soul | VH1 Brasil | Warner Channel

Canais internacionais: ART (árabe) | BBC World (Reino Unido) | CNN en Español (EUA) | CNN International (EUA) | DW-TV (Alemanha) | Eurochannel (Europa) | Fox

News (EUA)| NHK (Japão) | RAI International (Itália) | RTP Internacional (Portugal) | SIC Internacional (Portugal) | Televisão da Galiza (Galiza, Espanha) | TVE Internacional (Espanha) | TV5MONDE (França)

Outros canais: TV Câmara | TV Senado | TV Escola | NBR | TV Justiça

Canais extintos: Rede Tupi | Rede Excelsior | Rede Manchete | TV Paulista | TV Continental | TV Rio | TV Jovem Pan | TV CBI | Rede 21 ([/pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o_no_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o_no_Brasil))

Como vemos a televisão no Brasil surgiu na década de 1950, trazida por Assis Chateaubriand que fundou o primeiro canal de televisão no país, a TV Tupi. Desde então a televisão cresceu no país e hoje representa um fator importante na cultura popular moderna da sociedade brasileira.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO MODELO DE PESQUISA ADOTADO

Para integrar o levantamento e a análise de informações da pesquisa em questão, foi utilizado inicialmente como metodologia de trabalho um estudo exploratório. Esse estudo visa caracterizar e definir, com mais precisão, os objetivos da pesquisa, bem como, a coleta e a análise dos dados.

Buscando observar a influência da mídia no processo ensino-aprendizagem, em especial a televisão, a pesquisa qualitativa e quantitativa buscou perceber os conhecimentos que alguns professores, como também professores em formação, têm sobre o assunto, a forma que trabalham a mídia televisiva em sala de aula e como se preparam para tal.

O estudo teve como objetivos específicos investigar:

- O trabalho feito nas escolas com relação a mídia TV;
- O tipo de mídia utilizada para desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem;
- A influência da mídia TV no desenvolvimento do aprendizado dos alunos;
- O trabalho com a mídia TV em sala de aula. A importância da preparação nos cursos de formação de professores para uso da mídia TV.

O público alvo foi constituído por professores que estão lecionando em escolas estaduais, particulares ou municipais e ainda os alunos do último período do curso de Letras da Universidade Presidente Antônio Carlos, na cidade de Barbacena, Minas Gerais. Nos Anexos 1, 2 e 3 apresentamos a carta de informação aos sujeitos de pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido e a carta de informação à instituição, respectivamente. Foram utilizados os questionários A e B (Anexos 4 e 5), aplicados a 37 profissionais, em cada um dos dois segmentos. Após a aplicação dos mesmos foi feita a estatística de frequência, elaboração de gráficos e tabelas sobre a recorrência de respostas.

Para levantar informações subjetivas que a complementem a análise foram realizadas 16 (dezesesseis) entrevistas com professores que lecionam no Ensino Médio, 20 (vinte) com estudantes do 8º período do curso de Letras e 10 (dez) entrevistas abertas com professores do Ensino Médio. As entrevistas foram arquivadas para fins de análise, pelo pesquisador. (Anexo 6).

CAPÍTULO IV

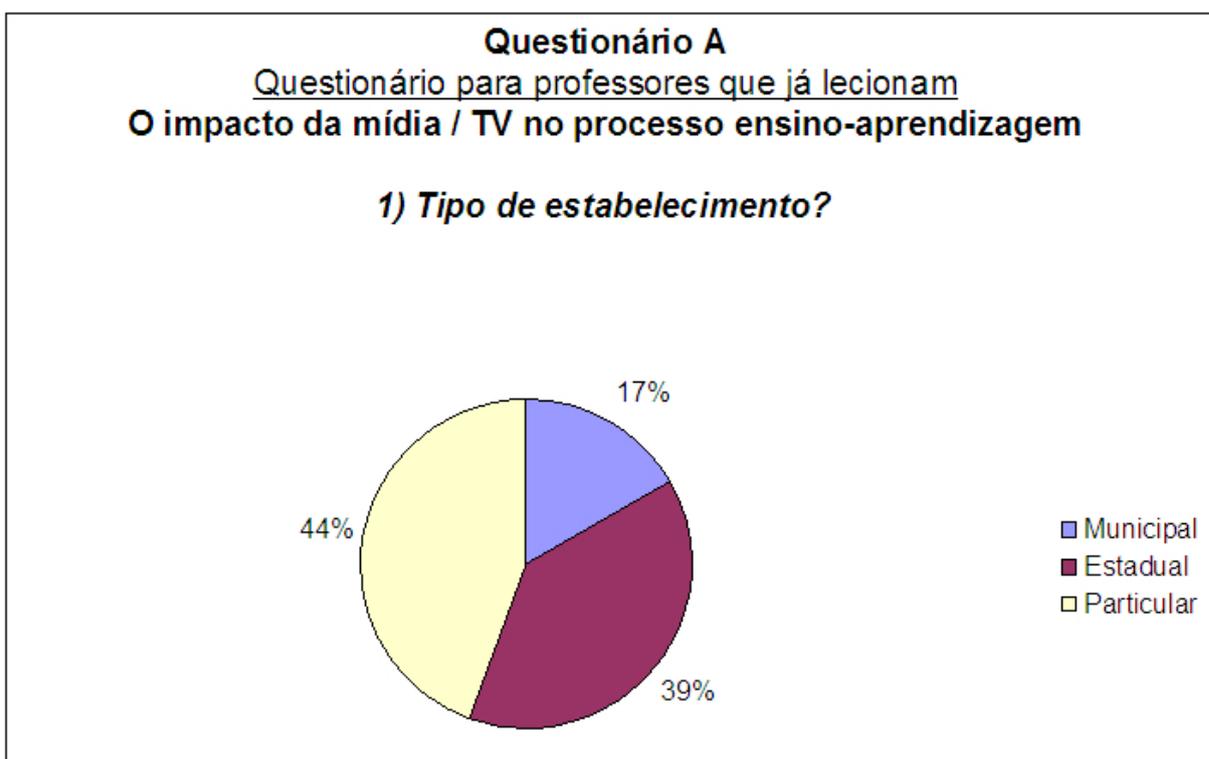
ANÁLISE DOS RESULTADOS

Essa pesquisa foi descritiva exploratória, em que se teve o intuito de avaliar qual o impacto da mídia/TV no processo ensino-aprendizagem do ponto de vista de profissionais da educação. Analisam-se assim, os resultados dos questionários aplicados a professores que lecionam e aos futuros professores, buscando deles, subsídios para concluir que rumos toma a educação nos nossos dias.

Esse questionário (anexo 4) foi dirigido a professores que já lecionam e que por isso têm alguma experiência relacionada à influência que a mídia exerce na escola. Dessa forma, abaixo fazemos constar as respostas dadas ao questionário que lhes foi aplicado.

As respostas a esse questionário foram passadas para os gráficos abaixo que nos dão a medida do que pensam os professores sobre o 'impacto da mídia/TV no processo ensino-aprendizagem'.

Gráfico 1



Nas respostas dadas, observa-se que os professores acreditam que a mídia tem maior impacto na escola particular 44%; na escola estadual 39% e na escola municipal apenas 17%.

Segundo Belloni, 2001,

Do livro e do quadro de giz à sala de aula informatizada e on-line a escola vem dando saltos qualitativos, sofrendo transformações que levam de roldão um professorado mais ou menos perplexo, que se sente muitas vezes despreparado e inseguro frente ao enorme desafio que representa a incorporação das TIC ao cotidiano escolar. Talvez sejamos ainda os mesmos educadores, mas certamente nossos alunos já não são os mesmos, “estão em outra” (BABIN, 1989), são outros, têm uma relação diferente com a escola. (p. 27).

Do ponto de vista de Belloni, não há como voltar a escola tradicional, tendo em vista que embora ainda sejamos os mesmo educadores, tendo arraigados em nossa cultura modelos diferentes dos de hoje, não há como não seguir em frente, quaisquer que seja o tipo de estabelecimento em que se trabalha, a tecnologia está aí e deve ser utilizada como meio de comunicação, informação e aprofundamento de estudos.

Para citar Goergen (1986), um dos autores que procura em seus trabalhos dedicar a análise do ensino como processo de comunicação, especifica essa relação na seguinte citação, “Ensino-aprendizagem são dois momentos de um único processo, através do qual se constrói o saber. Neste sentido, ensino-aprendizagem deve formar um processo de comunicação. Ensino-aprendizagem é, fundamentalmente, um processo de comunicação. (p.163)

Goergen nos dá a base do ensino-aprendizagem e nos mostra o que ele representa realmente na educação, pois o professor só consegue se fazer ouvir, ser aceito pelo seu aluno se ele conseguir se comunicar, expor seu conteúdo num momento de comunicação com o outro. É a comunicação que faz com que indivíduo se prenda a TV, por isso, mesmo

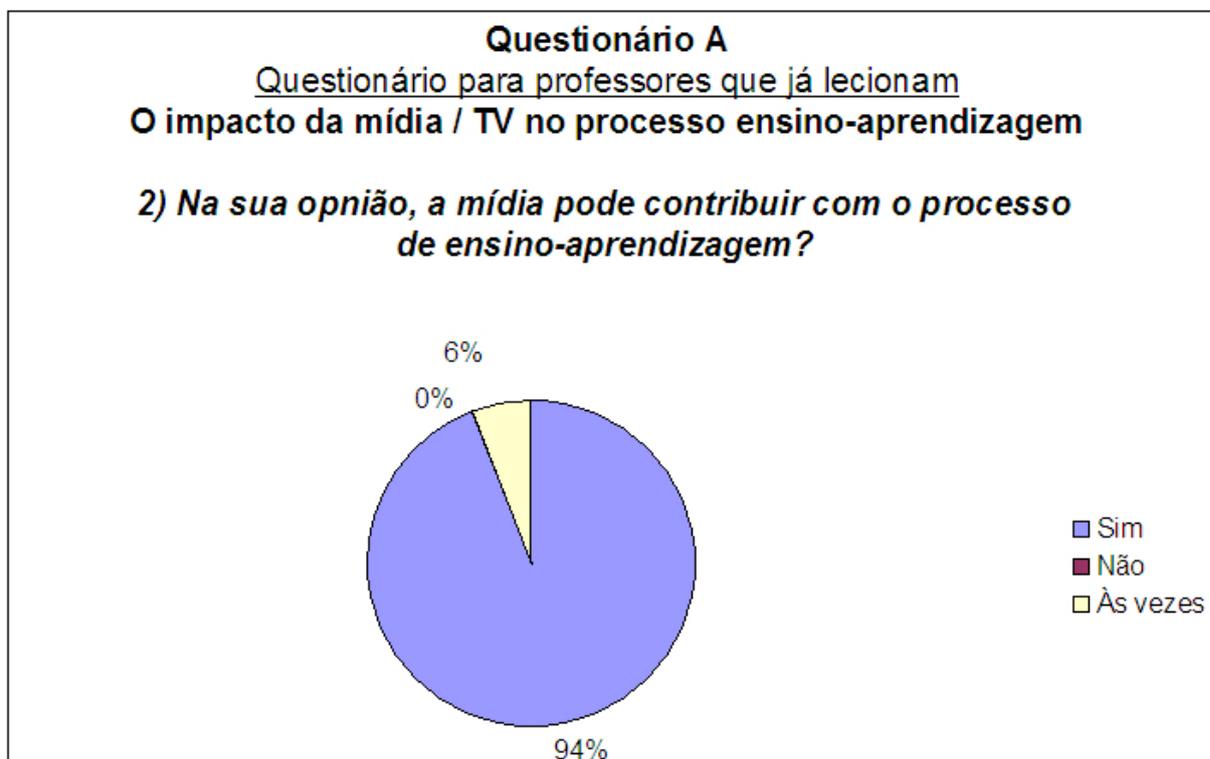
que não esteja preparado, o professor pode utilizar esse meio para ampliar o conhecimento do seu aluno, através do conteúdo que ela transmite e explorando a compreensão dele sobre o que pode ser debatido em sala de aula, em qualquer que seja o nível de aprendizado do aluno e qualquer escola que ele esteja cursando seus estudos.

Segundo Albuerguini,

Ao lado do despreparo e preconceito de muitos professores de inserir a mídia nos conteúdos programáticos das aulas, milhares de professores e alunos dos ensinos fundamental, médio e universitário no Brasil, por outro lado, já empregam os meios em suas rotinas de trabalho. Prova disso, são os congressos e seminários recentemente realizados no Brasil que sinalizam a convergência das áreas de Comunicação e de Educação. (<http://www.tvebrasil.com.br/educacao>)

Essa informação nos assegura que embora no momento apenas as escolas particulares estejam procurando levar a mídia para a sala de aula, já há uma procura maior por parte dos professores em todos os níveis, o que os leva à participação em congressos e seminários. E que nos dá a esperança de que isso se torne mais freqüente, uma vez que a mídia TV se torna a cada dia mais presente na vida do cidadão e, por conseguinte da escola.

Gráfico 2



Quanto ao impacto da mídia /TV no processo ensino-aprendizagem 94% os professores relatam que a mídia pode contribuir, apenas 6% deles acreditam que essa contribuição possa acontecer às vezes, ao passo que nenhum dos professores disse que a mídia não contribui.

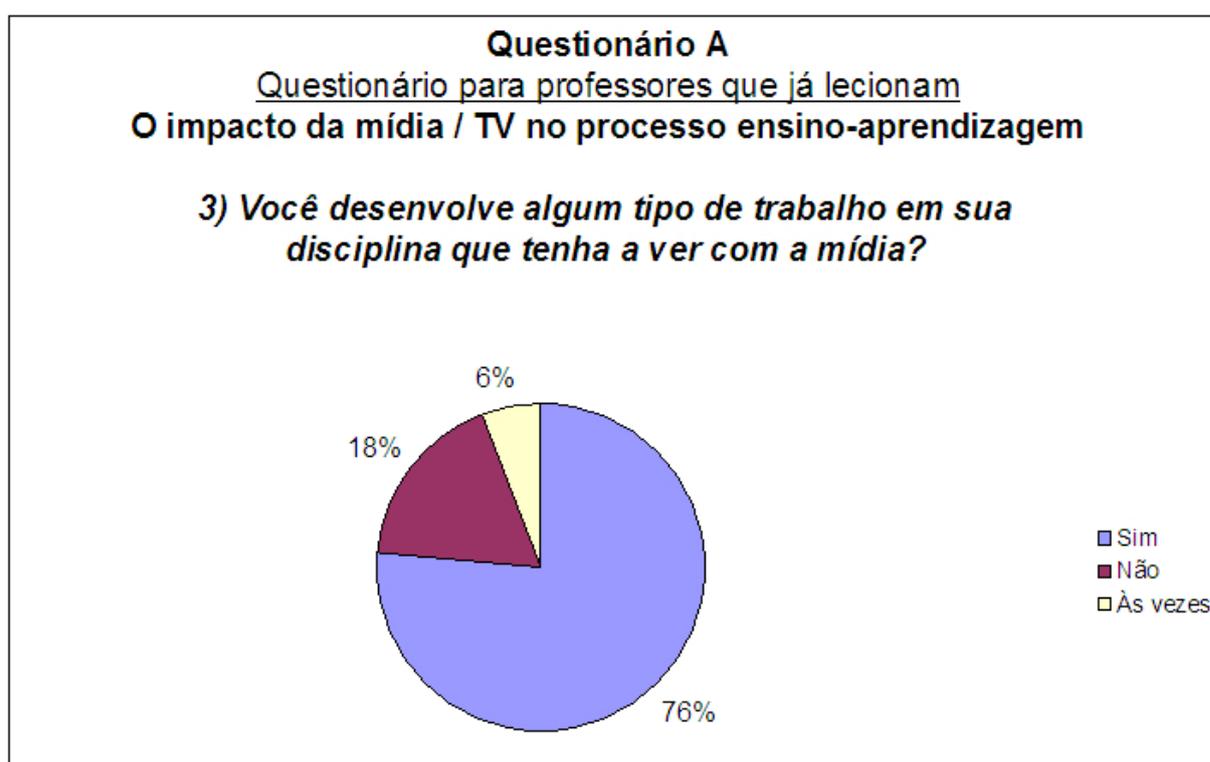
Para Moran(2000),

A criança também é educada pela mídia, principalmente pela televisão. Aprende a informar-se, a conhecer – os outros, o mundo, a si mesma -, a sentir, a fantasiar, a relaxar, vendo, ouvindo, “tocando” as pessoas na tela, pessoas estas que lhe mostram como viver, ser feliz e infeliz, a amar e odiar. [...] Mesmo durante o período escolar a mídia mostra o mundo de outra forma – mais fácil, agradável, compacto – sem precisar esforço. Ela fala do cotidiano, dos sentimentos, das novidades. A mídia continua educando como contraponto à educação convencional, educa enquanto estamos entretidos.(pág. 33)

Diante do que diz Moran há por parte dos professores uma concordância com essa idéia, já que a maioria acredita que a mídia pode contribuir para o processo ensino-

aprendizagem, pois a realidade é que não há como se pensar a escola, a sala de aula sem a mídia, todas estão desde há algum tempo presente em nossas vidas e mesmo que queiramos, não podemos nos dissociar dela. Falamos disso como adultos, o que pensarão a esse respeito as crianças, os adolescentes cuja curiosidade e criatividade é incomensurável? Que se aprende realmente com a televisão.

Gráfico 3



Desenvolvimento de trabalhos feito através da mídia TV, 76% dos professores relataram desenvolver, 18% disseram que não e 6% disseram que fazem isso às vezes.

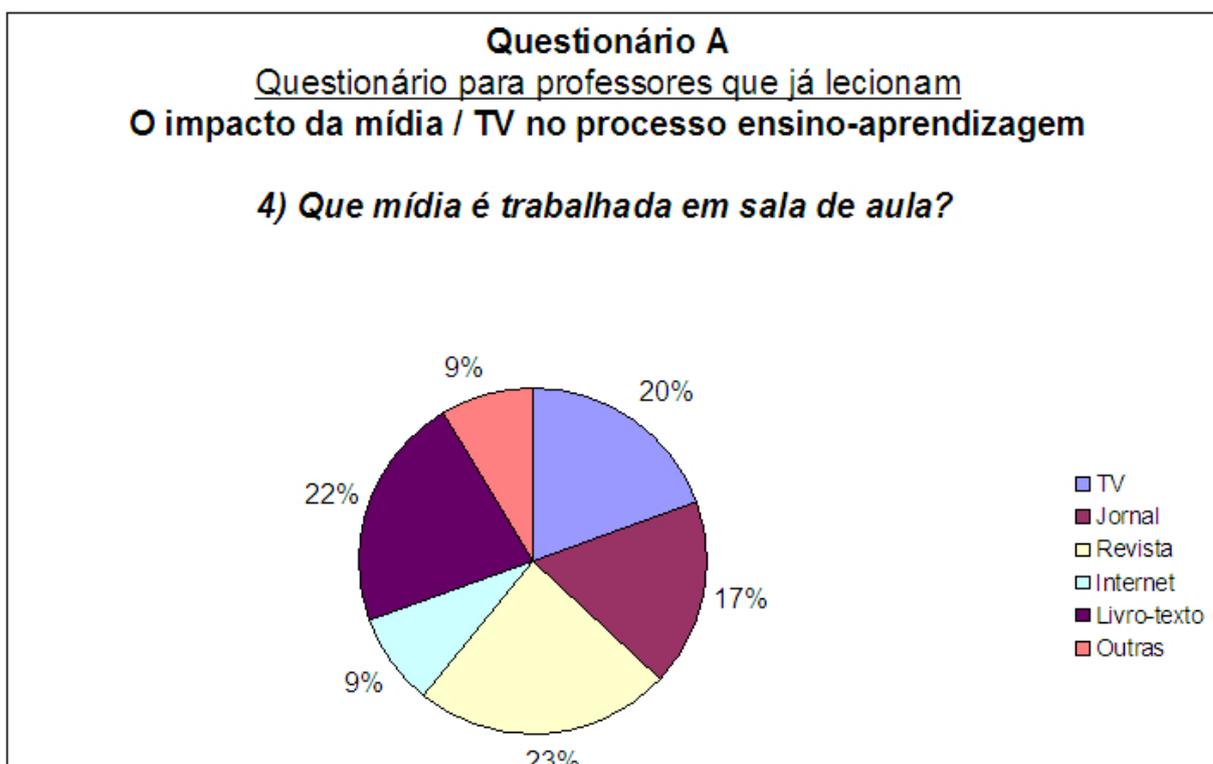
Pelo que dizem os professores uma grande parte deles preocupa-se e sente que não há nos nossos dias, como se desenvolver trabalhos em sala de aula utilizando apenas cuspe e giz. Isso porque, por mais que nos afastemos da TV, ela insiste em estar presente em nossas vidas. Por que então não usá-la, para inclusive facilitar o trabalho do professor em sala de aula, evitando que ele se torne obsoleto, chato, perdido em equações, e

regras gramaticais que na realidade já não amedrontam alunos, pois eles têm seu vocabulário próprio e recheado de múltiplas variações lingüísticas, muitas colhidas dos programas televisivos.

De acordo com Magaldi(2000) esse desenvolvimento de trabalhos feitos através da mídia podem ser realizados: “A partir de cada leitura selecionada, a primeira etapa é a de incentivar cada pessoa a prestar atenção em sua própria sensibilidade para tomar consciência de como a telinha provoca em nós rações emocionais instantâneas”(pág. 122).

Como se sabe, que os profissionais da educação têm em sua prática diária, muitas questões que envolvem as próprias crianças e adolescentes, acredita-se que seja a partir dessa vivência que eles exerçam seus trabalhos em conjunto com a mídia/TV.

Gráfico 4



Observa-se nesse item que todos procuram trabalhar a mídia, embora não se concentrem em apenas uma, 23% trabalham com revistas, 22% trabalham com o livro-texto, 20% trabalham com a TV, 17% utilizam o jornal, 9% utilizam a internet e 9% disseram utilizar outras que não foram mencionadas.

Nessas declarações dos professores, constata-se que a mídia escrita tem sido a mais trabalhada em sala de aula pelos professores, isto é, o livro-texto que nada mais é que o livro didático. Acredita-se, que isso se deva ao despreparo dos professores, pois embora quase todas as escolas possuam hoje seus computadores, apenas 9% disseram utilizar a internet. Isto porque chega o computador à escola, mas os professores não são preparados para utilizá-los.

Esse desconhecimento de como funciona o computador e por conseguinte a internet, faz com que as escolas produzam excluídos digitais, apesar de todos os esforços eivados no sentido contrário.

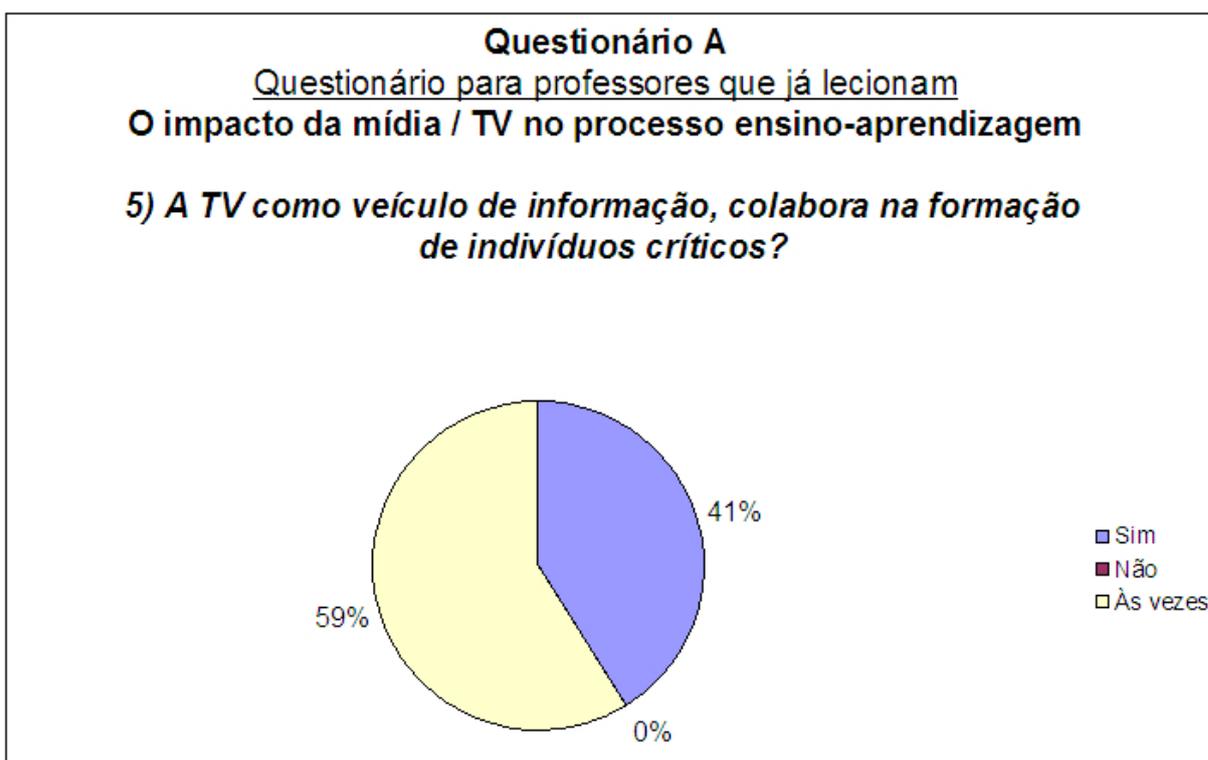
Poucos professores mostraram ter contato com a internet, mas Moran(2000) nos alerta para como ela pode ser trabalhada em sala de aula produzindo bons resultados. Diz ele “Cada vez mais poderoso em recursos, velocidade, programas e comunicação, o computador nos permite pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, idéias. Produzir novos textos, avaliações experiências“(MORAN, 2000, pág. 44).

Só por esse fato, o acesso mais constante a internet poderia proporcionar aos professores muito mais conhecimento dando-lhes maior formação didática.

É preciso, no entanto que se atente para o fato de que é o poder aquisitivo dos professores que muitas vezes faz com que ele não tenha acesso ao computador, se ele já existe na escola não há ainda uma preparação específica para o seu uso na educação.

Mesmo assim não podemos considerar as outras mídias muito utilizadas conforme se pôde ver nas respostas dos professores.

Gráfico 5



Quanto a formação de indivíduos críticos pelas informações trazidas pela TV, 59% dos professores disseram que às vezes isso acontece, 41% afirmaram no entanto que isso acontece sim.

Como se vê, nenhum dos professores achou que essa formação não existe, isto porque eles observam atitudes, comportamentos, mudança de valores, e opiniões sobre o que a TV transmite e o que ela provoca em seus alunos. Os professores, mesmo aqueles que disseram que só as vezes vê despertar em seu aluno a criticidade, observam o quanto isso é uma constante em nossos dias.

Do ponto de vista de Moraes(1997),

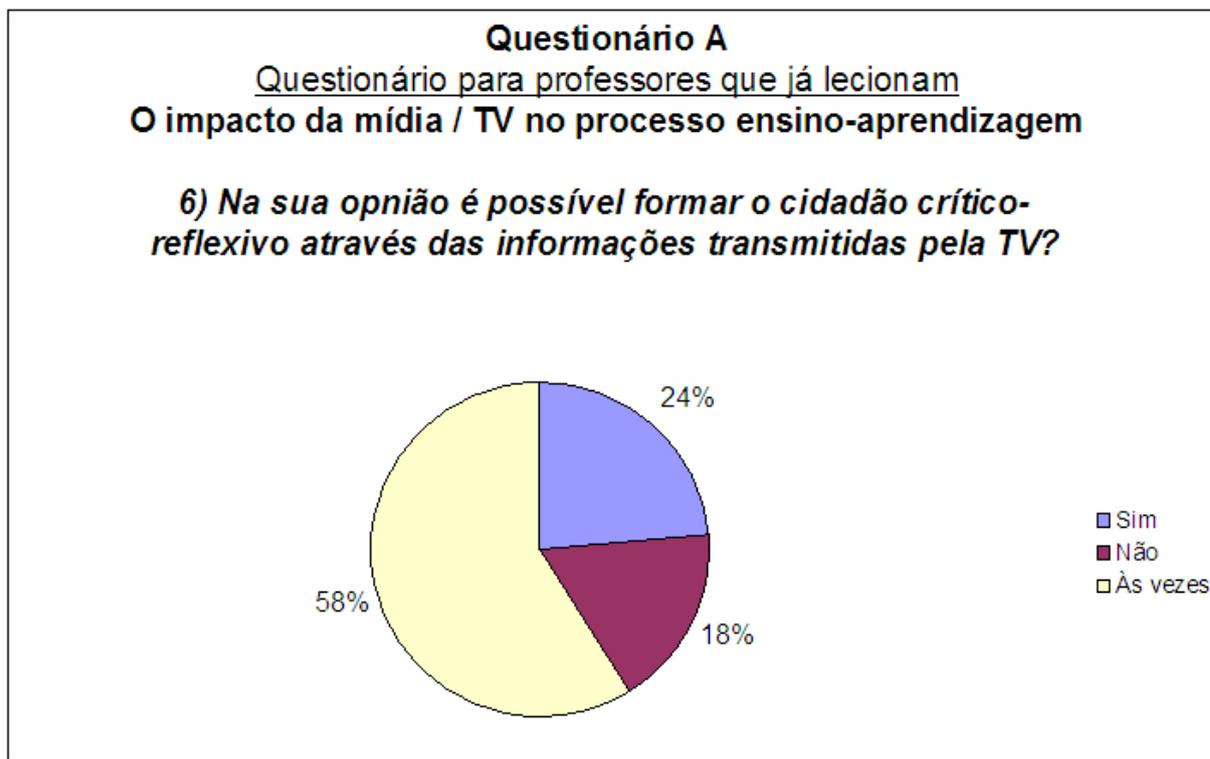
Que sujeito e objeto são organismos vivos, ativos, abertos, em constante intercâmbio com o meio ambiente, mediante processos interativos indissociáveis e modificadores das relações sujeito-objeto e sujeito-sujeito, a partir dos quais um modifica o outro, e os sujeitos se modificam entre si. É uma proposta sociocultural, ao compreender que o “ser” se constrói na relação, que o conhecimento é produzido na interação com o mundo físico social, a partir do contato com o indivíduo com a sua realidade, com os outros, incluindo aqui sua dimensão social, dialógica, inerente à própria construção do pensamento. (p. 66).

Essa forma de pensar nos põe frente a frente com o que foi perguntado no nosso questionário e confirma que há um posicionamento crítico ao que é transmitido pela televisão, uma vez que o indivíduo mesmo que seja autodidata, não se educa totalmente só, há que haver uma interação com o meio. O que se observa é que no entanto não há uma unanimidade por parte dos professores, mesmo que eles tenham percebido que essa consciência crítica já vem acontecendo há algum tempo.

Do ponto de vista de Behrens (2000),

O aluno precisa ultrapassar o papel de passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante, para produzir conhecimento. [...] Portanto, professores e alunos precisam aprender a aprender como acessar a informação, onde buscá-la e o que fazer com ela.(BEHRENS, 2000, pág, 70)

Gráfico 6



Um cidadão crítico-reflexivo formado através das informações transmitidas pela TV para 58% dos professores só às vezes isso acontece, por outro lado 24% dos professores acreditam que isso possa se possível, já 18% não vêem essa possibilidade e por isso responderam 'não'.

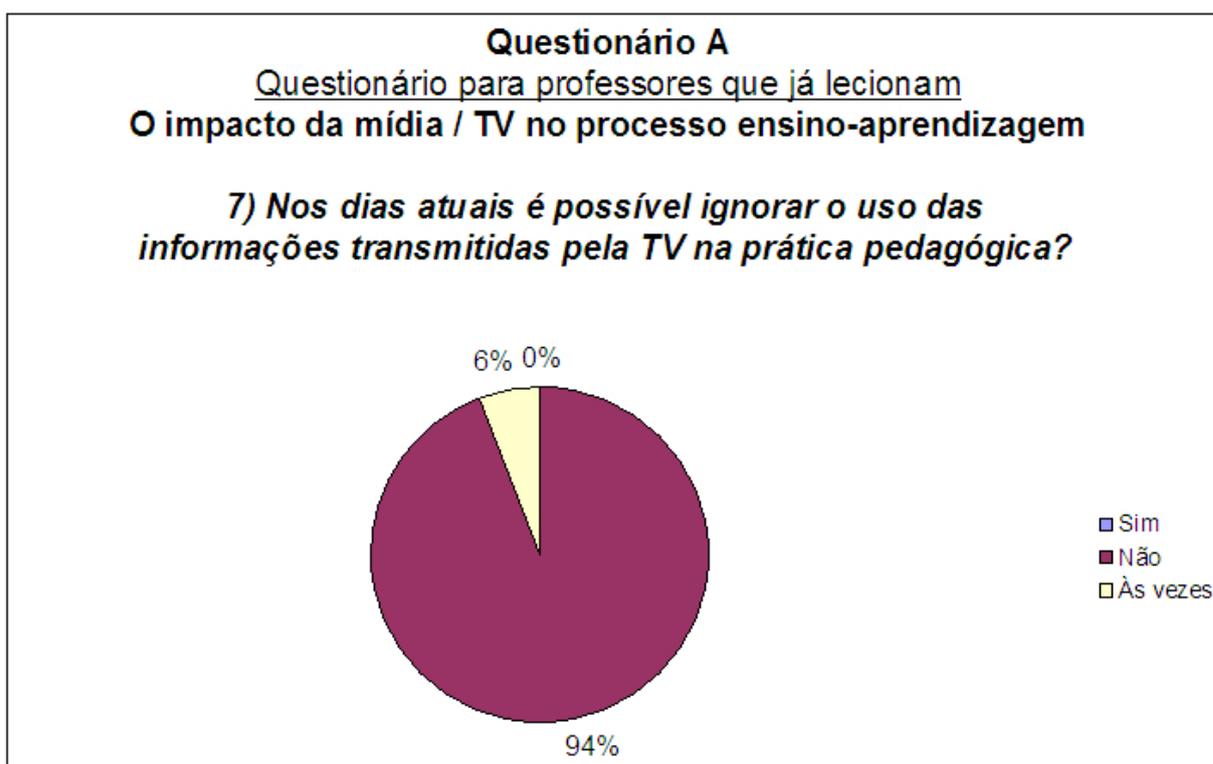
Para Adorno(1995),

o papel principal dos educadores (independente do nível que atua, educação infantil, ensino fundamental, médio ou superior) diante da televisão, é o de ensinar os indivíduos a verem TV, possibilitando a estes, instrumentos de criticidade, programações de relevância, reflexões sobre o assistido na instituição e em casa, como nos dizeres de Adorno (p. 79).

Isto posto, pode-se entender que se hoje os professores não consideram que seu aluno possa ser formado como um indivíduo crítico reflexivo através do que assiste na TV, cabe a ele como professor, dar a seus alunos a oportunidade de discutirem e analisarem o que a TV lhes transmite.

O que se pode observar com relação ao indivíduo crítico-reflexivo é que ele nem sempre se forma sozinho, alguns necessitam ser despertados para a reflexão por alguém que bem pode ser o professor, que pode se tornar figura imprescindível na mediação dos conflitos e na provocação de situações que levam o indivíduo a um consenso em relação ao grupo em que se insere.

Gráfico 7



Quanto a ignorar o uso de informações transmitidas pela TV na prática pedagógica, mesmo aqueles que em outras questões responderam que não há como a TV formar críticos-reflexivos e mesmo que consideraram que às vezes isso pode acontecer, 94% dos professores responderam que não há como ignorar essas informações e apenas 6% dos professores disseram que às vezes. Pode-se reconhecer aqui, que embora muitos professores não trabalhem os assuntos relacionados a mídia TV, eles sabem que não há como ignorar que as informações transmitidas por essa mídia que chega a todos

e são discutidas abertamente no cotidiano da família, da escola e mesmo da sociedade como um todo.

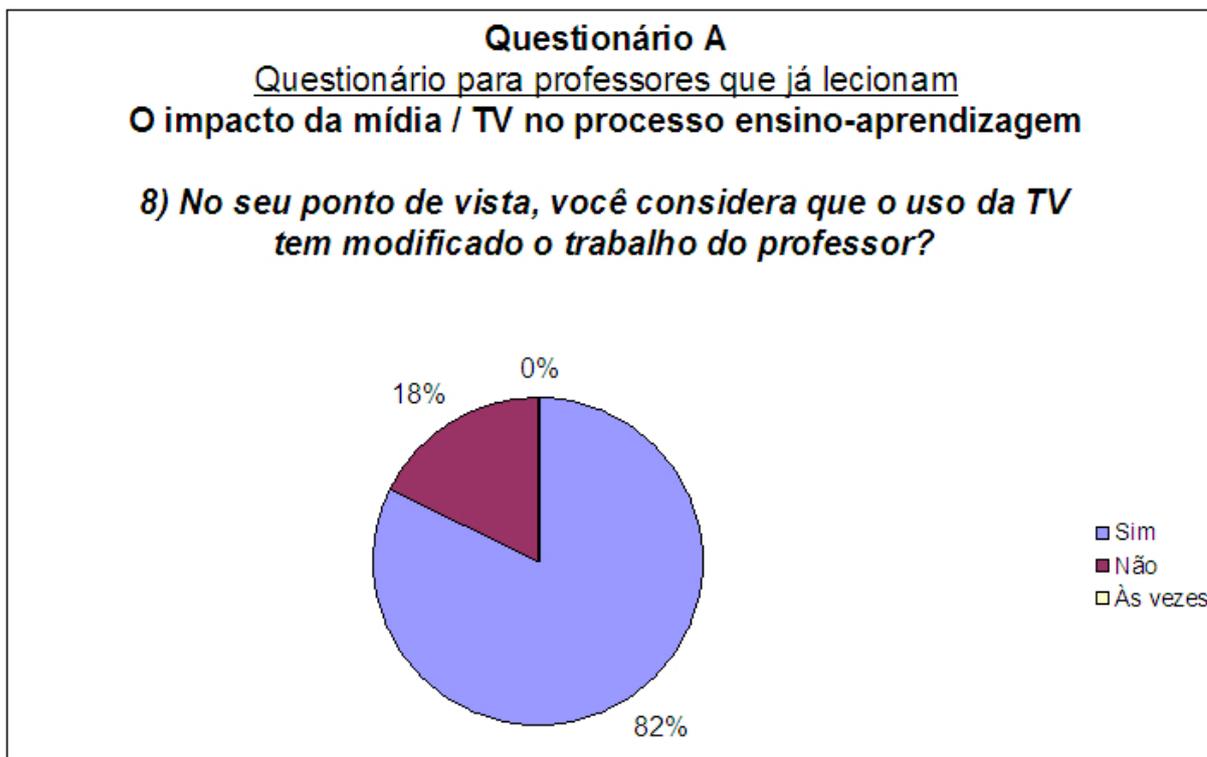
Para Moran(1995),

o vídeo pode aproximar o conteúdo didático do cotidiano dos alunos, se para sua escolha forem considerados seus interesses e necessidades. Ele pode atrair os alunos quando possui uma narrativa significativa para eles, apesar de não modificar por si só a relação pedagógica. Ele é apenas um recurso, mas um recurso muito especial! Ele parte do visível, do que toca vários sentidos. Seus diálogos, em geral, expressam a fala coloquial, enquanto o narrador faz a síntese dentro da norma culta, orientando a significação do conjunto. As músicas e os efeitos sonoros evocam lembranças e criam expectativas, antecipando reações e informações. Ele faz a combinação da intuição com a lógica, da emoção com a razão. Ele é sensorial, visual, linguagem falada, musical e escrita. Através dele somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. Ele nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades, em outros tempos e espaços. (p. 28 e 29)

Como bem diz Moran não há como se ignorar os efeitos que a mídia provoca no ser humano, porque além do entretenimento realizado por ela, existe também o prazer da descoberta de novos mundos, de novas informações que embora não seja considerado pelos professores como fato pedagógico, podem e devem ser utilizados na prática diária dos professores para que eles atinjam com mais facilidade suas metas no processo ensino-aprendizagem.

Os professores devem, contudo levar em consideração o que diz Vygotsky (1994) , a aprendizagem ocorre a partir de um processo de interação social, através do qual o indivíduo vai internalizando o mundo profissional, cultural e social dos adultos.

Gráfico 8

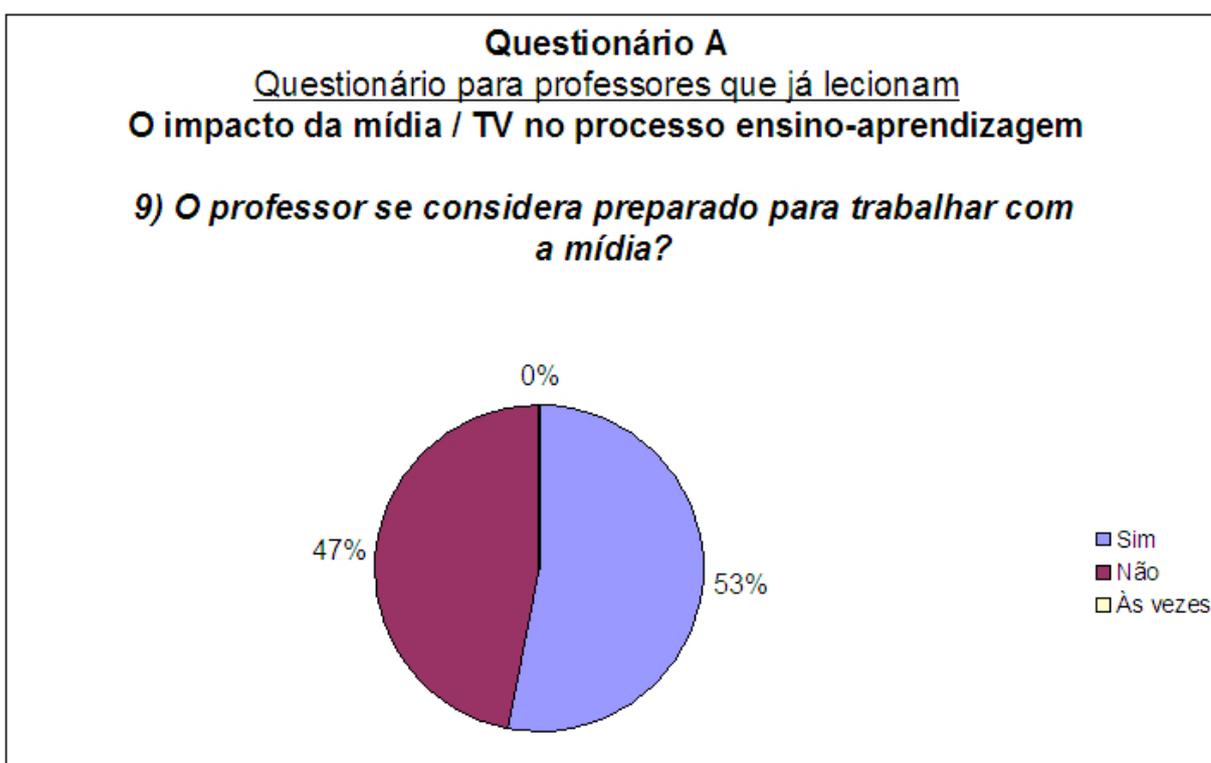


Embora alguns não acreditem na contribuição da mídia/TV no processo ensino-aprendizagem, observaram que o uso da TV tem modificado o trabalho do professor.

Freire (1979) propõe conhecer a realidade do aluno no sentido de compreender as diferenças culturais e as distâncias lingüísticas existentes na escola e no contexto do aluno, para que o professor possa planejar e executar o curso, selecionar os objetivos educacionais, os métodos de ensino e a própria avaliação do processo ensino-aprendizagem. A realidade que o aluno conhece e vive não é somente aquela empiricamente apreendida; é também, a realidade sonhada, a das idéias, das crenças, das emoções, das aspirações, das fantasias, dos desejos. O professor, quando tenta conhecer a realidade do aluno, costuma dar mais importância aos aspectos empíricos que constituem uma parte desta realidade, e impõe a ela um significado diferente do que o aluno lhe atribui. Desconhece as dimensões simbólicas da realidade, sem o quê é impossível ter acesso ao mundo do aluno e à sua visão sobre o mundo.

É possível que partindo desta proposição de Freire o professor possa, estudando novas técnicas de ensino, tecnologias inovadoras como a mídia/TV, venha a observar que esse novo método a aplicar no processo ensino-aprendizagem, pode trazer contribuições a sua prática pedagógica. Muitas vezes não se pode dizer que isso não funciona, só porque nunca foi utilizado. É necessário ousar, experimentar novos caminhos, especialmente porque se a escola assim não fizer, ela estará se distanciando cada vez mais do mundo globalizado e será sempre conhecida como retrograda.

Gráfico 9



Dos professores que já lecionam 53% se considera preparado para trabalhar com a mídia em sala de aula, 47% não se considera preparado.

A tecnologia apresenta-se hoje como um desafio para os professores, especialmente para os professores mais antigos na escola, pois muitos não entendem, não se adaptam e mesmo não se interessam por ela. É coisa nova e muitos a acham inatingível, especialmente quando não se prepararam para tanto.

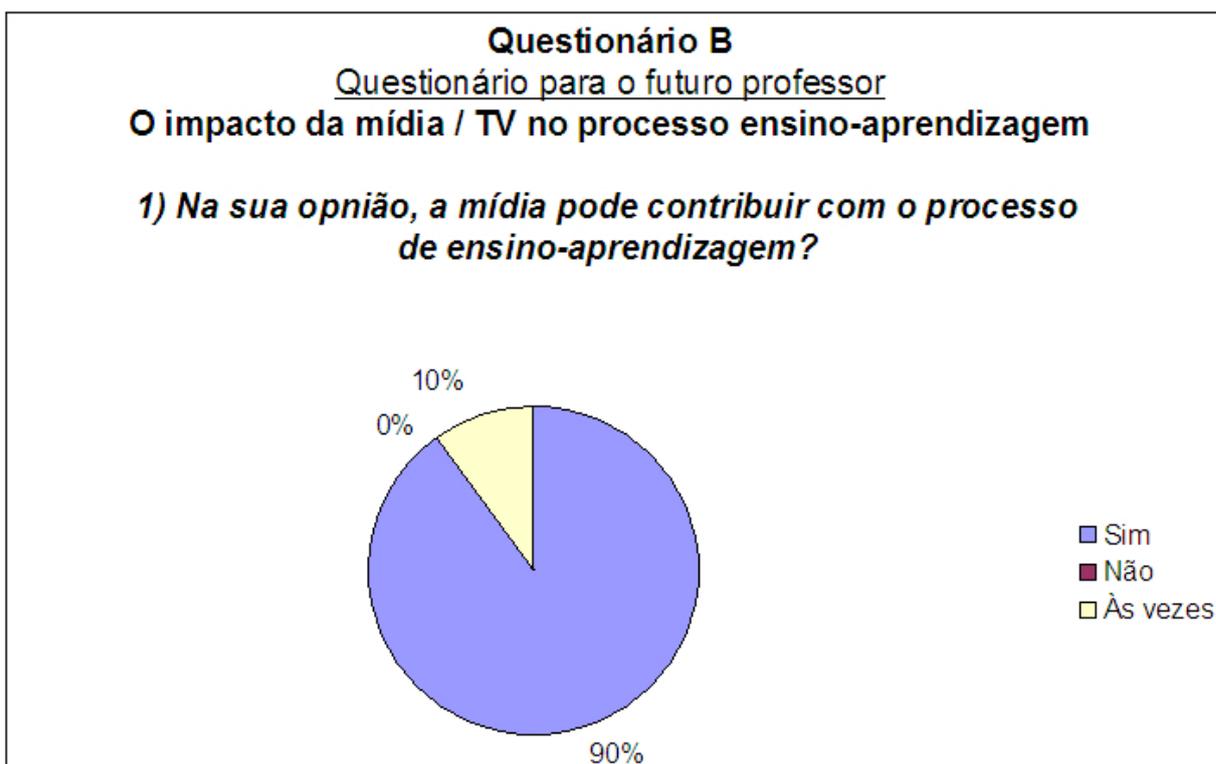
Belloni (2001) apud Belloni (1999) afirma por isso que,

Para enfrentar estes desafios o professor terá que aprender a trabalhar em equipe e a transitar com facilidade em muitas áreas disciplinares. Será imprescindível quebrar o isolamento da sala de aula convencional e assumir funções novas e diferenciadas. A figura do professor individual tende a ser substituída pelo professor coletivo. O professor terá que aprender a ensinar a aprender.

O que Belloni apresenta é uma nova visão da educação, do processo ensino-aprendizagem que deve servir de guia aqueles que ainda não estão preparados. E é isso o que acontece com boa parte dos professores sejam eles da rede privada ou da rede pública. Um novo aprendizado se vislumbra e todos os que estão na área da educação terão mais dia, menos dia que enfrentar esse desafio.

Foram feitas praticamente as mesmas perguntas ao futuro professor e suas respostas estão relatadas abaixo. Embora algumas respostas se pareçam, elas vêm de realidades diferentes. É o questionário B (anexo 5)

Gráfico 10



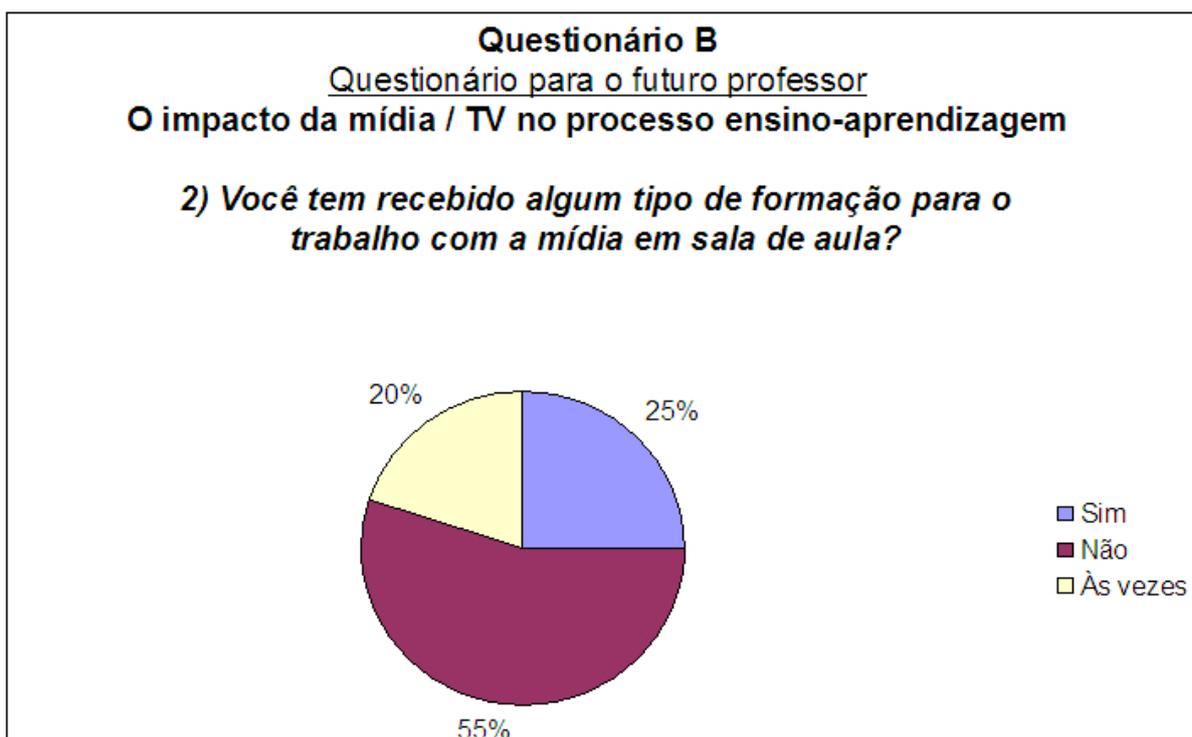
Noventa por cento dos futuros professores questionados acreditam que a mídia pode contribuir para o processo ensino-aprendizagem e apenas 10% acreditam que às vezes isso possa acontecer.

Buckingham(2005) citado por Girardello, diz que,

É importante lembrar que as crianças fazem parte da cultura da televisão, elas têm essas referências em comum, vêem TV em casa durante horas e horas. Se todas as crianças na sua sala viram a mesma telenovela na noite passada, por que não transformar aquilo em tema de uma discussão, ou de um exercício dramático na sala no dia seguinte? Você não precisa de câmeras sofisticadas, ou de um aparelho de TV na sala de aula. A escola pode ser um espaço onde eles elaborem essa experiência comum.

Todos sabem que isso realmente acontece, a criança hoje participa da vida da família e como ela, deleita-se com a TV por muito tempo. Um trabalho desse tipo pode proporcionar ao aluno e ao professor um intenso debate, inclusive dando às crianças oportunidade de externar suas opiniões. Essa sem dúvida pode ser uma contribuição para o processo ensino-aprendizagem que pode ser realizado pelo professor em sala de aula.

Gráfico 11



Sente-se aqui, que embora estejamos no século XXI, onde todos estão voltados para o uso de novas tecnologias, de práticas inovadoras na sala de aula 55% dos futuros professores não receberam nenhuma formação para o uso da mídia em sala de aula; apenas 25% receberam informação relacionada a esse tipo de trabalho e 20% dizem que às vezes isso se dá.

Para Miranda(1997),

as Necessidades Básicas de Aprendizagem têm como ponto central a capacidade que a escola deve desenvolver no indivíduo de “aprender a aprender”, onde o processo de aprendizagem passa pela ação e a escolha dos conhecimentos, pela sua utilização direta na vida cotidiana do indivíduo; a funcionalidade e o pragmatismo são fundamentais e expressões como “aprender fazendo”, “aprender em serviço” e “aprender praticando” tornam-se essenciais. Portanto, as relações entre aprendizagem e conhecimento, que envolvem abstrações complexas, estão fora das Nebas* (p. 37-38).

Diante dessa declaração de Miranda feita há quase 10 anos atrás, poucas mudanças foram executadas. Pois como se percebe na declaração dos futuros professores a universidade que aí está para formá-los, ainda não se deu conta que deve realmente fazer isso. Surpreende-nos que no século XXI, milênio em que todas tecnologias são inovadoras, a universidade ainda esteja usando métodos da chamada escola tradicional para formar seus alunos,, futuros professores.

Temer e Pachane num estudo feito na universidade em que trabalham constataram em seu estudo que de fato há pouco contato de estudantes do ensino superior com a mídia.

Dizem elas,

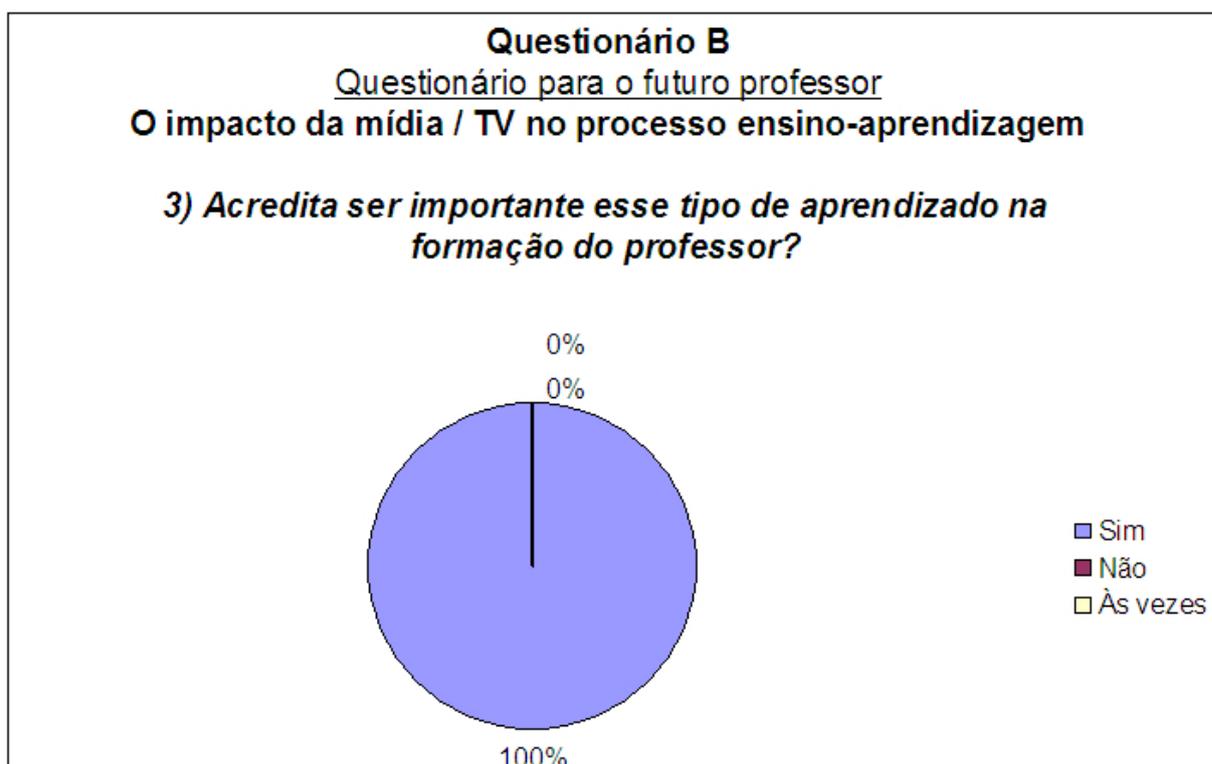
Um dos aspectos abordado pela enquete dizia respeito ao uso dos meios de comunicação pelos professores em sala de aula. A eles foi pedido que indicassem, numa escala de 0 a 4, a freqüência com que utilizavam jornais, revistas, matérias da TV ou outras fontes em suas aulas. Sendo que 0 indicava a não utilização de determinado meio e 4 sua utilização com bastante freqüência, os resultados obtidos foram os seguintes: *jornal* obteve freqüência média de 2,3; *revistas* obteve freqüência média de 2,6 e *TV*, de 1,7. Na categoria outros

* “Necessidades Básicas de Aprendizagem” (Neba).

foram citados: *Internet* (mencionada por 20 professores), com frequência média de 3 pontos; *artigos ou livros não necessariamente didáticos ou pedagógicos* (citados por 5 professores), com média de 3,8 pontos; *filmes* (citados por 5 professores), com média 2,5. Foram ainda mencionados *estudos de caso* e *documentários* (uma citação cada) e *rádio*, no caso específico de dois professores de radiojornalismo. (www.acordeduca.com.br)

Elas dizem ainda, embora a mídia tenha seu espaço na sala de aula do ensino superior, percebemos que a formação por ela possibilitada ainda é pouco explorada, ocorrendo, talvez, fora dos espaços universitários e, muitas vezes, sem a necessária reflexão crítica sobre os conteúdos abordados e a forma como são apresentados. Essa é quase a mesma conclusão a que chegamos pelas respostas dadas pelos futuros professores.

Gráfico 12



Conforme o gráfico acima o futuro professor questionado, acredita em unanimidade que esse tipo de aprendizado é importante na formação do professor.

Segundo a UNESCO(1998),

O livro didático e os manuais passam a ser indispensáveis no currículo, que deve ter os mesmos como apoio e fonte de conhecimento para os professores. Professores estes que não necessitam de longos programas iniciais de formação. Aprender fazendo, em serviço, é suficiente para sua formação, sendo que, para tanto, a educação à distância por meio de rádio ou TV é fundamental e eficaz. Manipular manuais e livros e dominar algumas habilidades técnicas, além de ser capaz de refletir sobre a sua ação, são suficientes, pois este profissional, como os demais, também deve ser flexível e, se possível, ater-se a outras ocupações no mercado de trabalho, não reduzindo-se somente a ser professor. Afinal, com o desenvolvimento tecnológico a figura do professor não é tão indispensável, “o sendo apenas para os que não dominam os processos de reflexão e de aprendizagem” (Unesco, 1998, p. 156).

Vejamos que essa organização entende que a formação do professor tem múltiplas facetas e não está apenas no livro didático. O trabalho do professor em sua sala de aula consiste em levar seu aluno ao aprendizado utilizando as armas que tem nas mãos e elas podem ser as mais diversas possíveis e entre elas, cita a mídia e aqui ele se transforma mais num orientador que num instrutor de seres humanos.

No entanto, não podemos considerar o professor apenas como orientador, pois ao se graduar ele escolheu uma determinada área para lecionar, dessa forma ele aprendeu os meandros do conteúdo que vai ministrar, a sua aula não pode simplesmente se destinar a prática, a teoria é o conhecimento que norteia sua prática professoral.

Isso porque de acordo com que diz o MEC(1997),

A formação dos professores deve ser pautada na perspectiva de um processo de desenvolvimento profissional permanente. A perspectiva de formação permanente inclui formação inicial e continuada concebidas de forma articulada. A formação inicial corresponde ao período de aprendizado dos futuros professores nas escolas de habilitação, devendo responder a questões da prática da educação infantil e do ensino fundamental de crianças, jovens e adultos e estar articulada com as práticas de formação continuada. (MEC, 1997, p. 7)

Assim sendo, se o professor não possui em sua formação itens que o levem a um maior desenvolvimento de suas atividades ele deve procurar desenvolver seu conhecimento

de forma permanente, fazendo com isso que ele esteja sempre atualizado e não se torne obsoleto.

Silva diz que Anísio Teixeira,

apontava para a defasagem dos professores ainda distantes do perfil necessário à nova formação dos estudantes e enfatizava: “ainda não fizemos em educação o que deveria ser feito para preparar o homem para a época que ele criou e para a qual foi arrastado”. Era preciso formar professores capazes de lidar com a complexidade e a amplitude do seu tempo de modo a conduzi-lo e submetê-lo a uma nova ordem humana. Era preciso preparar as novas gerações para lidarem com a mídia de massa capaz de “condicionar mentalmente o indivíduo, transformando-o em joguete das forças de propaganda e algo de passivo no campo da recreação e do prazer.” (<http://www.senac.br/informativo>)

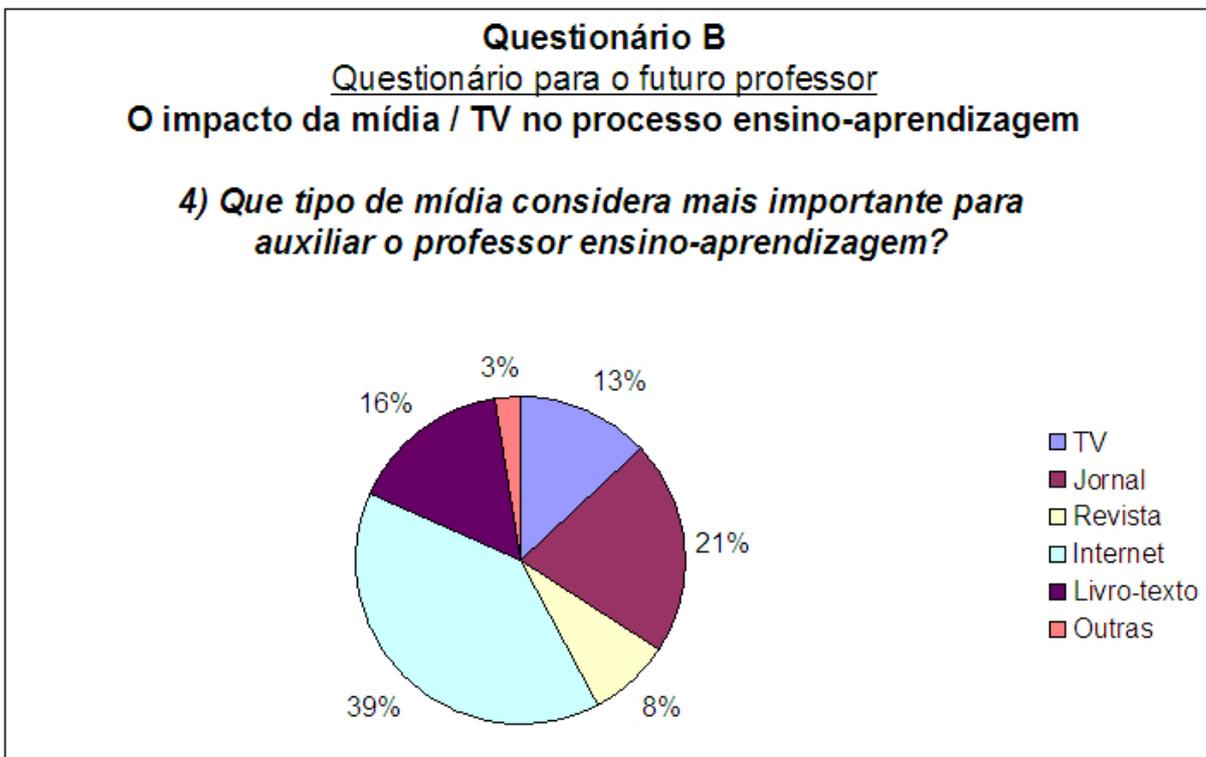
O educador Anísio Teixeira em seu tempo já vislumbrava um mundo novo, calcado na mídia como fator educativo e por isso via na formação do professor novas perspectivas.

Silva acrescenta ainda que Anísio Teixeira dizia que,

o professor não estava sendo preparado para atuar na “nova fase da civilização industrial”. Não estava sendo preparado para oferecer uma educação à altura do seu tempo. Pior, estava alheio às implicações educacionais diante da exigência de “compreensão mais delicada do valor, do significado e das circunstâncias em que a nova comunicação lhe é feita”.

Pelo que percebe da educação formativa do professor nos nossos dias, esta declaração continua atual, tendo em vista as respostas dadas pela maioria dos futuros professores questionados.

Gráfico 13



Para o futuro professor tudo é necessário para atingir um processo ensino aprendido, como se pode ver, pois 39% consideram importante a internet; 21% o jornal; 16% o livro texto, 13% a TV, 8% as revistas e apenas 3% consideram outras mídias.

Nesse questionamento observa-se que, sendo de uma outra geração, os futuros professores vêm na internet o meio mais importante para atingir o processo ensino-aprendizagem que as outras mídias.

Segundo Cabral,

A educação através da INTERNET terá que ser responsável por esta ruptura paradigmática a partir da mudança de tecnologia. A aposta da INTERNET na educação foi de que a tecnologia introduz um paradigma e interfere na produção de conhecimento. O conservadorismo na educação ainda não permitiu isso! (www.comunicacao.pro.br/artcon/interneduc.htm)

A internet é hoje, o meio mais atual de comunicação e de informação, sabe-se sem sobre de dúvida que ela produz bons e maus fluídos. Contudo não podemos nos deter naquilo que de mau ela produz, porque sabemos que ela tem dado a muitos a oportunidade de se tornarem mais comunicativos e conhecedores de fatos que antes não eram possíveis.

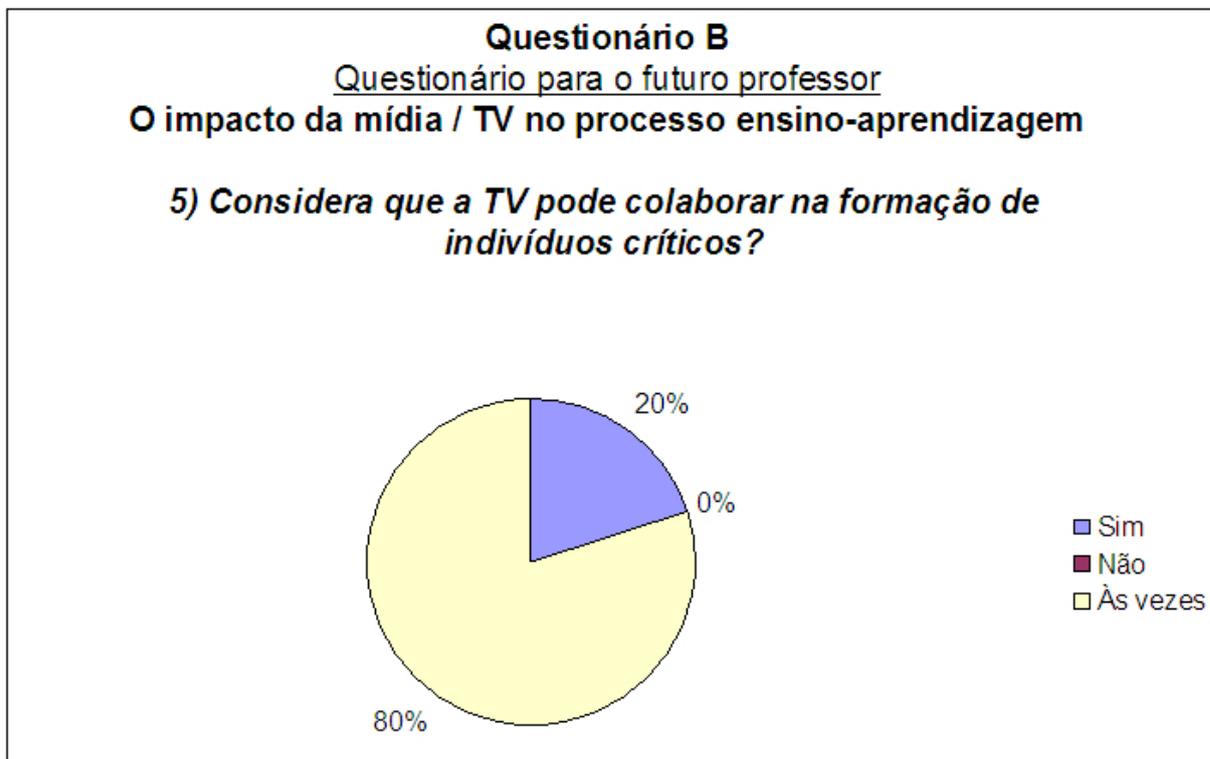
Por isso entende-se que essa nova geração esteja tão ligada a ela e a considerem tão importante em detrimentos dos outros meios de comunicação.

Cabral diz ainda que,

colocam-se desafios para a educação no futuro a respeito dos currículos e paradigmas que irão se construir a partir dessa nova realidade. [...] A INTERNET não pode ser apenas apresentada como uma grande fonte de dados sobre os mais diversos assuntos, sem que se perceba que se transformou também o modo de produzir conhecimento. É a partir desta clareza que se devem estabelecer os paradigmas e conteúdos da educação do futuro. (idem)

Esse é um ponto de vista que acredita-se ainda vai dar muito o que falar, principalmente por parte dos docentes, quando percebe-se que muitos sentem-se ameaçados por essa nova tecnologia e dela nem se aproximam, mas que a cada dia se torne tão imprescindível.

Gráfico 14



Para esse professor que inicia seu aprendizado, 80% considera que às vezes a TV pode colaborar na formação de indivíduos críticos, apenas 20% acreditam que isso possa acontecer.

Martín-Barbero (2000) através do seguinte relato nos diz que.

Estamos diante de uma geração que mais que na escola é na televisão, captada por antena parabólica, onde tem aprendido a falar inglês, que experimenta uma forte empatia com o idioma das novas tecnologias e que crescentemente gosta mais de escrever no computador do que no papel. Empatia que se apóia numa plasticidade neuronal (Piscitelli, 1994)* que dota os adolescentes de uma enorme capacidade de absorção de informação, seja via televisão ou em videogames, e de uma quase natural facilidade de entrar e manipular a complexidade das redes informáticas. Frente à distância com que grande parte dos adultos sente e resiste a essa nova cultura - que desvaloriza e torna obsoletos muitos de seus saberes e habilidades -, os jovens respondem com uma intimidade feita não só da facilidade para relacionar-se com as tecnologias audiovisuais e informáticas mas da cumplicidade cognitiva e expressiva: é nos relatos e imagens, nas suas sonoridades, fragmentações e velocidades que encontram seu ritmo, seu idioma" (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 86).

* Piscitelli, A., Del péndulo a la maquina virtual. I: Bleicmar, S. (comp.) Temporalidad, determinación, azar. Buenos Aires, Paidós, 1994.

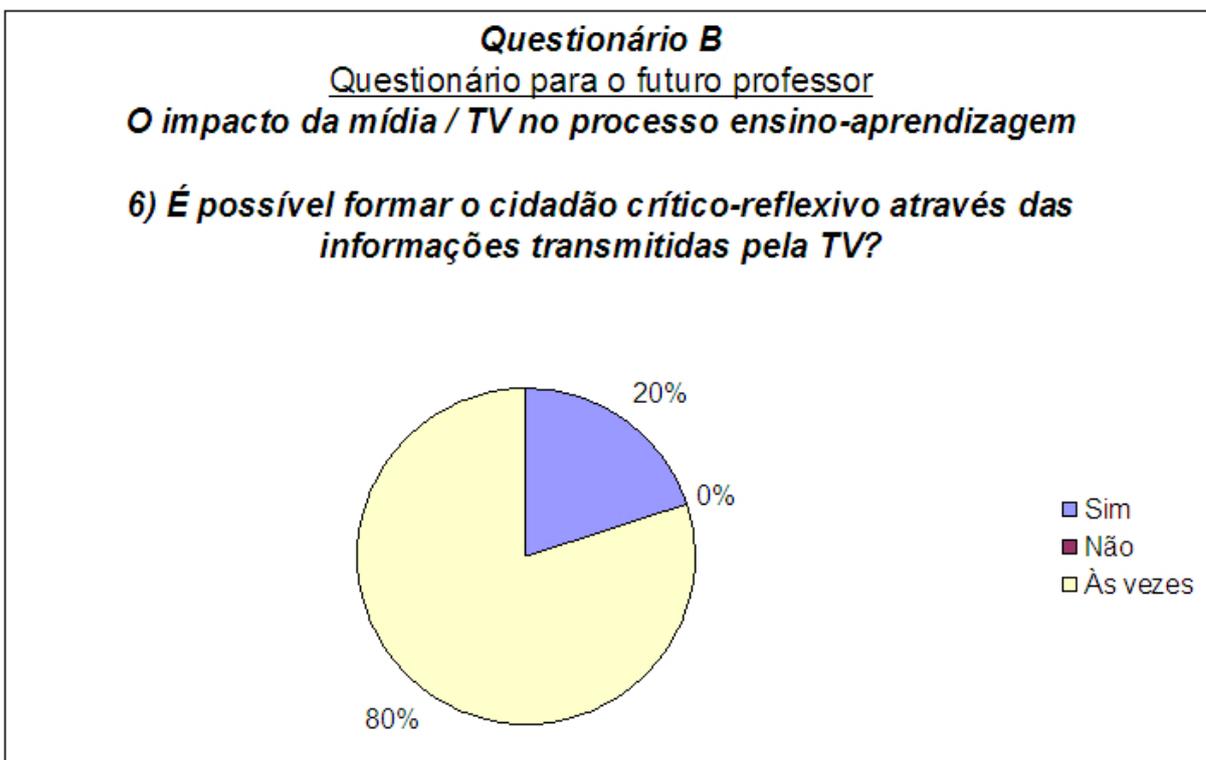
Partindo desse relato, pode-se considerar que há um real aprendizado pela assistência à TV. Se há um real aprendizado, o aluno pode daí vir a se tornar um indivíduo crítico.

Para Kenski (2003), na realidade brasileira o maior desafio é a formação de professores, não só para dar conta da questão tecnológica, mas principalmente para saber lidar

“com alunos e situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos tecnologicamente avançados e acesso pleno ao universo de informações disponíveis nos múltiplos espaços virtuais aos que se encontram em plena exclusão tecnológica, sem oportunidade para vivenciar e aprender nesta nova realidade; das instituições de ensino equipadas com as mais modernas tecnologias digitais aos espaços educacionais precários e com recursos mínimos para se trabalhar” (p. 74).

Essa autora diz ainda que, não basta capacitar os alunos para lidar com as novas exigências do mundo do trabalho, cabe sobretudo formar alunos críticos perante o universo das tecnologias, sem falar na oportunidade de trazer para a escola motivação maior e mais atualizada.

Gráfico 15



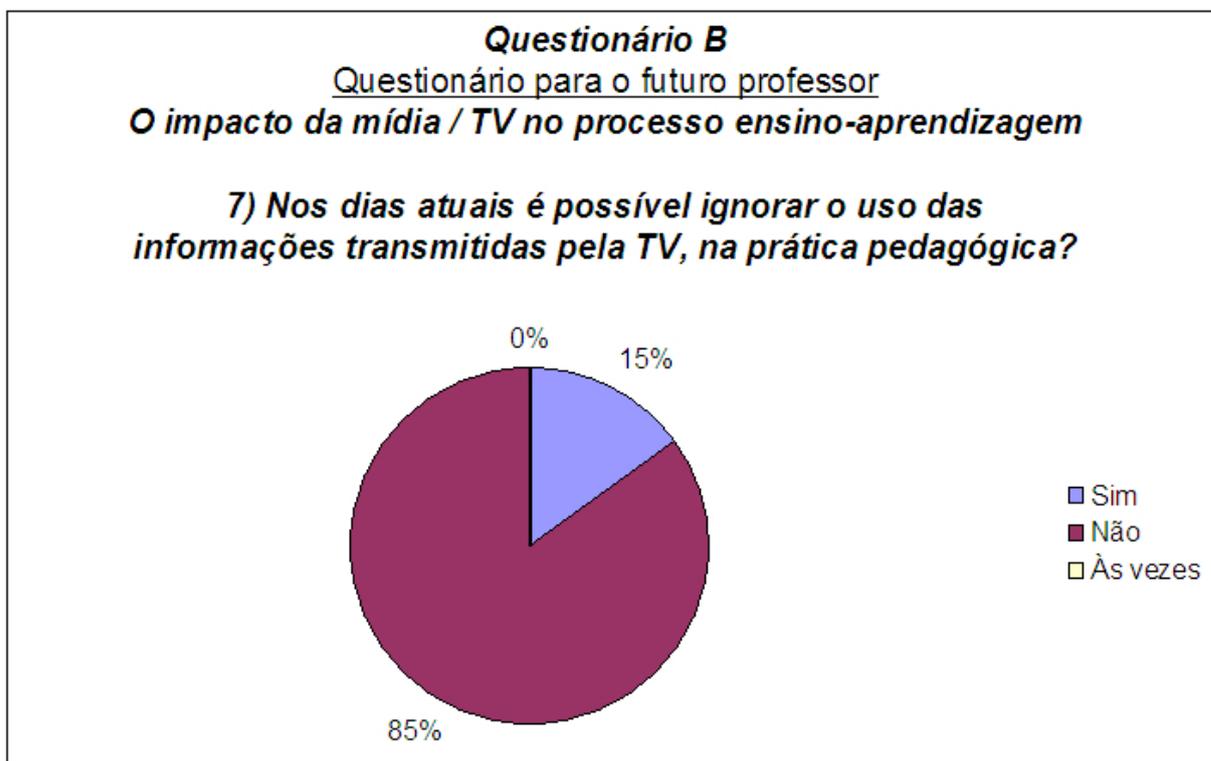
Como na questão anterior 80% acredita ser possível (às vezes) a formação de um cidadão crítico-reflexivo através das informações transmitidas pela TV, enquanto o mesmo percentual da questão anterior considera possível, 20%. Nenhum futuro professor considerou a impossibilidade da formação de um cidadão crítico-reflexivo partindo das informações transmitidas pela TV.

Borsoero cita o professor Rui Grilo, que há 32 anos leciona português na rede pública de ensino de São Paulo, para ele a televisão tem uma influência grande demais para ser ignorada. “Hoje, o aluno está exposto a um bombardeio de imagens. A leitura e a interpretação, portanto, não devem se fixar apenas às palavras, mas também às imagens. Grande parte do que aprendem hoje está na televisão. Ela forma ou deforma, e cabe a nós oferecer uma leitura crítica da TV”, afirma.

Isso pode se traduzir da seguinte forma, se o indivíduo ainda não se conscientizou de

que ele é crítico-reflexivo, mesmo agindo como tal, cabe ao professor mostrar a ele quais pontos estão sujeitos a sua apreciação em determinado programa, filme ou imagem, e dar a ele a oportunidade de se pronunciar. Por si só, talvez ele não adquiria essa consciência.

Gráfico 16



Essa questão não contradiz o que foi dito na questão anterior uma vez que 85% dos entrevistados dizem que não é possível ignorar o uso de informações transmitidas pela TV na prática pedagógica e só 15% acredita que isso é possível.

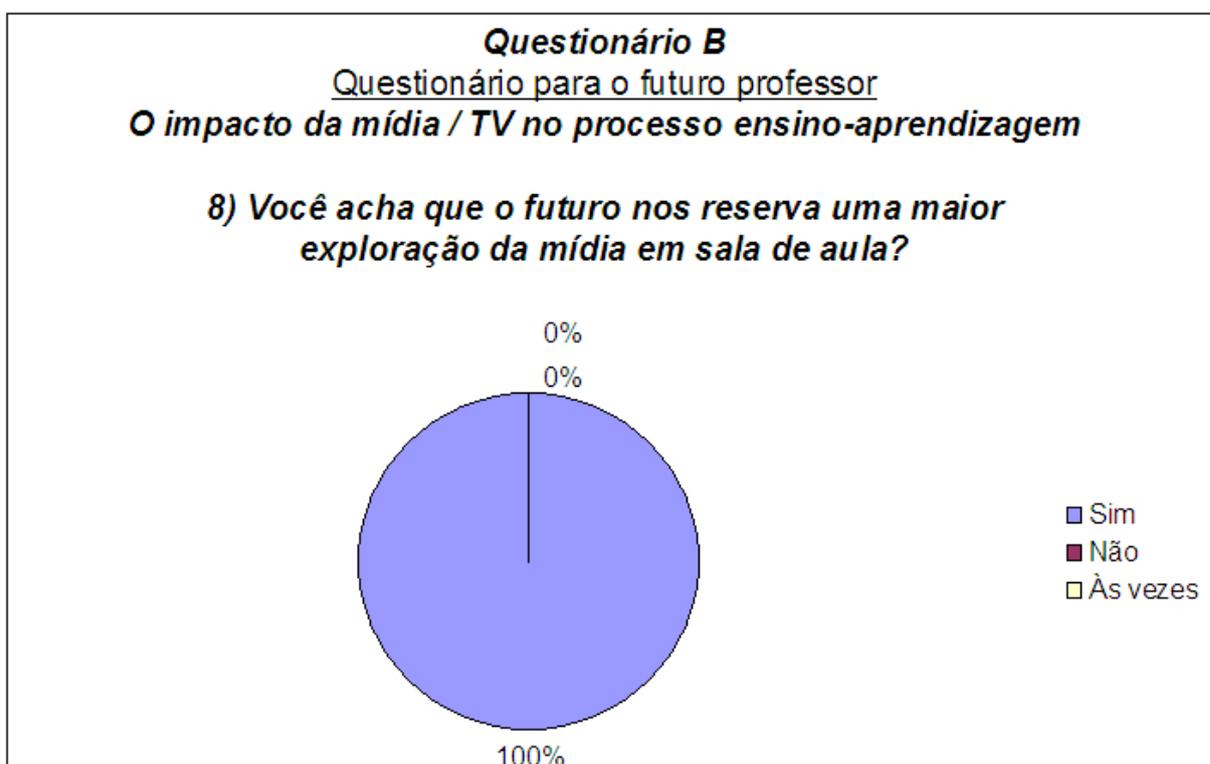
Segundo Mandarin(2002),

a sociedade contemporânea é caracterizada pela multiplicidade de linguagens e por uma forte influência dos meios de comunicação. É preciso que o professor entenda as linguagens do cinema, da TV e do vídeo e que possa identificar suas potencialidades e peculiaridades. O professor precisa estar preparado

para utilizar a linguagem audiovisual com sensibilidade e senso crítico de forma a desenvolver, com seus alunos, uma alfabetização audiovisual. (Revista Eletrônica em Ciências Humanas, 2002)

Entende-se assim que os meios de comunicação e consideramos que em especial a TV, já influencia a prática pedagógica e essa influência se tornará maior com o passar dos anos. Cabe então aos professores, capacitarem-se para trabalhar com ela em sala de aula e formar seus alunos na medida necessária para o uso desse instrumento em suas vidas.

Gráfico 17



Por outro lado todos os entrevistados consideram que o futuro nos reserva uma maior exploração da mídia em sala de aula.

Segundo Moran (1999), pesquisador e professor da Universidade de São Paulo,

Comunicação e educação andam juntas. Quanto mais a primeira se valer da segunda, melhor será o ambiente e, portanto, melhores serão as práticas

educativas. Para ele “o educador é um comunicador que precisa fazer uma interação, uma ponte como forma de lidar com o conhecimento, diferente de como vem fazendo. Uma pessoa que se comunique mais e fale menos, embora pareça contraditório; comunicar-se mais, sem preocupar-se com o conteúdo programático. Ele é um comunicador, porque fala com todo o corpo, porque ele é uma mensagem complexa e, junto com esse conteúdo programático, coloca sua experiência de vida, seu modelo de adulto realizado ou não, feliz ou não, de uma pessoa que vale a pena conhecer ou não. E isso é importante. Não basta ser só um professor competente, numa área específica. Tem que ser um competente comunicador de toda uma experiência de vida que vale a pena transmitir junto com aquele conteúdo programático específico. Essa é uma questão de fundo profundamente tecnológica, quer dizer, ele é um comunicador total. Isso não se improvisa, não se muda com cursos rápidos (...)”. (p.137)

Desse ponto de vista o professor tem que ser um comunicador antes de tudo, isto porque dessa forma ele conseguirá chegar ao seu aluno com mais veemência e assim conseguirá atingir seus objetivos.

Machado (2004) quando diz que “...o alcance da mídia pode ser muito maior e atingir muito mais gente, contribuindo para distribuir a informação e o conhecimento pelo mundo, possibilitando a democratização das sociedades... esse processo será inteiramente frustrado se não garantir a possibilidade de que muitas vozes sejam ouvidas e não souber aceitar que essas vozes diferentes possam parecer dissonantes. Dissonantes e até desafinadas. Não apenas nos temas de que tratam, nas luzes que lançam sobre eles e no que deixam na sombra, no ângulo que escolhem para observar o real e narrar o que vêem, mas sobretudo na linguagem com que o fazem.” (4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes).

É preciso que os professores estejam cientes de que um dos objetivos da educação moderna é desenvolver a capacidade crítica do aluno, ao mesmo tempo em que ele ganha consciência de si mesmo, como pessoa única e valorizada. Este objetivo, contudo, é altamente desafiador no caso de nosso país, em que os indivíduos não participaram de uma história que eles construíram.

Assim sendo, usar a mídia/TV em sala de aula para futuros professores, lhes dará a oportunidade de também quando lá estiverem como profissionais da educação,

proporcionarem a seus alunos oportunidades de exercerem a sua criticidade e passarem a desempenhar o papel de cidadãos conscientes que lhes compete.

Algumas considerações podem ser feitas em relação aos questionários aplicados a professores que já lecionam e a futuros professores.

No questionário A ficou patente que é a escola particular que atualmente mais aplica seus ensinamentos através da mídia/TV.

Em relação a contribuição que pode a mídia/TV dar ao processo ensino-aprendizagem, tanto os professores que já lecionam quanto os futuros professores em sua quase totalidade reconhecem que realmente há uma contribuição dessa mídia para o processo ensino-aprendizagem.

Infelizmente conforme os futuros professores, não tem havido preocupação por parte da universidade com relação ao preparo deles para trabalhar com os meios midiáticos. O que com certeza fará com que chegam à escola com os mesmos problemas que enfrentam os professores que já lecionam, isto é, sem a devida capacitação para ampliar os conhecimentos de seus alunos e encaminhá-los a novas tecnologias.

Contudo, os futuros professores reconhecem que esse conhecimento é de suma importância para sua formação.

Em comparação ao tipo de mídia que consideram importante, os professores que já lecionam consideraram os meios que têm em mãos e que com eles já trabalham por ordem de importância: as revistas, o livro texto e a TV; enquanto os futuros professores, usuários que são do computador, consideraram que a internet é o melhor auxiliar do professor no momento.

Os futuros professores mostraram-se céticos com relação à mídia/TV como formadora de cidadãos críticos, enquanto que os professores que já lecionam consideraram que isso pode ser possível.

A mesma dúvida foi mostrada pelos futuros professores com relação a formação de cidadãos críticos-reflexivos pela mídia/TV, ainda com relação a isso os professores que já lecionam deram mais crença a esse meio mediático como formadora de cidadãos críticos-reflexivos. Entende-se que esses professores já vislumbram em seu alunado reações com aos programas que a TV apresenta ou do que nela se fala.

Por outro lado, ambos os segmentos consideram que no futuro haverá muito mais exploração da mídia em sala de aula, fato que com certeza não levará muito tempo para ser visto, tendo em vista que os meios de comunicação têm crescido hoje de forma vertiginosa.

A maioria dos professores que lecionam reconhecem que a TV tem modificado seu trabalho na sala de aula, pois muito do que lá acontece, muitas vezes é comentado e discutido em sala de aula, mesmo que sem fins pedagógicos. No entanto eles não se consideram ainda preparados para trabalhar com a mídia/TV em sala de aula. Como já foi dito acima, não houve capacitação para tanto.

Os futuros professores em unanimidade, admitem que num futuro bem próximo muito será explorado em sala de aula com o uso da mídia/TV. Talvez venham a ser eles os precursores desse meio de comunicação na educação.

Foram entrevistados ainda professores de instituições universitárias da cidade de Barbacena: 2 instituições universitárias; 1 escola estadual(pública) e 1 escola particular, com idades entre 23 e 39 anos, 5 formados em Letras, 2 formados em Ciências da Computação e 1 formado em Normal superior e outro graduado em História, desses, 4 não possuem curso de pós-graduação.

A eles foram feitas perguntas sobre o Uso da Mídia subdivididos em 3 temas e subdivididos ainda em a, b, c por exemplo, como será visto a seguir.

1. Relação entre mídia-classe social e aprendizagem

Foi perguntado se a mídia TV atinge igualmente a todas as camadas sociais e por quê?

- A essa pergunta foi dito em unanimidade que 'não', os entrevistados consideraram que vai depender do programa visto, que a formação educacional das diversas camadas sociais é diferente. Uma dos entrevistados disse:

- A camada menos privilegiada não tem acesso aos programas televisivos com maior valor cultural, ficando, muitas vezes à margem de todo o processo.

- Quanto a se a linguagem da mídia é diferenciada para alunos do ensino médio ou superior.

Os professores consideraram que não, pois por se tratar de um meio de comunicação de massas ela atinge a todos por igual. Apenas alguns canais têm essa preocupação, mas não se pode considerar que todos estejam interessados nesses canais, só alguns. Além disso afirmou um dos entrevistados:

- Na realidade a linguagem midiática é universal. No entanto, há, de acordo com objetivos específicos, apelos mais evidentes em determinados programas que não são encontrados em outros.

- A quais tipo de influências pode ter o uso da mídia TV e se há repercussão no aprendizado e como.

Os professores consideram que a mídia/TV tem profundas influências: políticas, culturais e morais, pois ela tem se tornado o espelho da vida, nela acreditam em demasia. Entretanto alguns acham que ela pode ajudar no raciocínio crítico completando o aprendizado na sala de aula. Essas opiniões nos levam a declaração de um entrevistado que fala:

- Acredito que a TV como o maior meio de comunicação dos últimos tempos, é o de mais fácil acesso pela população, assim sendo é a grande formadora de opiniões, repercutindo no aprendizado de forma positiva, quando aguça a criticidade dos alunos e de forma negativa quando apenas reproduz a opinião imposta pela TV.

Pode-se observar que nesse item que os professores consideraram que a linguagem da TV é para todos, é um meio de comunicação de massas, e por isso atinge todas as camadas sociais e que influencia o indivíduo em sua vida cotidiana, que apesar de poder proporcionar um raciocínio crítico, leva o indivíduo a ser uma cópia estereotipada do que ela apresenta.

2. Recursos na escola ou sala de aula

- Sabendo que as escolas públicas possuem um kit tecnológico, perguntou-se se há aproveitamento desse material no aprendizado dos alunos.

Nesse item as respostas foram diferenciadas, pois alguns os professores não viram até agora um proveito tirado desse material, tendo em vista que na sala de vídeo são apenas passados filmes que nada têm a ver com os conteúdos de sala de aula, por outro lado a maioria dos professores não sabem como trabalhar o material que receberam, não foram capacitados para tanto. Acham que o material poderia ser mais bem aproveitado. Apenas uma professora da escola particular disse que o trabalho exercido na sala de vídeo provoca inveja de outros professores, em lugar de ser aplaudido é discriminado pela supervisão da escola e que se tem a sensação

dentro da escola, de estar fazendo algo errado. Uma professora graduada no Ensino Normal Superior se expressou assim:

- Na minha opinião depende da forma como essa tecnologia é utilizada e propiciada aos alunos, se for de forma dirigida e pautada numa aprendizagem significativa o aproveitamento será qualitativo.

- A informação só pode ser decodificada pelo aluno se ele possuir formação para tal.

Os professores acreditam que não, que se pode trabalhar de forma simples para chegar ao entendimento do aluno, isto é, contextualizar para atingir objetivos. Além disso, o interesse do aluno no tema, assunto é muito importante. No entanto um dos professores acredita que:

- Qualquer pessoa seja ou não alfabetizada, possui capacidade para compreender e interpretar e todo o tipo de informação, a formação não se restringe apenas a pessoas intelectualizadas, mas através da leitura cotidiana.

- Que recursos mediáticos são utilizados e que deveriam ser utilizados em sala de aula?

Os professores não apontaram o que é utilizado ou o que deveria ser utilizado, apenas discorreram sobre os recursos: data-show, PC x TV, internet, jornais, revistas, livros-texto, retroprojektor.

Constata-se aqui, que embora se saiba que as escolas possuam um kit tecnológico enviado pelo governo para ser trabalhado em sala de aula, isso não acontece, primeiramente porque não há capacitação do professores para tal, depois porque a própria escola na vê como aula esse tipo de trabalho. Eles consideram ainda os alunos

têm condições de decodificar o material passado através da mídia TV, mesmo aqueles das classes menos privilegiadas, o que vai motivá-los é o interesse pelo tema. E quanto a recursos midiáticos todos os existentes são considerados importantes para o processo ensino-aprendizagem.

3. A TV e seu uso, bem como a TV Escola

- Os professores estão preparados para trabalhar com a mídia/TV em sala de aula?

Dos 8 professores apenas 2 disseram que não os outros disseram que sim, porém apenas 1 disse que a utiliza em sua prática diária. Uma fala do professor dá a dimensão do que acontece nos nossos dias, o que infelizmente vem se tornando uma verdade, tendo em vista a busca por melhores salários. Vejamos o que disse uma das professora:

- Não, trabalho os três turnos e só tenho tempo de saber o que está acontecendo na mídia no final de semana.

- Se conhece a TV Escola e ao que ela transmite.

Quatro dos professores não conhecem ou conhecem muito pouco, 4 disseram que consideram o que a TV escola muito bom, didáticos, imparciais, educativos, apenas um não vê aplicação em sua sala de aula, pois trabalha com ciência da computação. Uma professora que leciona literatura infanto-juvenil de 5ª a 8ª série disse, claramente:

- Conheço muito pouco.

- Em relação ao alcance de programas da TV Escola para formação de professores. Quatro professores consideram que pode auxiliar os professores, um considerou morno, outro disse que não há interesse por parte dos professores pela decepção

com a própria carreira, três não deram resposta. A mesma professora acima respondeu:

- *Não conheço*

- Quanto a trabalhar com algum tipo de programação da mídia TV em sala de aula, qual e do aproveitamento.

Seis professores responderam que não trabalham, um disse que aproveita cenas de desenhos animados, novelas propagandas e o telejornal e provoca a reflexão dos alunos, outro que utiliza o programa Roda-viva, e Observatório a Imprensa para análise com formação de júri simulado para produção de texto dos temas trabalhados, outro trabalha com propaganda, telejornal o que provoca um aprendizado e reflexão dos alunos.

Nesse item constatou-se que os professores não estão de fato preparados para trabalhar com a mídia/TV em sala de aula, só alguns conhecem a TV Escola e a maioria não trabalha os programas da TV Escola em sala de aula. Apenas uma, que trabalha com os três níveis de ensino, fundamental e superior, declarou:

- *Sim, Roda-Vida, e Observatório da Imprensa. Analisa-se e discute-se em plenário coma formação de júri simulado e a conseqüente produção de tetos de diversas tramas.*

Conclui-se que os professores desconhecem que a própria TV Escola prepara os professores.

Vejamos o que diz de Belloni a esse respeito.

A TV Escola é um programa de grande porte do Ministério da Educação (Secretaria de Educação a Distância), cujo objetivo é oferecer, aos professores

da educação básica em todo o país, oportunidades de formação continuada, na modalidade à distância, buscando contribuir de forma aberta, flexível e informal (não regular, sem avaliação nem certificação) para a melhoria da formação dos professores em exercício nas escolas brasileiras. Nesse sentido, pelo menos em termos de discurso, a proposta pedagógica da TV Escola se vincula mais ao conceito de aprendizagem aberta do que propriamente ao conceito tradicional de educação a distância. (www.scielo.br/pdf)

Pelo que se entende é o professor que deve buscar a sua formação, sua capacitação no sentido de entender através dos próprios projetos estabelecido pela TV Escola. como utilizar os ensinamentos que ela oportuniza através de seus diversos programas.

A TV Escola, não é educação à distância, por que ela não pede retorno dos conhecimentos adquiridos, ela espera que o professor entenda os programas e os viabilize em sala. Talvez por falta desse conhecimento os professores não o conheçam de fato, isso porque a escola não vai dar a eles um momento durante seu período de exercício, eles é que devem buscar meios, para, entrando em contato direto com os programas por sua própria vontade, formar seu juízo a respeito deles.

Além disso, TV Escola inaugurada em 1996, coloca no ar diariamente 14 horas de programação, sendo destas, 4 horas de programação inédita. Há uma enorme diversidade de programas e a quantidade de títulos cresce a cada dia. Alguns vídeos são produzidos com as próprias experiências de professores usuários. A programação pode ser conhecida consultando a Grade de Programação que é distribuída às escolas mensalmente e também pela Internet no site: <http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>. A principal proposta é que os programas transmitidos sejam gravados em fitas de videocassete para posterior utilização do professor em sala de aula ou para sua capacitação e atualização profissional. A programação da TV Escola inclui o Programa Salto para o Futuro, especificamente produzido para o aperfeiçoamento de professores. Em alguns Estados e municípios, o Salto para o Futuro é utilizado como apoio aos cursos de formação de professores para as séries iniciais e a participação em um determinado número de séries permite contagem de pontos para progressão na carreira.

Como se pode ver se todas as escolas sejam elas municipais ou estaduais possuem recursos para trabalhar com a mídia/TV, será que os professores desconhecem isso?

Segundo Rivoltella em entrevista a Multirio RJ em 2006,

Os professores não estão preparados. Os cursos de formação não abrem espaço para esta discussão e conseqüentemente não preparam os profissionais para esta realidade. Muitos professores ainda acreditam que mídia-educação se resume apenas na utilização dos aparelhos na sala de aula. É difícil convencê-los de que a mídia deve ser parte do processo, deve estar articulada com o cotidiano dos alunos e que deve ser, inclusive, objeto de estudo. Para mudar este cenário, as universidades vêm desenvolvendo projetos e oferecendo cursos de atualização para os professores. Criamos também na Itália a Associazione Italiana per l'educazione ai media e alla comunicazione (MED), que tem o objetivo de intercambiar experiências entre os professores e divulgar projetos bem sucedidos para a sociedade. Avançamos, mas é preciso muito mais. É necessário que haja um comprometimento político para que efetivamente este campo de trabalho tenha êxito. Nos anos 90, não tínhamos praticamente nenhum curso sobre mídia e educação nas universidades. Hoje, 15 anos depois, pelo menos, 12 instituições já oferecem algum módulo nesta área. (<http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia>)

As informações nessa entrevista fecham a nossa pesquisa em torno do tema.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia tem de fato provocado uma mudança nos meios escolares, e alguns professores até têm procurado se adaptar a essa nova forma de trabalhar e adaptando-a a seus conteúdos e muitas vezes até alcançando êxito, porém essas experiências são pouco difundidas ou mesmo desconhecidas por muitos.

No entanto, em um mundo cada vez mais tecnológico, onde os avanços conquistados nas áreas tecnológicas têm tornado as relações mais rápidas, sobretudo no campo da comunicação, torna-se imperativo que a educação acompanhe esse processo para que esta não caminhe na contramão do mundo globalizado.

Frente a todas as transformações impostas devido ao constante progresso tecnológico da sociedade moderna, é preciso valorizar a formação do indivíduo para que seja capaz de interagir de várias e possíveis maneiras nessa sociedade em constante modificação. As inovações tecnológicas provocam mudanças no cotidiano escolar. Porém a rapidez da demanda tecnológica nem sempre corresponde à capacitação dos professores o que muitas vezes resulta na utilização inadequada ou na falta de uso dos recursos tecnológicos disponíveis.

Por isso, o professor deve ter claro que o principal motivo para o uso das mídias em sala de aula é a construção do cidadão competente para a vida em sociedade, sabendo utilizar os recursos tecnológicos de forma crítica e criativa estará contribuindo diretamente para isso. Para isso ele deve estar consciente de que o trabalho com a mídia no cotidiano não é algo simples, mas é um constante e complexo desafio que exige preparo e formação.

Sabe-se que o educador do futuro não pode ficar estagnado, parado em seu mundo imutável, o novo educador deve estar sempre em formação permanente. Logo, o estudo das mídias aplicadas à educação deve ser um item indispensável nesse processo de formação continuada.

Pode-se observar que não existem muitas diferenças nas respostas dadas pelos professores que já lecionam e os futuros professores e para os primeiros a mídia quase que não faz parte de sua sala de aula. Esses últimos têm a seu favor, que a universidade não tem se preocupado em levar a eles a mídia. Porém, todos sabem que isso será necessário num futuro próximo, o que fará com que eles na sua busca por soluções inovadoras em sua prática diária tenham suas respostas num maior conhecimento dos meandros da mídia e da contribuição que ela pode trazer ao processo ensino-aprendizagem que irão por em funcionamento num futuro bem próximo.

Quando das entrevistas a professores das diversas instituições de ensino, observou-se que embora eles saibam que inovações são necessárias, não estão preparados para tanto. Alguns nem sabem mesmo do que trata a TV Escola e de como ela pode facilitar seu trabalho no processo ensino-aprendizagem.

Espera-se, no entanto esse conhecimento flua pelos tempos a fora e que a tecnologia aplicada ao processo educativo possibilite a articulação entre idéias e pensamentos, a realização de ações individuais e coletivas e que propiciem a constante reflexão e questionamento destas ações.

A produção do conhecimento hoje não dispensa a nossa capacidade de dialogar com os aparatos tecnológicos, incentivando as pessoas a construírem, com eles, novas possibilidades de usos, submetendo as máquinas ao nosso poder e desejo de inventar outros jogos ainda não revelados na prática.

Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. Temos feito apenas adaptações, pequenas mudanças. Agora, na escola, no trabalho e em casa, podemos aprender continuamente, de forma flexível, reunidos numa sala ou distantes geograficamente, mas conectados através de redes de televisão e da Internet. O presencial se torna mais virtual e a educação a distância se torna mais presencial. Os encontros em um mesmo espaço físico se combinam com os encontros virtuais, a distância, através da Internet e da televisão. (MORAN, www.eca.usp.br/prof/moran/desafio)

Pretendeu-se nessa pesquisa observar a influência da mídia no aprendizado, e constatou-se que de fato essa influência acontece que há uma real contribuição da mídia/TV no processo ensino-aprendizagem, apesar das dificuldades encontradas tanto por professores que lecionam, como pelos futuros professores. No entanto, apesar dessa constatação a mídia é pouco trabalhada em sala de aula, vejamos os professores que já lecionam dão preferência a outros recursos tal como o livro texto e as revistas, enquanto que os futuros professores se fixam com mais facilidade na internet. Além disso na formação dos futuros professor ainda não teve lugar a preparação para o uso em sala de aula da mídia/TV. Contudo, todos reconhecem que ela tem condições de contribuir para uma formação crítica do aluno e que ela pode ser até crítica-reflexiva.

Por outro lado concordando que o uso da mídia TV é de extrema importância no trabalho do professor hoje, os futuros professores não estão tendo a formação necessária para aplicá-la em sala de aula quando lá estiverem, o que é surpreendente, tendo em vista que a tecnologia inovadora é alardeada por todos como uma solução para um ensino de qualidade, para a formação de cidadãos críticos e num momento que muitos profissionais necessitam dessa formação que a sociedade solicita deles por ser uma formação compatível num momento histórico em que o mundo explode em tecnologia. Aliado a isso, os professores que já estão lecionando necessitam com urgência repensar sua prática pedagógica, pois correm o risco de muitos de seus alunos se adiantem a eles em conhecimento do mundo.

Enfim, a televisão pode contribuir para estreitar a diferença que existe entre o professor e o aluno deixando este mais próximo da escola e esta mais perto do aluno. Para integrá-la na educação é necessário transformar esse meio em objeto de estudo, ensinar os mecanismos técnicos e econômicos de seu funcionamento, oferecer orientação e recursos para análise crítica dos conteúdos, realizar uma abordagem do conteúdo televisionado partindo de todas as perspectivas: técnica, expressiva, ideológica, social, econômica, ética, cultural, etc.

Incluir a televisão na sala de aula, em todas as áreas e níveis de ensino, não para aumentar o seu consumo, mas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, pode ser uma excelente iniciativa para enriquecer esse processo.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA está de costas para a televisão. Disponível em: <<http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/220>> Acesso em 12/12/2005.

A HISTÓRIA DA Televisão. Disponível em: <http://html.rincondelvago.com/historia-de-la-television-en-el-mundo-y-en-mexico.html>. Acesso em 09/02/2007.

A INSTRUÇÃO da mídia nos estudos sociais. Disponível em The University of Texas at Austin: <[www.utopia_utexas_edu-explore-team-Media_Education.htm](http://www.utopia.utexas.edu/explore-team-Media_Education.htm)> Acesso em 10/11/2005.

ABICALIL, Carlos Augusto. *Mídia & Educação: Perspectivas para a Qualidade da Informação*. Brasília, 2000.

ADORNO, Theodor W. *“Educação e Emancipação”*. Editora Paz e terra. Rio de Janeiro: 1995.

ALBERGUINI, Audre Cristina, A relação necessária entre escola e mídia diante da crise ambiental. *Revista Mídia e Educação*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/>>. Acesso em 24/10/2006.

ALVES, Rubem. *Sapiciência e Ciência – O dilema da educação*. Edições Loyola. 10ª Edição. São Paulo: 2003.

ASSIS Chateaubriand. Disponível em: <http://www.microfone.jor.br/>. Acesso em 09/02/2007.

BARDANACHVIL, Eliane. *História do professor interfere no uso que faz da tecnologia. Entrevista/ Nilda Alves*. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/jb/papel/cadernos/emprego/2001/03/17/joremp20010317003.html>>. Acesso em 12/12/2005.

BARRETO, Raquel G. *A apropriação educacional das tecnologias da informação e da comunicação*. In: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *O currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 216-236.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é Mídia-Educação*. Editoras Autores Associados. Campinas, SP: 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

_____. *A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores*. Educ. Pesqui. vol.29 nº 2 São Paulo July/Dec. 2003.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente*. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2000. – (Coleção Papirus Educação).

BORIN Jair. *História da Mídia* (30/06/01). Disponível em: <<http://cidade.usp.br/educar2001/mod3ses3.php>>. Acesso em 25/05/05.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultural. - MEC. *Referencial Pedagógico-Curricular para a Formação de Professores da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino fundamental*. Brasília: 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. SEED - Secretaria de Educação a Distância. TV Escola. Salto para o Futuro. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/>>. Acesso em 09/03/2006.

CABRAL Adilson. *APOTEÓSE E APOCALÍPSE: INTERNET e educação no Brasil*. Disponível em: <<http://www.comunicacao.pro.br/artcon/interneduc.htm>> Acesso em 29/10/2006.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura: A Sociedade em Rede*. V. 1. 5 ed. São Paulo: paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 9ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes. 1994.

CONSONI, Adelaide. *A influência da mídia no imaginário infantil*. Disponível em <www.aliancapelainfancia.org.br/paginas/imaginario.htm>. Acesso em 01.07.2005.

CYSNEIROS, P.G. *Programa Nacional de Informática na Educação. Novas Tecnologias, velhas estruturas*. In: Barreto, R. G. (Org.). *Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: Avaliando políticas e práticas*. Quartet. Rio de Janeiro. 2003.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. *Educação na Idade Mídia: A reconfiguração da Escola no espaço urbano*. Plurivesa – Complexa, Política e Cultura. <<http://www.gocities.com/pluriversu/midia.html>>. Acesso em 28/06/2005.

DEBORD, Guy. *Sociedade de Espetáculo*. 2000. Site: <www.terravista.pt/IlhadoMel/1540>. E-mail: Jneves@geocities.com. In: BORGES Maitê Mendes e MARTINS Thyago da Silva *O Show de Truman e a Sociedade de Espetáculo*. Disponível em <http://www.pfilosofia.pop.com.br/04_miscelanea/04_10_cinema/cinema05.htm>. Acesso em 25/06/2005.

DUARTE, Roberto Dias *Conhecimento e desenvolvimento*. 2006. Disponível em: http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosTecnologia_lista.asp?artigo=artigo0052.

EDGARD Roquete Pinto. Disponível em: <http://www.microfone.jor.br/>. Acesso em 09/02/2007. Acesso em 08/02/2007.

ENTREVISTA A Pier Cesare Rivoltella . *Professor italiano defende a formação do mídia-educador*. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia/_por_entrevista_home_topo.asp?id_entrevista=9>. Acesso em 28/10/2006.

FILHO, Ciro Marcondes. *“Televisão”*. Editora Scipione. São Paulo: 1995.

FILHO, Luiz Maranhão. “Educação e Mídia”. Revista Educação e Mídia. <<http://www.proext.ufpe.br/cadernos/educação/mídia.htm>>.

_____. Educação e Mídia. <<http://www.proext.ufpe.br/caderno/educação/mídia.htm>>.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: Mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, 1996.

_____. *O dispositivo da mídia: modos de educar na (e pela) TV*. Educação e Pesquisa. V. 28, n.1. São Paulo. Jan/Jun 2002.

_____. *Televisão e Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2001. In: GOMES, Paola Basso Menna Barreto. *Mídia, imaginário de consumo e educação*. Educ. Soc. vol.22 no.74 Campinas Apr. 2001.

FRADKIN Alexandre. *A História da Televisão Pública/Educativa*. Disponível em: www.abtu.org.br.

FRANÇA, Junia Lersa. “Manual para normatização de publicações técnico-científicos”. Ed. UFMG. Belo Horizonte: 2003.

GARCIA Paulo Sérgio. *A Internet como nova mídia na educação*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/2361/intmid.htm>>. Acesso 08/09/2002.

GARDNER, Howard. *Arte, Mente e Cérebro: Uma abordagem cognitiva da criatividade*. ArtMed. Porto Alegre: 1999.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. Ed. Atlas: 2003.

GIRARDELLO Gilka. *David Buckingham: recriando a TV em sala de aula*. Disponível em: <<http://www.midiativa.tv/index.php/educadores/content/view/full/1783/>>. Acesso em 26/10/2006.

- GOERGEN, P. *Pós-modernidade, ética é educação*. Campinas: Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. *Mídia, imaginário de consumo e educação*. Educ. Soc. vol.22 nº 74 Campinas: Abr. 2001. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 08/09/2005.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias*. Educ. Pesquisa. vol.29 nº 2 São Paulo: July/Dec. 2003.

_____. *Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais*. In: Barreto, R. G. (Org.). 2003. *Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: Avaliando políticas e práticas*. Quartet. Rio de Janeiro, p. 74-84.

LEITE, Márcia. *A influência da mídia educação*. Revista Mídia e Educação. Dezembro: 2000. <<http://www.redebrasil.tv.br/educação/artigos/artigo9.htm>>.

LEITE, Márcia. *A influência da mídia educação*. **Revista Mídia e Educação**. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/>>. Acesso em 24/10/2006.

LIMA, Luis Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LITTO Fredric Michael. *Previsões para o Futuro da Aprendizagem*. 2002 Disponível em: <<http://www.futuro.usp.br>>. Acesso em 03/01/2006.

LOZZA Carmen. *Programas de leitura conquistam novos leitores e estimulam cidadania*. Brasília: Jornal e Educação da ANJ, 2004. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>> - Acesso em 03.01.2006.

LUSVARGHI, Luiza. Sobre a Internet na sala de aula. *Revista Mídia e Educação*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/>>. Acesso em 24/10/2006.

MACHADO, Ana Maria. Palestra. 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, MIDIATIVA. 2004.

MAGALDI, Sylvia. *A TV como objeto de estudo na educação: idéias e práticas*. In: FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

MAGALHÃES L.K.C. 2003. *Programa TV Escola: o dito e o visto*. In: Barreto, R. G. (Org.). *Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: Avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

MANDARINO, Mônica Cerbella Freire. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. Disponível em: Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924.

MARTÍN-BARBERO, J. (2000) *Novos regimes de visualidade e descentramentos culturais*. In: Valter, F. (org.) *Batuques, fragmentações e fluxos*. DP&A, Rio de Janeiro.

MEC. *Referencial Pedagógico-Curricular para a Formação de Professores da Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino fundamental*. Brasília: 1997.

MIRANDA, G.M. Novo paradigma de conhecimento e políticas educacionais. *Cadernos de Pesquisa* 100, Fundação Carlos Chagas, São Paulo: Cortez, 1997, p. 37-48, 1997.

MORAN, Manuel. A tecnologia de ponta e a comunicação professor-aluno. In: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, São Paulo, 1996. Comunicação e Plano Decenal de Educação: rumo ao ano 2003. São Paulo, 1996. (xerox)

_____. *Desafios da televisão e do vídeo à escola*. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm>>. Acesso em 29/10/2006.

Moran, José Manuel. *Ensino e aprendizagem inovadoras com tecnologias audiovisuais e telemáticas*. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2000. – (Coleção Papirus Educação).

O projeto *O Jornal na sala de aula*. Diário do Nordeste. Fortaleza-Ceará. 01/07/2005.
Organization Studies. V. 13. n.1. p. 001-017, 1992. In: *Organizações pós-modernas: possibilidades e considerações*. Disponível em <http://www.fgvsp.br/iberoamerican/Papers/0381_Organizacoes%20Posmodernas.pdf>. Acesso em 30/06/2005.

PAIT, Heloísa. Anéis de Prata: ensino e fascínio na era da televisão. *Revista Mídia e Educação*. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/>>. Acesso em 24/10/2006.

PARKER, M. *Post-modern organizations or postmodern organization theory?*

PEREIRA, Rita M. Ribes. *Infância, televisão e publicidade: metodologia de pesquisa em construção*. Cadernos de Pesquisa. N. 116. São Paulo. Jan/Jun: 2002.

Professor italiano defende a formação do mídia-educador. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/riomidia/por_entrevista_home_topo.asp?id_entrevista=9>.

- PUGA Cecília Maria Lopes. *O jovem e a televisão*. Revista Mídia e Educação. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/educacao/>>. Acesso em 24/10/2006.

RAMALHO, Priscila. *A Escola dos Nossos Sonhos*. Entrevista com Juan Duval ao Portal do Governo do Estado de São. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ens_a.php?t=03>. Acesso em 13/12/2005.

SANTANA, Marcos Sílvio de. *A violência na mídia e seus reflexos na sociedade*. Jus Navigandi, Teresina, a. 8, n. 276, 9 abr. 2004. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=5062>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

SCHAUN Ângela. *Mídia & Educação: Perspectivas para a Qualidade da Informação*. Brasília, 2000.

SCHEMES, Jorge N. N. *O advento da televisão e a educação*. Disponível em: <[www.geocities;yahoo.edu_midia/edu_midia.htm](http://www.geocities.yahoo.edu_midia/edu_midia.htm)>. Acesso em 12/06/05.

SETTON, Maria das Graças J. *Família, escola e mídia: um campo com novas configurações*. Educação e Pesquisa. V. 28, n. 01. São Paulo. Jan/Jun: 2002.

SILVA, H. L. F. - *Indústria cultural e educação infantil: o papel da televisão*. Revista da UFG, Vol. 5, No. 2, dez 2003 on line (www.proec.ufg.br). Acesso em 28/10/2006

- SILVA Marco. *De Anísio Teixeira à Cibercultura: Desafios para a Formação de Professores Ontem, Hoje e Amanhã*. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/293/boltec293c.htm>>. Acesso em 27/10/2006.

SILVA, Maurício Ferreira da. *Mídia e Educação: Paradigmas da cidadania*. <<http://www.sociologia.org.br/tex/arti10.htm>> Acesso em 25/05/2005.

STEINBERG, Shirley. *Kindercultura: a Construção da Infância pelas Grandes Corporações. Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria de Educação, 1997. In GOMES, Paola Basso Menna Barreto. *Mídia, imaginário de consumo e educação*. Educ. Soc. vol.22 nº.74. Campinas, Apr. 2001.

TELEVISÃO no Brasil. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o_no_Brasil. Acesso em 10/02/2007.

TEMER Ana Carolina Rocha Pessoa, PACHANE Graziela Giusti. *Leitura e ensino: o uso do jornal pelo professor da educação superior*. Disponível em: <http://www.acordeduca.com.br/CD_seminario/Textos/Comunicacao_Oral_Sala2/AnaCarolinaRocha.htm>. Acesso em 28/10/2006

TOSCHI, M.S. 2003. *TV Escola: O lugar dos professores na política de formação docente*. In: Barreto, R. G. (Org.). *Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: Avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

UNESCO. *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: MEC/Cortez, 1998.

VALLE Luciana Rocha de Luca Dalla; CRUZ Dulce Márcia. *Reinventando a TV e o Vídeo na Escola: Uma Experiência com a TV Escola e os Professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná*. Disponível em: <www.abed.org.br>. Acesso 12/12/2005.

VEJA na sala de aula. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/idade/saladeaula/>>. São Paulo: Editora Abril. Acesso em 25/06/2005.

VIEIRA, Geraldinho. *Mídia & Educação: Perspectivas para a Qualidade da Informação*. Brasília, 2000.

UNESCO. *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: MEC/Cortez, 1998.

Vygotsky, L. S. *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ANEXOS

Anexo 1 - CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

Anexo 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Anexo 3 - CARTA DE INFORMAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Anexo 4 - **Questionário A**

Anexo 5 - **Questionário B**

Anexo 6 - **Entrevista**

Anexo 1

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

O presente trabalho se propõe a investigar o impacto da mídia sobre a educação a partir da evolução no processo de informação, buscando compreender sua importância na formação e prática do professor, bem como sua influência no processo ensino-aprendizagem com a mídia TV, considerando os desafios e complexidade da realidade emergente.

Para isso serão aplicados questionários e entrevistas a professores de Língua Portuguesa de uma escola pública, assim como de uma escola particular, situadas na cidade de Barbacena – MG, além de professores em formação do curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNIPAC/Barbacena.

Os instrumentos de avaliação serão aplicados pelo pesquisador responsável nas instituições acima referidas. Esse material será posteriormente analisado e será garantido sigilo absoluto sobre as questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes, bem como a identificação do local da coleta de dados. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Aos participantes cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum. Os dados coletados serão utilizados na dissertação de mestrado de Gilmar Serafim de Paiva, aluno do curso de Mestrado em Educação e Sociedade da UNIPAC.

Gilmar Serafim de Paiva
Pesquisador

Profª Drª Marília Araújo Lima Pimentel
Orientadora

Anexo 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende à exigências legais, (o) senhor(a) _____, sujeito de pesquisa, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos que lhe serão solicitados, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar a pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa certificando-se que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

Assinatura do sujeito ou seu representante legal

Anexo 3

CARTA DE INFORMAÇÃO À INSTITUIÇÃO

Esta pesquisa tem como intuito a investigação do impacto da mídia sobre a educação a partir da evolução no processo de informação, buscando compreender sua importância na formação e prática pedagógica do professor, bem como sua influência no ensino-aprendizagem da mídia TV, mediante atuais desafios e complexidade da realidade emergente.

A coleta de informações objetiva analisar o conhecimento que os professores possuem com relação ao trabalho realizado pela mídia TV, e como ela influi no aprendizado escolar. Para tal solicitamos a autorização desta instituição para entrevistar alguns professores e para aplicação de nossos instrumentos de coleta de dados; o material e o contato interpessoal não oferecerão riscos de qualquer ordem aos colaboradores e à instituição. Os indivíduos não serão obrigados a participar da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento. Tudo o que for falado será confidencial e usado sem a identificação do colaborador e dos locais. Quaisquer dúvidas que existirem agora ou depois poderão ser livremente esclarecidas, bastando entrar em contato conosco. De acordo com estes termos, favor assinar abaixo. Uma cópia ficará com a instituição e outra com o pesquisador. Obrigado.

Gilmar Serafim de Paiva
Pesquisador

Profª Drª Marília Araújo Lima Pimentel
Orientadora

Anexo 4

Questionário A

Questionário para professores que já lecionam

O impacto da mídia/tv no processo ensino-aprendizagem

Tipo de estabelecimento

Escola: municipal estadual particular

1. Na sua opinião, a mídia pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem?
 Sim Não Às vezes

2. Você desenvolve algum tipo de trabalho em sua disciplina que tenha a ver com a Mídia.
 Sim Não Às vezes

3. Qual mídia é trabalhada em sala de aula?
 TV Jornal Revista Internet Livro-texto Internet Outras

4. A TV, como veículo de informação, colabora na formação de indivíduos críticos?
 Sim Não Às vezes

5. Na sua opinião é possível formar o cidadão crítico-reflexivo através das informações transmitidas pela TV?
 Sim Não Às vezes

6. Nos dias atuais é possível ignorar o uso das informações transmitidas pela TV, na prática pedagógica?
 Sim Não Às vezes

7. No seu ponto de vista, você considera que o uso da TV tem modificado o trabalho do professor
 Sim Não

8. O professor se considera preparado para trabalhar com a mídia?
 Sim Não

Anexo 5

Questionário B

Questionário para o futuro professor

O impacto da mídia/tv no processo ensino-aprendizagem

Curso em que está se graduando: _____
Período _____

1. Na sua opinião, a mídia pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem?
 Sim Não Às vezes

2. Você tem recebido algum tipo de formação para o trabalho com a mídia em sala de aula?
 Sim Não Às vezes

3. Acredita ser importante este tipo de aprendizado na formação do professor?
 Sim Não Às vezes

4. Que tipo de mídia considera mais importante para auxiliar o professor ensino-aprendizagem
 TV Jornal Revista Internet Livro-texto Internet
Outras

5. Considera que a TV pode colaborar na formação de indivíduos críticos?
 Sim Não Às vezes

6. É possível formar o cidadão crítico-reflexivo através das informações transmitidas pela TV?
 Sim Não Às vezes

7. Nos dias atuais é possível ignorar o uso das informações transmitidas pela TV, na prática pedagógica?
 Sim Não

8. Você acha que o futuro nos reserva uma maior exploração da mídia em sala de aula?
 Sim Não

Anexo 6

Entrevista

O presente instrumento faz parte de uma pesquisa sobre o uso da mídia televisiva na educação. Agradecemos a participação de todos que se dispuseram a respondê-lo.

I) IDENTIFICAÇÃO

1) Idade: _____ anos

2) Sexo: (F) (M)

3) Instituição: _____

4) Graduação: _____ 5) Ano de conclusão: _____

6) Fez Pós-graduação: (Sim) (Não) Qual? _____

7) Em que séries/períodos/disciplinas leciona atualmente? _____

8) Há quanto tempo atua nessa disciplina? _____

II) USO DA MÍDIA

I. Relações entre mídia-classe social e aprendizagem

a) Na sua opinião, a mídia tv atinge igualmente a todas as camadas sociais? Por quê?

b) Você considera que a mídia tv oferece uma tradução/linguagens diferenciadas para o aluno, seja ele de nível médio ou superior? Por quê?

c) Que tipos de influências pode acarretar o uso da mídia TV? Isso repercute no aprendizado? De que modo?

II. Recursos na escola ou sala de aula

a) A maioria das escolas possuem um kit tecnológico (TV, videocassete, DVD, parabólica e computadores). Você acredita que há um aproveitamento real desse material no aprendizado dos alunos?

b) Na sua opinião, a informação só pode ser decodificada pelo aluno se ele possuir formação para tal?

c) Que outros recursos midiáticos você utiliza ou gostaria de usar em sala de aula?

III. A TV e seu uso, bem como a TV Escola

a) Você está preparado para trabalhar com a mídia tv em sala de aula?

b) Você conhece a TV Escola? Que acha dos programas transmitidos por ela?

c) Qual o alcance de programas para formação de professores pela TV Escola?

d) Você trabalha com algum tipo de programação da mídia TV em sala de aula? Qual? Como é feito seu aproveitamento?